



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

Camila de Fátima Leal Rodrigues

**NARRATIVAS AFROCENTRADAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL:
INCLUSÃO E REPRESENTATIVIDADE NOS ACERVOS DAS BIBLIOTECAS
ESCOLARES FEDERAIS DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

CAMILA DE FÁTIMA LEAL RODRIGUES

NARRATIVAS AFROCENTRADAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL:
inclusão e representatividade nos acervos das bibliotecas escolares
federais do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia. Linha de Pesquisa:
Linha de Pesquisa: Organização e Representação do Conhecimento

Orientadora: Prof^a Dr^a Tatiana de Almeida

Rio de Janeiro
2025

R696 Rodrigues, Camila de Fátima Leal.

Narrativas afrocentradas na literatura infantojuvenil: inclusão e representatividade nos acervos das bibliotecas escolares federais do Rio de Janeiro. / Camila de Fátima Leal Rodrigues. – Rio de Janeiro, 2025,

164 f.: il.; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana de Almeida.

Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2025.

Bibliografia: p. 112-127.

1. Literatura infantojuvenil afrocentrada. 2. Bibliotecas escolares. 3. Letramento racial. 4. Competência em informação. 5. Educação antirracista. 6. Literatura antirracista I. Almeida, Tatiana de, orientadora. II. Título.

CDD 928.69

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

FOLHA DE APROVAÇÃO

CAMILA DE FÁTIMA LEAL RODRIGUES

**NARRATIVAS AFROCENTRADAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL:
inclusão e representatividade nos acervos escolares federais do Rio de
Janeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Aprovada em: 30/10/2025.

Profª Drª Tatiana de Almeida (Orientadora) – Presidente
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profª Drª Márcia Feijão de Figueiredo – Titular Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profª Drª Marianna Zattar – Titular Externo
Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profª Drª Brisa Pozzi de Sousa – Suplente Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profª Drª Rosimere Mendes Cabral – Suplente externo
Universidade Federal Fluminense - UFF

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por ter me presenteado com essa família que amo tanto.

Agradeço a minha mãe Eva por ter me alfabetizado e ter aprendido comigo e meus irmãos o conteúdo escolar. Te agradeço mãe por ser nosso porto seguro e ser aquele colo quentinho quando nos sentimos inseguros. Te agradeço por trançar o amor quando está mexendo no meu cabelo crespo. Te agradeço por ter me ensinado ainda pequena como fazer panquecas. Rsrtrs... Te agradeço por ter me dado a vida e todo o ensinamento.

Agradeço ao meu pai Carlos por sua resiliência em estudar e trabalhar para oferecer aos seus filhos o melhor que podia. Como ele diz: não tive o prazer de ver vocês crescendo porque tinha que trabalhar e hoje aproveito dos meus filhos já adultos. Te agradeço pai pelos domingos assistindo uma partida de futebol. Te agradeço por sempre dizer que devemos sonhar alto e não nos polir pelo que falam sobre nós. Agradeço à você e minha mãe por terem nos proporcionado o que há de mais valioso: acesso à educação e o direito de sonhar.

Agradeço a minha irmã Carla Fernanda por nunca me deixar desistir e dizer sempre que sou capaz. Te agradeço irmã por ser meu exemplo de profissional e pessoa. Te agradeço por ser a irmã mais velha que me protege e me incentiva sempre. Você é incrível e como sou abençoada por ser sua irmã caçula que sempre te admirou e sonhou ser como você.

Agradeço ao meu irmão Carlos Alexandre por uma infância feliz, por construir as casinhas de boneca com pedaços de tijolo no quintal. Te agradeço por sua presença e cuidado. Te agradeço pelas lembranças e proteção. Agradeço por ser o irmão que me ensinava as brincadeiras de “menino” e por dividir seus brinquedos comigo. Agradeço a você e maninha por fazerem de tudo por mim nesses anos. O que seria de mim sem vocês?

Pude sonhar, me dedicar, romper barreiras e seguir construindo meu castelo tijolo por tijolo por saber que tinha ao meu lado uma família maravilhosa, que aturou meus dias de desespero, de angústia, tristeza e medo. Essa escrita e toda minha caminhada de vida não seria possível sem a minha família. Se hoje concluo mais uma etapa devo a vocês.

O ingresso no Mestrado sempre foi um sonho e que alegria foi ver o meu nome entre os classificados. Olhei por várias vezes para ter certeza que a Camila de Fátima que constava na lista era eu. Foi um momento de pura felicidade e receio pelo novo que estava por vir. Conheci pessoas incríveis que como eu embarca em uma viagem que não foi solitária. Agradeço a cada um por toda vivência e compartilhamento nesses dois anos intensos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO e todos os colaboradores.

Agradeço meus amigos de longa data, Alice, Márcia e Jr por serem pessoas que emanam energia positiva, que se alegram com as conquistas dos seus e sentem orgulho por fazerem parte dessa história.

Te agradeço Alice por ser ouvinte e conselheira em momentos que muito me abalaram e me fizeram duvidar.

Te agradeço Márcia por compartilhar suas vivências, deixando claro que a caminhada e os obstáculos fazem parte para o nosso crescimento pessoal e profissional.

Te agradeço Jr, meu parceiro de concurso e conselheiro. Não faz ideia do poder que tem nas palavras e o quanto é usado pelo divino para trazer serenidade e tranquilidade nos dias turbulentos.

Agradeço às minhas amigas Andressa Rodrigues, Marcele Rodrigues e Isabella Pinto.

Te agradeço Andressa Rodrigues, você foi a primeira pessoa que conheci no primeiro dia de aula e ali nasceu uma grande amizade. Quantos desabafos tivemos nesse percurso e seguramos as mãos.

Te agradeço Marcele Rodrigues por sua amizade e serenidade. Agradeço por ser o norte de tranquilidade no nosso trio Rodrigues.

Te agradeço Isabella Pinto por sua amizade, conversas e ajuda. Agradeço por me tranquilizar em cada surto. Rsrs....

Agradeço à minha orientadora por ter embarcado comigo nessa viagem da Literatura Infantojuvenil Afrocentrada e todas as questões que ela aborda, já que se alimentar de narrativas afirmativas negras é revisitar um passado que deixou muitas marcas. Penso que a mulher que sou hoje seria diferente se a criança que fui tivesse se alimentado de histórias com protagonismo negro.

Te agradeço professora doutora Tatiana de Almeida pela confiança, aprendizagem, paciência, escuta e compreensão nessa trajetória que gerou esse fruto. Serei eternamente grata por ter segurado a minha mão. Não esquecerei jamais quando me disse que o meu tema era importante e necessário e que estaria comigo nessa pesquisa e descoberta.

Agradeço às professoras doutoras da banca examinadora da qualificação e defesa: Márcia Feijão, Marianna Zattar, Brisa Pozzi e Rosimere Cabral. Obrigada pelos ensinamentos, pelas sugestões, partilhas e incentivo.

Não poderia deixar de agradecer aos meus filhos peludos que muitas vezes com um olhar e lambeijos trouxeram leveza nos momentos mais turbulentos. Como o mundo seria mais leve se aprendêssemos um pouco com os animais e por fim, agradeço a Literatura Infantojuvenil Afrocentrada por permitir que a criança que um dia fui voltasse a sorrir.

Gratidão eterna a cada um que com seu jeito atuaram e me ajudaram na construção dessa escrita que diz muito sobre mim e sobre o desejo de um país melhor e mais justo para todos.

Oração do amanhecer

“Somos pretos e sempre seremos pretos”

Obrigada Deus por mais este dia!!!
EU ME AMO!!!
Meu orixá seja meu guia!
Meu santo(a) seja meu guia!
Ter a pele PRETA é uma honra, e mesmo com todo o racismo de uma parte da
sociedade, eu quantas vidas tiver a pele PRETA quero ter.
Meus lábios são bonitos!
Meu sorriso é bonito!
Meu cabelo é bonito!
Meu nariz é bonito!
Meus olhos são bonitos!
Meu corpo é bonito!
Eu sou PERFEITO(A)!!!
Eu posso ser o que quiser ser!!!
Ninguém tem o direito de limitar o meu espaço ou dizer onde eu devo ficar!!!
Eu sou forte e inteligente!!!
Sou descendente de Reis e Rainhas!
A sabedoria e cultura do meu povo é milenar!
E nada nem ninguém vai provar o contrário!
Mesmo com todos os riscos, mesmo com todas as ofensas, eu não abaixarei a
cabeça e não deixarei de sorrir, pois os espíritos dos meus ancestrais, hoje são
minha força e a minha proteção.
Meus ancestrais eu devo honrar, jamais esquecer a sua história, da qual hoje
eu sou mais um fruto.
Eu assumo a responsabilidade, de dar continuidade a luta dos meus ancestrais
e todos os dias lutar por RESPEITO e IGUALDADE, de todos os meus irmãos.
Juntos somos mais fortes!
VIVA o POVO PRETO!
SALVE a TERRA MÃE ÁFRICA!
Sua luta é minha luta!
EU SOU FORTE E FELIZ!

Poeta Preto

RESUMO

A dissertação analisa a presença e a representação das narrativas afrocentradas nos acervos de bibliotecas escolares federais do estado do Rio de Janeiro (Biblioteca Flor de Papel, Biblioteca Monteiro Lobato, Biblioteca do Colégio de Aplicação UFRJ e Biblioteca Floresta de Livros). O objetivo do estudo foi analisar os assuntos que representam os acervos das bibliotecas escolares federais fluminenses no que se refere às narrativas afrocentradas, com vistas à elaboração de uma lista de assuntos afrocentrados que subsidie a atualização desses acervos. Os objetivos específicos consistiram em: analisar as principais características das obras afrocentradas presentes nos acervos, considerando autores, temas e representações culturais; identificar barreiras e desafios enfrentados pelas escolas e bibliotecas na inclusão dessas narrativas; e elaborar uma lista de assuntos afrocentrados que contribua para a ampliação e decolonização dos acervos escolares. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e exploratória, de cunho qualitativo, além de identificação, análise e agrupamento dos assuntos encontrados nos acervos das bibliotecas escolares. Como produto da pesquisa, foi elaborada uma lista de assuntos afrocentrados destinada a subsidiar práticas biblioteconômicas comprometidas com a educação antirracista e a valorização da cultura e da história africana e afro-brasileira no contexto escolar.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil afrocentrada; Bibliotecas escolares; Educação antirracista; Letramento Racial; Competência em informação.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the presence and representation of Afrocentric narratives in the collections of federal school libraries in the state of Rio de Janeiro (Biblioteca Flor de Papel, Biblioteca Monteiro Lobato, Biblioteca do Colégio de Aplicação UFRJ e Biblioteca Floresta de Livros). The study aimed to analyze the subjects represented in the collections of federal school libraries in Rio de Janeiro with regard to Afrocentric narratives, with a view to developing a list of Afrocentric subjects to support the updating of these collections. The specific objectives were: to analyze the main characteristics of Afrocentric works present in the collections, considering authors, themes, and cultural representations; to identify barriers and challenges faced by schools and libraries in including these narratives; and to develop a list of Afrocentric subjects that contributes to the expansion and decolonization of school collections. The methodology used was bibliographic and exploratory research, of a qualitative nature, in addition to the identification, analysis, and grouping of subjects found in the school library collections. As a result of the research, a list of Afrocentric topics was developed to support library practices committed to anti-racist education and the appreciation of African and Afro-Brazilian culture and history in the school context.

Keywords: Afrocentric children's literature; School libraries; Antiracist education; Racial literacy; Information literacy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
Brapci	Base de Dados em Ciência da Informação
BE	Biblioteca escolar
BCG	Biblioteca Central do Gragoatá
BFP	Biblioteca Flor de Papel
BML	Biblioteca Monteiro Lobato
CAP UFRJ	Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Coluni	Colégio Universitário Geraldo Reis
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CoInfo	Competência em Informação
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
ERER	Educação das Relações Étnico- Raciais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GEBE	Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar
IFLA	International Federation of Library Association and Institution
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira
MNU	Movimento Negro Unificado
NDC	Núcleo de Documentação
SCIELO	Scientific Eletronic Library online

SNBU	Seminário Nacional de Bibliotecas e Documentação
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
UNISIST	Sistema Mundial de Informação Científica e Tecnologia
SDC	Superintendência de Documentação
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Levantamento bibliográfico	39
Figura 1 - Representação das capas dos livros infantojuvenis e infantojuvenis afrocentrados	78
Figura 2 - Extrato de títulos afrocentrados encontrados no acervo da BFP --	94
Figura 3 - Extrato de títulos afrocentrados encontrados no acervo da BML --	97
Figura 4 - Extrato de títulos afrocentrados encontrados no acervo da Biblioteca do Cap. UFRJ	99
Figura 5 - Extrato de títulos afrocentrados encontrados no acervo da Biblioteca Floresta dos Livros (Colégio Pedro II)	100
Quadro 3 - Proposta terminológica	104
Quadro 4 - Lista de assuntos afrocentrados	105

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Problema e justificativa	16
1.2	Objetivos	17
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1	Representação da Informação e a importância do assunto na literatura infantojuvenil	19
2.2	Especificidades da literatura infantojuvenil	24
2.3	Competência em informação	29
2.4	Letramento racial	33
3	METODOLOGIA	37
4	LITERATURA INFANTOJUVENIL AFROCENTRADA E SUA REPRESENTAÇÃO NOS ACERVOS	42
4.1	Bases legais para uma educação antirracista: leis, diretrizes e bibliotecas como espaço de ação	57
4.2	Biblioteca escolar e a possibilidade do letramento racial por meio da literatura infantojuvenil	65
4.3	O papel da pessoa bibliotecária no processo de letramento racial infantil	79
5	BIBLIOTECAS ESCOLARES DOS COLÉGIOS FEDERAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	84
5.1	Biblioteca Flor de Papel (BFP)	84
5.2	Biblioteca Monteiro Lobato (BML)	85
5.3	Biblioteca do Colégio de Aplicação UFRJ (Cap- UFRJ)	87
5.4	Biblioteca Floresta de Livros (Colégio Pedro II)	89
6	A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL AFROCENTRADA NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES FEDERAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	100

7	LISTA DE ASSUNTOS PARA ATUALIZAÇÃO DE ACERVOS INFANTOJUVENIS AFROCENTRADOS	101
8	RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	112
	ANEXO I - LITERATURA AFROCENTRADA NA BIBLIOTECA FLOR DE PAPEL	128
	ANEXO 2 - LITERATURA AFROCENTRADA NA BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO	136
	ANEXO 3 - LITERATURA AFROCENTRADA NA BIBLIOTECA CAP- UFRJ	139
	ANEXO 4 - LITERATURA AFROCENTRADA NA BIBLIOTECA FLORESTA DE LIVROS	142
	APÊNDICE	147

1 INTRODUÇÃO

O que você não conseguiu enxergar nas imagens é o orgulho que nós demonstramos ter de nós mesmos e do nosso crespito [...] Herdamos essa crespitude dos nossos ancestrais, de rainhas e de reis, africanas e africanos (Oliveira, 2020).

A literatura infantil desempenha um papel fundamental na formação das crianças, não apenas como uma ferramenta de aprendizagem, mas também como um meio de construção de identidade cultural e valorização da diversidade. O reconhecimento e a promoção de narrativas afrocentradas são essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, pois contribuem para a visibilidade da cultura e história africana e afro-brasileira, frequentemente marginalizadas nos currículos escolares tradicionais. Nesse contexto, as bibliotecas escolares assumem uma função central, sendo responsáveis por fornecer aos estudantes acesso a uma variedade de materiais literários que abordam essas temáticas. Contudo, observa-se que a presença de obras afrocentradas nos acervos de bibliotecas escolares pode ser insuficiente ou até mesmo inexistente em algumas regiões.

Sua importância está atrelada às ações da pessoa bibliotecária durante a inclusão e atualização desta literatura nos acervos das instituições de ensino nas quais são responsáveis, bem como no desenvolvimento de suas competências e letramento racial. A busca por conhecimento e desenvolvimento relacionado às questões étnico-raciais é essencial para auxiliar na construção da identidade e autoestima da criança negra. Não podemos deixar de destacar que essa literatura deve ser utilizada por todas as crianças independentemente da cor da sua pele, já que todas estão no processo de construção da sua identidade e autoestima. Sabemos que o impacto da utilização da literatura em questão é diferente nas crianças negras em relação às não negras, já que a representatividade gera consequências mais diretas nos negros no âmbito da identidade e autoestima. Destacamos que ao falarmos crianças negras estamos incluindo as pretas e pardas, segundo o direcionamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A literatura infantil é de suma importância no desenvolvimento das crianças na primeira infância, já que é nesse período que começam a se

relacionar com o meio externo, e a partir disso iniciam seu processo de construção pessoal e coletiva. É o momento no qual se veem em um local estranho cheio de personalidades diferentes dando início às relações interpessoais e os conflitos do que se é.

A literatura infantojuvenil afrocentrada é a temática neste trabalho devido a sua relevância no desenvolvimento dos pequenos sujeitos que, durante sua iniciação na vida escolar, têm as histórias infantis como ponto de partida para o mundo literário, o qual, em grande parte, reflete a realidade da sociedade que o produz. Esta literatura surgiu para romper as barreiras e limitações que, por décadas, estiveram presentes na nossa sociedade e na literatura. É possível citar como uma dessas limitações a invisibilidade e o apagamento dos negros na história. As discussões contemporâneas, inclusive em âmbito acadêmico, sobre racismo, preconceito, escravidão, desigualdades, injustiças e todas as mazelas decorrentes de anos de escravatura, passa a avontecer por mérito dos diversos movimentos negros que lutam por direitos para esse povo tão invisibilizado por séculos.

Neste estudo entendemos o conceito de literatura infantojuvenil afrocentrada como aquela que através dos seus personagens pretos e pardos representa e apresenta história, cultura, crenças, tradições e ancestralidade do povo negro. Através do seu uso contribui-se para que as crianças negras sonhem e construam uma identidade e autoestima positiva, já que terão como referências histórias com personagens negros como protagonistas e não negros possam ter acesso à verdadeira história desse povo e com isso possam entender a diversidade brasileira e respeitar as diferenças.

No presente estudo também foi destacado o papel do bibliotecário na inclusão e atualização dos acervos em relação à temática étnico-racial, sendo essencial que esse profissional esteja apto para tal função. É necessário o desenvolvimento de suas competências técnicas, sem negligenciar o conhecimento das questões raciais e o perfil humanístico. Para a vertente deste trabalho, evidenciamos a importância da competência em informação, mais especificamente relacionada ao letramento racial, uma vez que pode gerar consequências nos indivíduos, especialmente naqueles que estão em processo de construção de sua identidade e, conseqüentemente, de sua autoestima.

Esta pesquisa está inserida na Linha de Pesquisa Biblioteconomia, Organização e Representação do Conhecimento, já que apresenta preocupação em relação ao processo de representação temática presente nas narrativas afrocentradas. Tem como foco a verificação dos assuntos contidos na literatura infantojuvenil afrocentrada dentro do escopo de uma literatura antirracista, com vistas a elaborar uma lista com temas principais, não deixando de apresentar o papel da pessoa bibliotecária no desenvolvimento da autoestima e identidade da criança negra através do desenvolvimento de um acervo plural. Trazemos para a discussão as Políticas Públicas Afirmativas e os conceitos que transitam e influenciam a nossa sociedade como Racismo, Preconceito, Pacto da Branquitude e Letramento Racial.

Foram levantadas as obras que tratam de temas afrocentrados, presentes nas bibliotecas escolares dos colégios federais do estado do Rio de Janeiro, a saber: a Biblioteca Flor de Papel da Unidade da Educação infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis, Biblioteca Monteiro Lobato do Colégio Universitário Geraldo Reis, a Biblioteca Floresta dos Livros do Colégio Pedro II, a Biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRJ. A escolha destas bibliotecas se justifica pelo fato de atenderem as necessidades da pesquisa, já que são instituições que atuam para os alunos na fase infantojuvenil. Tal levantamento visou identificar e recolher os assuntos contidos nesses livros.

Sabemos que é necessário que os profissionais responsáveis estejam atualizados e capacitados em relação aos termos mais adequados para questões afrocentradas, que fazem parte do nosso cotidiano, bem como cientes da importância dessa temática na vida dos indivíduos em constante construção. Já que sua atuação está diretamente ligada a utilização dessa literatura de forma que o seu objetivo final seja alcançado, que é a disseminação de histórias que tenham o protagonismo negro. Essa pesquisa tem como objeto de estudo as narrativas afrocentradas, mas não podemos deixar de relacionar o papel da pessoa bibliotecária nesse processo.

Como produto da pesquisa foi elaborada uma lista de assuntos afrocentrados com o intuito de servir como subsídio para a atualização, ampliação e decolonização dos acervos das bibliotecas escolares pesquisadas. Essa lista pode contribuir na elaboração de políticas de desenvolvimento de acervos antirracistas e afrocentrados, principalmente nas etapas de seleção e

aquisição. Sendo um elemento importante na ação biblioteconômica e educação antirracista.

Sendo assim esta dissertação discutiu a representação das narrativas afrocentradas infantojuvenis e sua inclusão nos acervos das bibliotecas escolares federais do Rio de Janeiro.

A fim de alcançar esses propósitos, a presente dissertação foi organizada, a partir desta introdução, onde foi apresentado a importância da representação da literatura infantojuvenil afrocentrada, os objetivos dessa pesquisa e sua justificativa. Na segunda seção trouxemos no nosso referencial teórico, os pesquisadores que abordam as temáticas que fomentam essa dissertação como: a abordagem acerca da representação da informação e o processo de indexação, especificidade da literatura infantojuvenil, competência em informação e letramento racial. Nossa terceira seção é referente a Metodologia, onde se expõe os procedimentos metodológicos adotados, tais como o campo de pesquisa, suas etapas metodológicas, as técnicas de coleta e análise dos dados utilizados para atingir os objetivos da pesquisa. Na quarta seção falamos sobre literatura infantojuvenil afrocentrada e sua representação nos acervos, bases legais para uma educação antirracista: leis, diretrizes e bibliotecas como espaço de ação, biblioteca escolar e a possibilidade do letramento racial por meio da literatura infantojuvenil e, por fim o papel da pessoa bibliotecária no processo de letramento racial infantil. Na seção seguinte apresentamos a metodologia da pesquisa e o seu desenvolvimento. Já na quinta seção evidenciamos as bibliotecas escolares dos colégios federais do estado do Rio de Janeiro que fazem parte dessa pesquisa, com um recorte para quatro delas - duas escolas localizadas na cidade do Rio de Janeiro e duas na cidade de Niterói: Biblioteca Flor de Papel (Universidade Federal Fluminense), Biblioteca Monteiro Lobato (Universidade Federal Fluminense), Biblioteca do Colégio de Aplicação UFRJ (Cap. - UFRJ), Biblioteca Floresta de Livros (Colégio Pedro II). Na sequência descrevemos como ocorre a representação temática da literatura infantojuvenil afrocentrada nessas bibliotecas. Na seção sete apresentamos o nosso produto, oriundo da pesquisa, que é uma lista de assuntos que poderá ser utilizada nas próprias bibliotecas que serviram para a pesquisa, assim como por outras que busquem desenvolver um acervo diverso que possua narrativas afrocentradas visando uma educação antirracista. Por fim,

na última seção trazemos os resultados obtidos na pesquisa e sua devida discussão, considerações e contribuições para a Biblioteconomia.

1.1 Problema e justificativa

A relevância deste estudo reside na necessidade de investigar a atual composição de narrativas afrocentradas nos acervos literários das bibliotecas escolares dos colégios federais do estado do Rio de Janeiro, bem como promover uma análise da adequação desses materiais ao processo de formação identitária das crianças negras e à construção de uma cultura escolar mais plural e representativa.

A escolha desta temática está profundamente ancorada nas vivências pessoais da pesquisadora, tanto na infância quanto na vida adulta. As lembranças da ausência de personagens negros nas histórias infantis — ou, quando presentes, representados de forma estereotipada ou pejorativa — e da inexistência de bonecas negras que pudessem servir como espelho positivo, revelam um apagamento que impactou negativamente sua autoestima e sua busca por pertencimento. Essa experiência pessoal de exclusão simbólica revela-se ainda hoje comum a muitas crianças pretas, cujos processos de desenvolvimento são atravessados por discursos e práticas que deslegitimam suas identidades.

Com base nessa trajetória, torna-se evidente a importância de se investigar o papel das bibliotecas escolares e dos profissionais da informação na promoção de um repertório literário que contribua para o reconhecimento, a valorização e a afirmação da identidade negra.

No campo da Biblioteconomia, a representação temática exerce papel central na organização e no acesso à informação, sendo responsável por estruturar os modos como o conhecimento é descrito, categorizado e recuperado nos acervos. Nesse contexto, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de investigar como as obras de literatura infantojuvenil com temáticas afrocentradas estão sendo representadas tematicamente nos catálogos das bibliotecas escolares dos colégios federais do estado do Rio de Janeiro.

A forma como os assuntos são descritos e indexados influencia diretamente a visibilidade e o acesso a determinados conteúdos, especialmente no que tange a temas sensíveis e historicamente marginalizados, como as questões étnico-raciais. Assim, torna-se essencial compreender de que maneira os profissionais da informação estão lidando com a representação de obras que abordam a cultura, a história, a ancestralidade e o protagonismo negro, considerando a importância desses materiais na construção da autoestima, identidade e pertencimento das crianças negras.

A pesquisa também se justifica pela escassez de estudos que problematizem, no âmbito da Biblioteconomia, a relação entre representação temática e a promoção da diversidade nos acervos escolares. O apagamento simbólico da população negra tanto na produção editorial quanto nos sistemas de organização do conhecimento, contribui para a perpetuação de desigualdades raciais. Portanto, refletir sobre os mecanismos técnicos de representação – como a atribuição de assuntos, descritores e classificação – é fundamental para garantir práticas mais inclusivas e alinhadas a uma perspectiva antirracista.

Assim sendo, nosso estudo visa problematizar em que medida as bibliotecas escolares destes colégios estão proporcionando o acesso a narrativas afrocentradas em seus acervos de literatura infantojuvenil, e como essas obras contribuem para a construção de uma identidade cultural plural entre os estudantes? Além disso, quais são os desafios enfrentados pelos profissionais - bibliotecários e educadores - e pelas instituições para promover a diversidade cultural por meio das narrativas afrocentradas e garantir que todos os alunos tenham um acesso equitativo a esses recursos literários? Para trazer à tona tais questionamentos, na presente pesquisa, apresentaremos a seguir os objetivos do estudo.

1.2 Objetivos

O **objetivo geral** da pesquisa foi analisar os assuntos que representam os acervos das bibliotecas escolares dos colégios federais do estado do Rio de Janeiro no que se refere às narrativas afrocentradas, com o propósito de

elaborar uma lista de assuntos afrocentrados que subsidie a atualização e o enriquecimento desses acervos.

Para tanto, os **objetivos específicos** da pesquisa foram os seguintes:

- a) Analisar as principais características das obras afrocentradas presentes nos acervos das bibliotecas escolares, como autores, temas e representações culturais;
- b) Identificar as barreiras e os desafios enfrentados pelas escolas e pelas bibliotecas para a inclusão de narrativas afrocentradas nos acervos literários, considerando aspectos estruturais, pedagógicos e financeiros;
- c) Elaborar uma lista de assuntos afrocentrados que possam servir como subsídio para a atualização, ampliação e decolonização dos acervos das bibliotecas escolares pesquisadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Porque as pessoas negras para serem vistas têm de ser, antes, sentidas.
(Meireles; Souza, 2018).

Por meio do posicionamento de autores relevantes, é possível fundamentar e justificar a pesquisa, consolidando bases teóricas sólidas em relação à temática proposta. Destaca-se, nesse contexto, o papel fundamental da pessoa bibliotecária no processo de letramento racial infantil, ressaltando a necessidade de que esse profissional esteja devidamente capacitado para atuar de forma crítica e reflexiva nessa abordagem. No que diz respeito ao tratamento dessa literatura, a indexação é um recurso importante para promover o acesso, busca e recuperação da informação, bem como para a sua efetiva utilização nas bibliotecas escolares. Além disso, enfatiza-se a importância da existência e da função dessas bibliotecas no desenvolvimento integral das crianças, destacando o uso da literatura infantil afrocentrada como ferramenta de promoção da diversidade, da representatividade e da construção de identidades positivas nesse espaço educativo.

2.1 Representação da Informação e a importância do assunto na literatura infantojuvenil

[...] escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis [...] (Adichie 2019).

A representação da informação é uma das atividades mais relevantes no âmbito da Biblioteconomia, uma vez que está diretamente vinculada à recuperação da informação e ao acesso ao conhecimento por parte dos usuários. Nesse sentido, uma representação eficiente e coerente da literatura infantil afrocentrada assume um papel fundamental, não apenas para facilitar sua localização nos acervos, mas também como um instrumento essencial para garantir a representatividade adequada de um povo que, historicamente, foi subjugado e invisibilizado.

A inclusão dessa literatura nos acervos infantojuvenis tem como objetivo principal permitir que as crianças tenham acesso à história verdadeira e à riqueza cultural de um povo que, durante séculos, foi marginalizado e representado de forma pejorativa nos diversos meios de comunicação. Ao disponibilizar obras que retratam de maneira autêntica e positiva a trajetória e os valores da população negra, esses

acervos contribuem para a formação de uma consciência crítica e para a valorização da diversidade cultural desde a infância.

Além disso, uma representação mais crítica e precisa facilita a recuperação, tornando a busca por termos e assuntos mais ágil e eficiente. No caso de temas que ainda enfrentam resistências e invisibilidade, como os conteúdos afrocentrados, essa prática ganha uma dimensão ainda mais crucial. Uma indexação bem elaborada e sensível às especificidades culturais assegura que esses temas estejam devidamente representados nos acervos infantis, promovendo, assim, a diversidade e a equidade no acesso à informação. Dessa forma, a representação da literatura infantojuvenil afrocentrada não se limita a uma mera atividade técnica, mas assume um caráter político e social, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

De acordo com João Leonardo Lima e Lilían Alvares (2012) representar é o ato de utilizar elementos simbólicos com palavras, figuras, imagens, desenhos, entre outros para substituir um objeto, ideia ou um fato que na Ciência da informação estão relacionados com as formas de simbolizar a informação e o conhecimento. A representação temática, segundo Maria Antonia Melo e Marisa Brascher (2014), é um tipo de representação de nível secundário com o intuito de substituir o conteúdo do objeto informacional por um conjunto de elementos descritivos resultantes da análise conceitual e síntese de assuntos que apresentam.

A análise conceitual faz parte da representação temática onde há identificação, compreensão e seleção de conceitos que podem representar o conteúdo presente no suporte informacional. Temos como resultado dessa análise os conceitos que serão os assuntos utilizados para representar determinada informação. Todos esses processos estão diretamente vinculados à Organização da Informação e do Conhecimento, um domínio amplo que abrange as práticas, métodos e teorias voltados para o tratamento e a representação de documentos em acervos bibliográficos. Este ramo da Biblioteconomia não se limita à simples disposição física dos materiais, mas envolve uma série de ações sistematizadas que visam facilitar o acesso, a recuperação e a disseminação da informação, garantindo que os recursos disponíveis sejam organizados de maneira eficiente e alinhados às necessidades dos usuários.

Como mencionado anteriormente, para que a informação chegue ao seu objetivo que é o usuário, é necessário a realização de algumas ações visando facilitar

a mediação entre a informação e quem busca. Uma delas é a indexação do documento. Segundo Milena Rubi (2009), a indexação é um processo que visa a identificação do conteúdo documental por meio da atividade de análise do assunto e a representação do mesmo por intermédio dos conceitos. Estes serão representados ou traduzidos utilizando a linguagem documentária, visando a conexão do documento com o usuário no momento da busca e recuperação da informação por meio dos índices, catálogos ou bases de dados.

De um modo linear e redutor pode afirmar-se que a prática da indexação por assunto surge associada à necessidade que é sentida pelo ser humano de organizar a informação com vista à sua localização e recuperação, de um modo célere e preciso, com o objetivo de transferir e construir um novo conhecimento. Esta operação, na maioria dos casos é realizada em serviços de informação, em particular em bibliotecas e arquivos, por profissionais especializados aos quais são exigidas competências técnicas, cognitivas e outras habilitações de índole intelectual e pessoal, como possuírem um espírito analítico-sintético que lhes permita realizar o processo dinâmico e concomitante da seleção/omissão conceitual, meio através do qual se efetiva a indexação. Neste sentido, pode afirmar-se que a indexação é um processo de escolha conceitual e terminológica (Simões, 2017, p. 151).

A atividade relacionada à indexação é composta por várias etapas, sendo que autores que abordam essa temática divergem em relação ao número de fases voltadas para essa ação, mas os movimentos necessários para uma indexação são praticamente iguais: análise, síntese e representação (ABNT, 1992; Lancaster, 2004). Na análise, o indexador faz uma leitura do texto e, posteriormente, identifica os conceitos presentes; na síntese ocorre a elaboração do texto documentário com os conceitos já estabelecidos e por fim o processo de representação através das linguagens documentárias (termos representativos).

Em termos históricos cabe aqui citar o projeto do Sistema Mundial de Informação Científica e Tecnológica (UNISIST), por ter estabelecido princípios básicos para facilitar o intercâmbio de informação entre sistemas, dividindo a indexação em etapas para descrever o conteúdo de documentos de forma padronizada e comparável, contribuindo para a organização e disseminação do conhecimento.

Conforme a UNESCO (1971, p. 20), o UNISIST deveria configurar-se como:

[...] uma rede flexível baseada na cooperação voluntária de serviços de informação existentes e futuros, e ainda abarcar as ciências exatas e naturais, estendendo-se para cobrir a área tecnológica e outros campos do conhecimento.

O UNISIST foi instituído em 1968, a partir de um projeto desenvolvido pela UNESCO. Em 1972, apresentou-se o primeiro esboço do sistema, concebido com o propósito de ser compatível e legível por máquina. Em 1976, a *British Library*, em parceria com a UNESCO e com a colaboração de diversas entidades, publicou a primeira edição do *UNISIST Reference Manual for Machine-Readable Bibliographic Description*. Essa publicação consolidou a proposta de cooperação voluntária internacional destinada a ampliar o acesso e a utilização da informação.

O formato do UNISIST seguiu a padronização de outros registros bibliográficos legíveis por máquina, contemplando o formato de suporte, a nomenclatura e as definições dos elementos de dados, bem como o conjunto desses elementos. Ademais, o sistema foi estruturado de modo a conter especificações próprias para a compreensão de seu formato de comunicação bibliográfica, dividido em cinco partes.

O UNISIST também apresentou um conjunto de recomendações voltadas ao estabelecimento de princípios básicos para o processo de indexação, com vistas a facilitar a mediação entre os sistemas de informação. Tal processo foi segmentado em duas etapas: a primeira consistia na identificação do assunto presente no documento, após a leitura e análise de seu conteúdo e a consequente seleção dos conceitos; a segunda correspondia à representação desses conceitos por meio de linguagens documentárias (UNISIST, 1981).

De acordo com Hagar Espanha Gomes (1975), o papel do UNISIST consistiu em criar condições favoráveis para a evolução gradual de um sistema mundial de informação científica, assegurando, assim, a efetiva transferência do conhecimento científico. Dessa forma, o UNISIST revelou-se fundamental para o processo de indexação, pois estabeleceu parâmetros metodológicos e técnicos capazes de promover maior padronização, interoperabilidade e consistência na organização e recuperação da informação em âmbito internacional.

A indexação é uma das etapas necessárias para que o material bibliográfico chegue aos nossos usuários de forma mais rápida e precisa, por meio das pesquisas por assunto. Roberta Cristina Tartarotti (2020) conceitua a indexação como uma ação que permite a representação temática dos diversos recursos informacionais, tendo como objetivo a recuperação por assuntos pelos usuários. Não é uma atividade simples e necessita que o profissional possua determinado conhecimento, já que o

uso da linguagem documentária precisa ser assertivo por impactar diretamente na recuperação dos assuntos nos catálogos das bibliotecas.

Durante o processo de indexação, o vocabulário controlado é o instrumento usado para um melhor emprego dos assuntos utilizados para representar os documentos. Sendo assim, é uma estrutura construída para representar conceitos atribuídos aos documentos. Dizemos dessa forma que funciona como “sistema semântico” sendo utilizado para a organização e recuperação de informação, capaz de compreender o escopo de um determinado domínio (Cruz; Ferneda; Fujita, 2022).

A análise de assunto e identificação de conceitos em indexação, para fins de representação e recuperação da informação consiste em um processo cognitivo, que demanda análise e síntese. Também, a indexação é constituída de etapas que se iniciam pela leitura documentária (Silva; Fujita, 2004). Conforme verificado em Mariângela Fujita (2013), o número de etapas para indexação é variável, dependendo do responsável que a descreve e sua observação durante a indexação. O processo de indexação tem por objetivo elaborar uma representação de conceitos, tendo como finalidade a recuperação da informação contida no documento.

A representação do conhecimento contido em conteúdos documentários é o objetivo principal da indexação, entendido de modo mais amplo. Em âmbito mais específico e considerando-se as perspectivas teóricas da indexação conceitual, a representação por conceitos assume função preponderante entre o significado do conteúdo documentário e o termo que o representa (Fujita, 2013, p. 44).

As autoras Brisa Sousa e Mariângela Fujita (2014) descrevem a indexação como a análise de assunto por intermédio da leitura documentária. Nessa análise o bibliotecário indexador tem como objetivo fornecer conceitos que revelem o conteúdo do suporte informacional que será analisado. Destacam que a análise de assunto realizada pela pessoa bibliotecária é uma atividade intelectual de suma importância para a representação da informação. Corroborando com essa afirmação, Tatiana de Almeida (2019) destaca que é necessário observar as características de organização do ambiente informacional, análise do tipo de usuários e suas necessidades, bem como os seus propósitos para que a indexação seja a mais adequada possível.

Para Maria Augusta Cesarino e Maria Cristina Pinto (1980, p. 32) “a análise de assunto é a operação base para todo o procedimento de recuperação da informação” e para que seja possível acessar o conteúdo contido em determinado material é preciso: compreensão do texto, identificação dos conceitos e a seleção dos

termos/assuntos que mais se adequa ao conteúdo presente no material bibliográfico que está sendo trabalhado.

Talita Rodrigues, Mariangela Fujita e Paula Dal Evedove (2017), conceituam indexação como uma atividade na qual se seleciona do documento termos que representam os assuntos presentes no documento, para que posteriormente seja recuperado pelos usuários nos sistemas de recuperação.

De acordo com a ABNT o processo de indexação consiste em:

[...] identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos representativos dos seus assuntos e que constituem uma linguagem de indexação (ABNT, 1992, p. 2).

Outro elemento importante para que se eleve a qualidade e a precisão da recuperação da informação é a política de indexação. Uma política de indexação pode ser entendida, de acordo com Nunes (2024, p. 55), como:

[...] uma diretriz que explicita as escolhas técnicas (por isso política) que a biblioteca faz (e os bibliotecários precisam observar em suas rotinas), considerando fundamentalmente duas variáveis: o seu usuário e o seu acervo.

Margareth Moreira e Eduardo José Dias (2007) definem a indexação como uma ação que tem como finalidade a tradução da informação contida nos textos de forma mais direta e concisa, a fim de facilitar sua posterior busca e recuperação pelo usuário. Essa atividade é realizada pelo leitor indexador na qual realiza a leitura, identificação e seleção de conceitos e sua tradução através da representatividade destes na linguagem de indexação. Podemos dizer que a indexação se inicia com uma leitura rápida e direta tendo como foco a extração do conteúdo informacional presente no texto.

Margareth Moreira e Eduardo José Dias (2007) destacam a dificuldade para identificar os recursos de linguagem, estilo, gêneros literários, a intenção do autor dentre outras características da obra que podem prejudicar no processo de indexação. Por ser um texto que contém normalmente sensações, emoções, imagens e diversos sentimentos e formas de expressão é um desafio difícil para o leitor indexador, já que o livro possibilita ao leitor diversas interpretações acerca do mesmo texto e assunto. Dessa forma, a análise para extrair os conceitos que irão representar o conteúdo do

livro é tão necessária e deve ser realizada da melhor forma para que os termos escolhidos pelo indexador estejam alinhados com o teor da obra.

O processo de análise de assunto para os indexadores é uma atividade subjetiva, que implica atenção ao público usuário e a abordagem temática do texto analisado. É um processo de construção de pontes entre o usuário e o texto (Moreira, Dias, 2007, p. 4).

Segundo Ferreira, Laane Caregnato (2007), a indexação é um processo no qual se identifica e se organiza os itens necessários para a representação e recuperação das informações presentes em um documento, tendo como principais termos para seu acesso: autor, título e assunto.

2.2 Especificidades da literatura infantojuvenil

A inserção da leitura, em especial a literatura infantojuvenil nos primeiros anos das crianças é um diferencial no seu crescimento como sujeito, já que esse acesso irá permitir que a mesma desenvolva habilidades e competências que irão lhe acompanhar durante todo o seu crescimento. Além da fase inicial do sujeito é uma literatura que atravessa as gerações, já que as temáticas que aborda atravessam as faixas etárias e permitem que os leitores mergulhem nas histórias e construam suas percepções e sensações a partir das mesmas.

Segundo Teresa Colomer (2017), a literatura infantojuvenil já apresentou uma visão educativa e de aprendizagem de comportamento muito forte. Atualmente, está mais voltada para agradar o leitor e levá-lo ao descobrimento de diferentes linguagens. De acordo com a autora essa literatura possui três funções principais: 1. Iniciar o acesso ao imaginário compartilhado por uma determinada sociedade. 2. Desenvolver o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas e dramáticas do discurso literário. 3. Oferecer uma representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações.

Segundo Veridiana Almeida (2011) a literatura infantojuvenil é ampla e importante, já que permite à criança e aos jovens um desenvolvimento emocional, social e cognitivo. A busca sobre o conceito de literatura infantojuvenil, voltada para adolescentes, constituiu-se em uma ação desafiadora. A faixa etária referente a fase infantil é até os seus doze anos, já os adolescentes as pessoas entre doze e dezoito anos de idade pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Não podemos deixar de mencionar que essa classificação também pode sofrer influências

de acordo com a época e o lugar. Por isso, verifica-se uma dificuldade da precisão em diferenciar os conceitos de literatura infantil e literatura juvenil, já que o que determina esses gêneros literários são os termos infantil e juvenil – público a que se destina a obra. Peter Hunt (2010) (*apud* Ceccantini, 2004), defende que a literatura infantojuvenil possui fronteiras nebulosas, não podendo ser definida por características textuais, seja de estilo ou de conteúdo, por ser definido principalmente segundo o tipo de leitor. A Literatura infantojuvenil é definida como uma literatura que atende uma faixa etária mais ampla que compreende 0 a 18 anos (crianças e jovens) com perspectivas e necessidades distintas de acordo com sua idade. De acordo com Daniela Cristina Silva (2008) o surgimento da literatura infantojuvenil está atrelada à passagem entre os séculos XVII e XVIII no qual a criança passa a ser considerada em suas especificidades e suas diferenças em relação aos adultos. Sendo assim, a maioria dos gêneros literários presentes nessa literatura têm como fonte as narrativas populares advindas da oralidade. Logo, é uma literatura que utiliza fábulas, contos de fadas, contos de mistério, lendas, poesia, fantasia, entre outros gêneros literários para disseminar informação.

Em relação à literatura antirracista, pode-se defini-la como um gênero literário que objetiva o combate ao racismo através das histórias que apresenta.

Para que a discriminação racial deixe de ser apenas um reflexo da estrutura social é necessário que toda a sociedade entenda a importância de romper com um modelo cultural que ainda naturaliza esse tipo de prática social. Isso incluía formação de professores capacitados no ensino das relações étnico-raciais, seleção de livros didáticos e paradidáticos que retratem o continente africano, que valorize a ancestralidade do povo negro, sua cultura e saberes como parte da formação do povo brasileiro (Santos; Sousa, 2023,p.3).

Para a desconstrução e construção de um país igualitário é necessário que se deixe para trás padrões de ensino e uso de uma literatura mais plural. Desse modo é essencial o contato e acesso a uma literatura representativa da sociedade brasileira.

Conhecer a produção literária para crianças e jovens que tematiza a cultura africana e afro-brasileira é de fundamental importância para pensar a formação de leitores-cidadãos e uma sociedade antirracista, pois a linguagem literária, como já destacado, por mim, em *Negro no Brasil: política, cultura e pedagogias*, '[...] tecida pelos fios da imaginação, confecciona um enredo de visibilidade, de encontros e diferenças' [...] (DEBUS, 2017, p.111-112).

No Brasil, os autores que mais tratam desse assunto atualmente são Djamila Ribeiro (2019), Sueli Carneiro (2011, 2023), Conceição Evaristo (2014), Bárbara

Pinheiro (2023), Abdias Nascimento (2016), Muniz Sodré (2017), entre outros. Já sobre literatura infantil afrocentrada pode-se citar bell hooks (2022), Kiusam de Oliveira (2020, 2021), Sonia Rosa (2009, 2016), Rodrigo França (2020, 2021), entre outros. Foco principal do presente estudo, a literatura infantojuvenil afrocentrada, assim como a literatura antirracista, surgiu por intermédio dos movimentos negros e teve como objetivo a valorização da cultura e história negra. Cabe aqui destacar que sua principal ferramenta é o protagonismo desse povo como característica marcante e presente dessas narrativas. De acordo com Anna Vitória Santos e Elisabete Souza (2022, p. 4) a literatura afrocentrada:

busca também promover a representatividade e inclusão de perspectivas socioculturais africanas e afrodescendentes na literatura, além de contrapor estereótipos e narrativas dominantes que perpetuam visões distorcidas ou incompletas sobre a experiência negra. Nessas obras é comum encontrarmos temas como a diáspora africana, a escravidão, a luta por direitos civis, a identidade cultural, a ancestralidade, as tradições e a resiliência da comunidade negra.

Falar do mundo literário é tocar também na questão da mediação da leitura e sua importância para os leitores iniciantes ou não. Os profissionais da informação presentes nas bibliotecas, em especial as escolares, precisam desenvolver práticas e ações de incentivo à mediação da leitura associada aos profissionais da educação.

De acordo com Rovilson Silva (2015, p.496), a mediação da leitura na biblioteca:

Uma das premissas básicas para mediar a leitura na escola é que o mediador seja leitor, pois desta forma, ele terá mais claro para si mesmo, não apenas as metas pedagógicas, mas a sua própria experiência íntima com o texto poderá fazer diferença no processo de mediação.

Corroborando com a questão da mediação da leitura, entendemos a importância da literatura infantil nesse processo, já que os textos são mais curtos e diretos. Permitindo que o mediador possa desenvolver melhor as questões apresentadas como fomentar o gosto e prazer pela leitura.

A literatura infantil se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor. A idade deles, em suas diferentes faixas etárias, é levada em conta. Os elementos que compõem uma obra do gênero devem estar de acordo com a competência de leitura que o leitor previsto já alcançou. Assim, o autor escolhe uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atendendo seus interesses e respeitando suas potencialidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança (Cademartori, 2007, p. 11).

Mariana Alves (2020) destaca a relevância da pessoa bibliotecária no ambiente escolar, considerando seu papel também como educador e também como facilitador da divulgação do acervo para a comunidade de usuários. Nesse contexto, é fundamental que esse profissional esteja atento e se empenhe em desempenhar suas funções da melhor forma possível. Sendo o responsável pela introdução da leitura e da literatura na vida das crianças, é indispensável que tenha um olhar criterioso durante o processo de desenvolvimento, tratamento da coleção, assegurando que esta atenda às necessidades e estimule o prazer pela leitura.

Quando pensamos sobre a literatura infantil podemos recorrer a Peter Hunt (2010, p. 89) quando afirma que “[...] de fato, ater-se a um cânone e uma cultura significa priorizar um grupo e um discurso e, com isso, alienar o resto (neste caso, literatura infantil)”. Corroborando com essa narrativa, Márcia Abreu (2006) ressalta que uma das formas de adquirir conhecimento sobre a cultura local e de outros povos é por meio do mergulho na literatura, uma vez que ela reflete as culturas, vivências e tradições de diferentes sociedades. Por esse motivo, é fundamental que todos, sem exceção, tenham acesso à literatura, com especial atenção aos pequenos, que são os futuros leitores.

Falar sobre literatura nos remete, quase que imediatamente, à lembrança do primeiro livro com o qual tivemos contato na infância, seja em casa, na escola ou na biblioteca. Recordamos dessa experiência inicial com uma literatura tão vasta e rica quanto a infantil, que abre um leque de possibilidades para os pequenos. Nelly Coelho (2000) destaca a dualidade presente nesse tipo de literatura, uma vez que ela combina um caráter pedagógico com a expressão artística. Por estar voltada para o lúdico, a literatura infantil tem o poder de estimular diversas habilidades nos alunos, além de contribuir para a formação de um leitor crítico e reflexivo, capaz de analisar o conteúdo presente nos textos.

Pela profundidade que caracteriza essa literatura, Lígia Cademartori (2010) ressalta que seu uso pode ajudar a superar a dependência e a carência do leitor, ao mesmo tempo em que promove seu desenvolvimento e autonomia. Dessa forma, as crianças conseguem compreender e interpretar as informações a que têm acesso,

elaborando, a partir delas, suas próprias conclusões e construindo conhecimento de maneira significativa.

os livros de histórias são de vital importância durante a infância, já que todas as crianças possuem necessidade de imaginar, criar histórias e entrar no mundo da fantasia (Paula; Fernandes, 2016, p. 384).

O contato com a literatura nas fases iniciais do desenvolvimento das crianças está diretamente relacionado à construção de um pequeno leitor ativo e ao despertar do desejo e do gosto pela leitura. Dessa forma, o acesso aos livros proporciona um repertório vasto e diversificado, capaz de estimular a imaginação, a criatividade, a socialização, a comunicação (ampliando o vocabulário) e as relações interpessoais.

Despertar o interesse de uma criança pela leitura nos primeiros anos de vida é fundamental e não deve ser interrompido, os pais e educadores são os primeiros responsáveis em aproximar o pré-leitor da literatura infantil (Silva, 2009, p. 35).

De acordo com Luciana, Mary e Naila (2021) “os momentos de leitura literária podem ser emancipatórios, contribuindo para a atuação das crianças enquanto seres sociais e produtoras de cultura que são”. O acesso à literatura e o mundo imaginário permitem que as crianças se libertem e conheçam a história de vários povos, várias culturas. Através desse contato serão capazes de construir sua percepção acerca do assunto e tomar para si essas informações. Ter acesso à literatura vai além da leitura, é uma possibilidade de descoberta, de pertencimento, de identidade e de reconexão. Essas autoras destacam o quanto é importante ouvir e por que não dizer observar as crianças perante a escolha do livro, reforçando ainda mais a necessidade de uma seleção de títulos assertiva, já que as crianças terão acesso a pluralidade que deve estar presente nesses materiais.

Um ponto importante quando tratamos da literatura infantojuvenil é perceber que as temáticas presentes não fogem das que encontramos no gênero adulto, o que difere é a forma como é apresentada e trabalhada nos livros e por consequência na escola e biblioteca escolar. É o primeiro contato que os pequenos terão com determinados assuntos importantes para sua construção como indivíduos e com a realidade do mundo.

o que se percebe é a existência de uma literatura que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre

outros elementos textuais; percebe-se também que os temas não diferem dos temas presentes em outros tipos de texto que circulam na sociedade, como a literatura para adultos e o texto jornalístico, por exemplo. Isso também parece bastante claro, pois os valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas (Gregorin Filho, 2011, p. 9).

Gregorin Filho (2011) chama a atenção para o fato de que a literatura infantil, embora destinada a crianças, não se limita a temas exclusivamente infantis. Pelo contrário, ela compartilha temas e valores presentes em outros tipos de textos, como a literatura para adultos e o jornalismo, refletindo questões humanas que transcendem faixas etárias. Isso reforça a ideia de que a literatura infantil não é apenas um instrumento de entretenimento, mas também uma ferramenta para a discussão de valores e experiências universais.

Clarice Caldin (2003), por sua vez, complementa essa perspectiva ao destacar o papel social da literatura infantil contemporânea. Ela enfatiza que os textos literários para crianças, ao serem abertos a múltiplas interpretações, funcionam como um suporte para a experimentação e a compreensão do mundo. As histórias contemporâneas, ao abordarem as dúvidas e inquietações das crianças, criam um espaço para o questionamento e a reflexão, contribuindo para o desenvolvimento crítico e emocional dos pequenos leitores.

Em relação ao papel social da literatura:

pode-se dizer que o movimento da literatura infantil contemporânea, ao oferecer uma nova concepção de texto escrito aberto a múltiplas leituras, transforma a literatura para crianças em suporte para experimentação do mundo. Dessa maneira, as histórias contemporâneas, ao apresentarem as dúvidas da criança em relação ao mundo em que vive, abrem espaço para o questionamento e a reflexão, provenientes da leitura (Caldin, 2003, p. 51).

Observamos o papel social da literatura ao apresentar para os seus pequenos leitores situações, emoções, sentimentos que fazem parte do seu dia a dia e, a partir desse contato o profissional poderá dar subterfúgios para que essa criança entenda, aprenda e obtenha habilidades para saber lidar e agir em determinadas situações.

O uso das bibliotecas pelos aprendizes deve se iniciar desde a educação infantil, por isso a biblioteca escolar tem papel preponderante no que diz respeito a fomentar nos aprendizes a curiosidade, a vontade de aprender, o gosto pela leitura. Para tanto, as bibliotecas precisam estar integradas pedagogicamente ao sistema educacional, em especial as escolares (Gasque, 2012, p.153).

Diante do exposto, compreende-se que a literatura infantojuvenil constitui-se como um instrumento fundamental no processo formativo das crianças, tanto pelo potencial lúdico e estético de suas narrativas quanto pelo papel social que desempenha ao possibilitar a reflexão sobre valores, sentimentos e experiências universais. Sua relevância ultrapassa o simples entretenimento, pois contribui para a construção da identidade, da autonomia leitora e da criticidade, favorecendo o desenvolvimento integral do sujeito. Nesse contexto, a mediação da leitura, especialmente no âmbito escolar e bibliotecário, mostra-se imprescindível para garantir o acesso qualificado a obras que dialoguem com os interesses, as necessidades e as potencialidades dos pequenos leitores.

Assim, a literatura infantojuvenil, quando associada a práticas de mediação comprometidas, consolida-se como caminho privilegiado para despertar o gosto pela leitura, estimular a criatividade e fortalecer a formação de leitores críticos e participativos na sociedade. Esse processo, contudo, não se limita ao estímulo do prazer estético da leitura, mas conecta-se diretamente ao desenvolvimento de competências mais amplas, entre as quais se destaca a competência em informação. Afinal, ao aprender a interpretar, selecionar e atribuir sentidos às narrativas literárias, a criança exercita habilidades que se articulam com a capacidade de localizar, avaliar e utilizar a informação em diferentes contextos.

Dessa forma, a literatura infantojuvenil pode ser compreendida como um ponto de partida essencial para a formação de sujeitos informacionalmente competentes, estabelecendo, portanto, um elo direto com a temática que será abordada na seção seguinte.

2.3 Competência em informação

Se quer saber quem sou, é só deixar de lado tudo aquilo que, desde antes, imaginou. (hooks, 2022).

No Brasil, a Competência em Informação (CoInfo) foi introduzida em 1998, por iniciativa do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (Rosa, 2025). Para este autor, a CoInfo constitui-se como uma das bases de uma disciplina científica voltada à forma como os sujeitos buscam, utilizam e se apropriam da informação, possibilitando a construção de conhecimento a partir dela.

Segundo Silvânia Miranda (2004, p. 113) “a informação é um fator de produção, é possível falar de um tipo de competência específica, qual seja: a competência para lidar com a informação - a competência em informação”. Sendo assim, uma forma de competência que é desenvolvida nas variadas áreas de trabalho e organizações.

A ColInfo é compreendida como um processo de ensino-aprendizagem em que o profissional da informação atua como mediador, orientando os usuários no desenvolvimento de saberes relacionados à Biblioteconomia e à Ciência da Informação, como a busca, recuperação, localização e seleção de informações. Ao final desse processo, o aprendiz internaliza novos saberes informacionais que lhe permitem reconhecer e avaliar os contextos de produção e circulação da informação, apropriando-se dela de modo crítico e consciente (Rosa, 2025).

No fim desse processo, o sujeito aprendiz tem internalizado um novo saber, notadamente informacional. Com tal saber, é capaz de reconhecer e avaliar os contextos nos quais informações são produzidas e circuladas e, assim, apropriar-se delas de modo consciente. O aprendizado dos saberes que alicerçam a ColInfo, ainda modifica o comportamento informacional e as práticas informacionais dos indivíduos (Rosa, 2025, p. 4-5).

Para Uride Tirado (2013), a ColInfo é um processo educativo desenvolvido pela prática. Nessa perspectiva, Zattar (2018) enfatiza que não se trata de um status adquirido, mas de uma ação formativa contínua, fundamentada em crítica e ética. Dessa forma, a competência em informação, também conhecida como *information literacy*, refere-se à capacidade de identificar, localizar, avaliar e utilizar informações de forma crítica e ética. Complementando essas definições, trazemos Elizete Vitorino e Daniela Piantola (2019, p. 57) discorrem sobre os fatores envolvidos no desenvolvimento da competência em informação e do desenvolvimento nos sujeitos que está vinculado à realidade de cada um.

Quando associada ao letramento racial, essa competência adquire uma dimensão social e política, uma vez que envolve a desconstrução de estruturas racistas presentes tanto nas fontes de informação quanto na sociedade.

A pessoa bibliotecária precisa estimular as competências em informação nos locais que atendem para desenvolver e fortalecer o pensamento crítico em diferentes práticas informacionais, evitando dessa forma a desinformação. De acordo com Marianna Zattar (2021), a Competência em informação é um processo contínuo desenvolvido no ambiente informacional para aprendizagem no decorrer da vida.

Dessa forma, o indivíduo poderá interpretar o mundo a partir de determinado contexto. É o somatório de experiências individuais e coletivas que temos na nossa caminhada. Segundo a autora, o pensamento crítico possibilita distinguir a opinião por determinado assunto ao fato em si através da Competência em informação, práticas informacionais e desinformação, sendo a Colnfo uma dentre outras formas para evitar e combater a desinformação.

Marianna Zattar (2021), define Competência em informação como uma ação sociotécnica que possibilita reconhecer quando determinada informação é necessária, sabendo localizar, avaliar e utilizar da melhor maneira. Por este motivo, a Colnfo permite que o indivíduo tenha discernimento sobre a informação buscada e encontrada nos meios de suporte e por meio das suas competências consegue filtrar o que de fato importa.

A pessoa bibliotecária, no âmbito escolar, desempenha uma função essencialmente educativa, uma vez que está diretamente ligada ao desenvolvimento do aluno. Dessa forma, sua atuação está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento da competência informacional dos estudantes, contribuindo para sua formação crítica e autônoma no acesso, uso e interpretação da informação. De acordo com Vera Aguiar (2006, p. 259):

Ao ressaltarmos o caráter dinâmico da biblioteca na escola, avulta a figura do bibliotecário. A ele são atribuídas funções específicas, uma vez que a biblioteca escolar é um espaço diferenciado da sala de aula, com características próprias. Para que ela cumpra seu papel, não bastam acervo e espaço físico: é necessário, antes de tudo, o trabalho do bibliotecário como animador cultural.

De acordo com o Manifesto da IFLA em relação às bibliotecas foi defendido o quanto esses ambientes estão envolvidos no processo de desenvolvimento da competência em informação dos seus usuários.

A biblioteca escolar (BE) propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem-sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis (International Federation of Library Associations and Institutions, 2000, p. 1).

O acesso à informação além de direito de todo cidadão é essencial para seu desenvolvimento e convivência com os demais, mas essa deve ser avaliada e utilizada

de forma responsável, por este motivo é essencial a ação do profissional da informação para oferecer ferramentas para o desenvolvimento das suas competências informacionais.

A competência em informação consiste num processo, que ocorre por meio do desenvolvimento humano e das dimensões técnica (saber fazer, ação), estética (sensibilidade, criatividade, inovação) ética (saber fazer bem o dever, bem comum) e política (social, coletivo), em equilíbrio, na formação inicial ou continuada das pessoas. Ou seja, trata-se de um processo contínuo que se estende ao longo da vida e cujas características se voltam à melhoria da ação, da sensibilidade, dos aspectos coletivos e éticos (Vitorino, 2022, p.8).

Djuli De Lucca; Clarice Caldin, João Righi (2015) reforçam que o desenvolvimento da competência em informação está atrelado ao letramento em informação, já que é compreendido pelas habilidades básicas e em relação aos suportes informacionais. Também destacam a importância do uso da literatura infantil nesse processo de desenvolvimento dessa competência. A pessoa bibliotecária ao estimular o desenvolvimento da competência em informação no usuário, está auxiliando na construção de um sujeito crítico, reflexivo e que possui autonomia para tomar suas decisões e interpretações acerca da informação que teve contato.

Quando acontecem atos racistas nas instituições de ensino, muitas vezes os profissionais não sabem como ou preferem não intervir, já que, ainda hoje, há pessoas que acreditam que o Brasil não é racista. Além disso, muitos sujeitos que já sofreram racismo, não são capazes de detectarem o crime logo no primeiro momento, muitas vezes por falta de conhecimento sobre seus direitos.

Nesta subseção abordamos a competência em informação como promoção do letramento racial, destacando o quanto essas habilidades permitem que o usuário consiga refletir, interpretar e elaborar conhecimento acerca do conteúdo no qual teve acesso.

Por isso destacamos o quanto a pessoa bibliotecária deve estar preparada para agir e prevenir essas situações, principalmente, por meio do letramento racial. Mas o que de fato seria letramento racial?

2.4 Letramento racial

As letras em movimento geram palavras. Que geram textos e sentidos. Que geram infinitas e múltiplas combinações. Que geram saberes. Que geram novos saberes. Que se transformam em um estudo, uma provocação. Uma desconstrução, um entendimento chamado Letramento (Sonia Rosa, 2019).

Ao abordar o letramento racial, amplia-se a compreensão da competência em informação para além do domínio técnico e cognitivo, inserindo-a em uma perspectiva social e política. O letramento racial refere-se a um processo educativo voltado para a conscientização acerca das desigualdades raciais, para a valorização da cultura afro-brasileira e para o fortalecimento de identidades positivas. Trata-se, portanto, de uma prática que possibilita a identificação de discursos discriminatórios, o enfrentamento de preconceitos e a promoção de equidade no acesso e no uso da informação. Nesse sentido, a integração entre competência em informação e letramento racial constitui um caminho estratégico para formar sujeitos críticos e socialmente engajados, capazes de interagir com os sistemas de conhecimento de maneira reflexiva e transformadora.

Porém, academicamente, o que deve ser entendido como letramento racial? Sonia Rosa (2022) define o letramento racial como uma forma para ensinar e reconhecer as questões étnico-raciais presentes em nossa sociedade bem como promover a capacitação de pessoas e profissionais para que tenham habilidade para responder em relação aos atos racistas, lutando contra a discriminação e preconceito. Dessa forma, para a autora, trata-se de um conjunto de práticas que devem ser aplicadas para obter conhecimento acerca das questões étnico-raciais com a busca de informações através da leitura, conversas e todas as possibilidades para desconstrução da percepção de superioridade e privilégios do branco no nosso país.

Segundo a professora universitária e intelectual negra Aparecida de Jesus Ferreira (2014, p. 250) o conceito de letrado racial é:

De acordo com Skerrett, “letramento racial tem uma compreensão poderosa e complexa da forma como raça influencia as experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais dos indivíduos e dos grupos” (2011, p. 314). Também Guinier afirma que “letramento racial [...] obriga-nos a repensar raça como um instrumento de controle social, geográfico e econômico de ambos brancos e negros” (2004, p. 114). Vale dizer que, para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para refletir sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar em todas as disciplinas do currículo escolar.

A pesquisadora Lia Vainer Schuman (2015a) em uma entrevista à TV Folha, comentou sobre o termo letramento racial dizendo que “está relacionado principalmente com a necessidade de desconstruir formas de pensar e agir que foram naturalizadas a partir de uma perspectiva eurocêntrica e orientada pela lógica do privilégio do branco.” Dessa forma, o letramento racial permite que os indivíduos

tenham o conhecimento necessário acerca das questões raciais e como tal engajem e entendam a grandiosidade dos povos invisibilizados e apagados, em especial o povo preto.

Após movimentos negros e conquistas como a lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), o letramento racial foi essencial para que discussões acerca do racismo estrutural viessem a tona e os profissionais, em especial da informação e educação, percebessem a relevância da busca por mais conhecimento. Além dessa busca por informações é necessário que este profissional seja capaz de gerenciar o entendimento dos pequenos sujeitos tendo como aliada a literatura, o mundo mágico e lúdico das histórias infantis afrocentradas.

Para aprofundar na temática antirracial, precisamos apresentar o conceito de letramento racial. Todavia, para entendermos esse termo, é necessário ter em mente a definição de letramento. Segundo Magda Soares (2009), o letramento é resultado do processo de ensino e aprendizagem das práticas sociais de leitura e escrita. Dessa forma, a partir das informações adquiridas, o indivíduo terá condições de desenvolver conhecimentos sobre determinado assunto. De acordo com Sonia Rosa (2022), o letramento racial vai além, pois está ligado aos saberes de um povo, abrangendo questões históricas e episódios cotidianos relacionados às culturas africanas, afro-brasileiras e afrodiaspóricas.

Em relação ao primeiro – o letramento racial –, pode-se dizer que se trata de um conceito que parte do entendimento de que alfabetização vai além da simples capacidade de ler e escrever, reconhecendo que o processo de letramento envolve o desenvolvimento de habilidades críticas de análise e reflexão sobre questões relacionadas à raça e à identidade racial. Nesse sentido, o letramento racial – em especial o chamado letramento racial crítico – propõe uma abordagem educacional que busca promover a consciência e a compreensão das dinâmicas raciais presentes na sociedade, incentivando a reflexão dos estudantes sobre o tema e buscando ensinar uma atitude crítica frente a questões de discriminação racial, favorecendo a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva. Dessa forma, o letramento racial crítico torna-se uma ferramenta poderosa para combater preconceitos e promover o respeito e a valorização das diferenças raciais (Pereira; Braulio, 2023, p. 8)

Júlia Nascimento e Germina Silva (2023) destacam que o letramento racial pode ser uma ferramenta importante na luta antirracista e na promoção de uma educação igualitária e antirracista. Dessa maneira, ele se apresenta como uma estratégia viável e eficaz no combate ao racismo, já que, por meio do acesso a esse conteúdo, o indivíduo pode adquirir informações sobre o tema e, assim, construir conhecimento. Isso permite uma maior compreensão das questões sociais e raciais.

É importante ressaltar que essa busca é tanto individual quanto coletiva, uma vez que todos, de alguma forma, são impactados por essas questões.

Gladys Quevedo-Camargo e Matilde Scaramucci (2018) afirmam que ser letrado significa possuir a habilidade de ler e escrever, mas também implica a capacidade de utilizar essas competências de forma crítica e reflexiva em diferentes contextos sociais.

Os letramentos, para além das habilidades de ler e escrever; podem ser melhor compreendidos como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidades e de poder” (Souza, 2011, p. 35).

Dessa forma, o letramento racial é uma prática que visa ao desenvolvimento de competências voltadas para as questões sociais e raciais. Para reforçar essa ideia, trazemos uma citação de Aparecida Ferreira (2015), que introduz o conceito de letramento racial crítico:

Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça racismo tem impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais (Ferreira, 2015, p.138).

Percebe-se que a presença de um profissional letrado racialmente facilita o reconhecimento de atos racistas. Quando esse profissional possui essa competência em informação, consegue garantir que o acervo do seu ambiente de trabalho inclua títulos de autores(as) negros(as), que representam positivamente essa população, especialmente porque suas histórias e personagens refletem vivências e identidades reais. Esse acervo, aliado à uma abordagem correta, está diretamente ligado à construção da identidade e da autoestima das crianças negras, bem como ao entendimento das crianças não negras sobre a diversidade e a pluralidade dos povos.

Um indivíduo letrado racialmente consegue se impor e defender seus direitos e deveres, reforçando que não há uma raça superior e muito menos um padrão que deve ser seguido. Ser competente em informação e letrado racialmente, permite que o indivíduo conviva em harmonia e respeite as diferenças e, em especial sobre a temática racial consiga identificar os privilégios da branquitude e atuar contrário a essa prática de dominação; e principalmente entender que o racismo existe e deve ser combatido por toda a sociedade e não somente pela parte que sofre todos os dias por

ter um tom de pele diferente. Reforçando que a questão identitária e desenvolvimento da autoestima está relacionado com o que o indivíduo tem acesso, em especial a literatura infantil afrocentrada.

3 METODOLOGIA

Meu cabelo é muito bom porque é fofo, lindo e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso. (Oliveira, 2013)

A presente dissertação foi elaborada a partir de pesquisa bibliográfica e exploratória, de cunho qualitativo, além de identificar, analisar e agrupar os assuntos encontrados nos documentos foco da pesquisa, os encontrados nos acervos dos colégios federais do Rio de Janeiro.

Os autores Luciana Pizzani, Rosemary Silva, Suzalei Bello e Maria Cristina Hayashi (2010), destacam que a pesquisa bibliográfica objetiva a resolução de um problema/hipótese por meio de referências teóricas publicadas, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Assim o pesquisador terá acesso ao que já foi pesquisado sobre o tema e terá certo embasamento teórico.

Segundo Antonio Gil (2017), a pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar certa familiaridade com o problema, tornando - o mais explícito ou com o objetivo de criar hipóteses. Normalmente seu planejamento é flexível tendo várias formas de coleta de dados sendo a mais frequente o levantamento bibliográfico. Considerando Koche (2016), a pesquisa bibliográfica objetiva resolver um problema a partir do conhecimento presente nos livros e pesquisas já existentes.

De acordo com Maria Cecília Minayo (2001), a pesquisa qualitativa está relacionada com questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Antonio Gil (2016) defende que a pesquisa é feita no momento em que se define o tema com a intenção de reunir o maior número possível de material teórico sobre o assunto para leitura, análise e interpretação e conseqüentemente estudo. Tal feito deve ser realizado com o uso de livros, artigos científicos, sites acadêmicos, entre outras fontes de informação. Dessa forma, o autor terá todo o arcabouço teórico e científico para realizar sua pesquisa.

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma pesquisa nas bases de dados Brapci (Base de Dados em Ciência da Informação) e Scielo Brasil (*Scientific Electronic Library Online*), com o objetivo de levantar referências sobre os seguintes temas: representação da informação, indexação da literatura infantil, biblioteca escolar, literatura infantil, literatura infantil afrocentrada, representação da literatura

infantil afrocentrada, representação da literatura afrocentrada, competência em informação, letramento racial, letramento racial infantil, bibliotecário e letramento racial. Além disso, foi estabelecido um recorte temporal, considerando apenas as produções científicas dos últimos dez anos, o que permitiu obter um embasamento teórico atualizado e relevante para a pesquisa.

No que diz respeito à base de dados Brapci, foi aplicado o recorte temporal dos últimos dez anos de produção científica. Para refinar os resultados, as coleções de eventos foram excluídas, e o foco foi direcionado para as palavras-chave presentes em cada documento. Essa estratégia permitiu maior precisão e assertividade na busca. Detalhando os procedimentos, em alguns casos, foram utilizados recursos como aspas para buscas exatas e operadores booleanos, além de buscas simples, a fim de garantir a abrangência e a relevância dos resultados encontrados.

Em relação a busca na base de dados Scielo foi aplicado o recorte temporal também dos últimos dez anos de produção científica. Dessa forma, é possível ter maior entendimento em relação ao interesse desse assunto pelo meio acadêmico.

Sobre a pesquisa no site referente ao Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) sendo o recorte temporal referente aos últimos eventos que foram realizados em 2023 e 2024, sendo a busca simples. E por fim, em relação a busca em relação aos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação foi realizado no portal da organizadora FEBAB (CBBB) tendo como recorte temporal os últimos dois anos de evento.

QUADRO 1 - Levantamento bibliográfico

Estratégias de busca	Total de documentos encontrados			
	Brapci	Scielo	SNBU	CBBB
“Representação da informação”	207	46	9	22
Indexação + literatura infantil	2	1	0	0
Indexação	0	112	7	12
“Biblioteca escolar”	370	34	11	42
“Literatura infantil”	26	175	0	2
“Literatura infantojuvenil”	0	36	0	2
“Literatura infantil afrocentrada”	0	0	0	0
Literatura + afrocentrada	2	0	0	0
Literatura antirracista	15	10	0	0
Representação + literatura + afrocentrada	1	1	0	0
“Competência em informação”	478	24	17	29
Letramento racial	3	11	0	2
Bibliotecário + letramento racial	1	0	0	0
Lei 10.639/03	23	21	7	10
Educação antirracista	20	45	2	6

Fonte: Elaborado pela autora

A partir do quadro 1, podemos fazer uma leitura referente às buscas e seus resultados. Em relação a Brapci e os termos recuperados observamos que educação antirracista e literatura antirracista foram frequentemente citadas nas produções científicas, revelando a necessidade e relevância desse tema para a Ciência da Informação e Biblioteconomia. Na Scielo também foi observado a presença desses termos de forma mais abrangente, o que reforça ainda mais a necessidade de mais e mais pesquisas voltadas para essa temática. Já em relação a busca desses mesmos

termos nos sites dos eventos CBBB e SNBU, a literatura antirracista não foi recuperada, sendo o termo educação antirracista presente.

Em relação aos outros termos que contribuem com essa pesquisa observamos que termos mais específicos como literatura afrocentrada e representação da literatura afrocentrada foram recuperados em número menos em relação aos demais, reafirmando a necessidade de mais debates e produções científicas acerca desses conteúdos.

A etapa empírica desta pesquisa foi conduzida por meio de levantamento sistemático em catálogos on-line das bibliotecas previamente selecionadas, complementado por consultas às páginas institucionais (sites oficiais e redes sociais) e por contato direto, via e-mail, com os profissionais bibliotecários responsáveis pelos acervos, além de algumas visitas técnicas. Essa estratégia teve como finalidade principal garantir o acesso a informações atualizadas e consistentes sobre a organização dos acervos, especialmente no que se refere à presença de títulos de literatura infantil afrocentrada.

No processo investigativo, identificamos e analisamos, de forma crítica, os seguintes aspectos: a existência e as funcionalidades dos catálogos on-line, com destaque para a possibilidade de busca por assunto; as práticas de indexação, classificação e descrição bibliográfica realizadas pelos bibliotecários responsáveis; e a disponibilidade e a visibilidade de acervos voltados especificamente à literatura infantil afrocentrada.

Após o levantamento inicial, realizamos uma análise bibliográfica detalhada de cada título identificado, com ênfase nos assuntos atribuídos a essas obras nos registros catalográficos. Essa etapa nos permitiu compreender de que maneira os conteúdos afrocentrados foram representados e descritos dentro dos sistemas de organização do conhecimento utilizados pelas bibliotecas.

Para a fase de categorização, foi adotado o método de Shiyali Ramamrita Ranganathan, notadamente seu modelo analítico-sintético baseado nas categorias fundamentais PMEST - *Personality (Personalidade)*, *Matter (Matéria)*, *Energy (Energia)*, *Space (Espaço)* e *Time (Tempo)*. Desenvolvido no contexto da Classificação de Dois Pontos (Colon Classification), esse modelo constitui um dos marcos conceituais mais relevantes da Organização do Conhecimento, por oferecer uma estrutura lógica e multidimensional capaz de representar com precisão as relações entre conceitos em diferentes domínios do saber (Ranganathan, 1967; 1989).

No presente estudo, o método PMEST foi aplicado como instrumento de análise e categorização conceitual, permitindo identificar os elementos centrais das obras de literatura infantil afrocentrada e suas relações temáticas. A categoria Personalidade (P) foi utilizada para reconhecer o foco principal de cada obra - geralmente representado por sujeitos, personagens ou identidades afrocentradas; Matéria (M) e Energia (E) serviram para qualificar o conteúdo e a ação representada (por exemplo, elementos culturais, narrativas, práticas e valores expressos); enquanto Espaço (S) e Tempo (T) contribuíram para situar as obras em seus contextos geográficos e históricos.

Essa abordagem metodológica, ao ser articulada com referenciais teóricos da Organização do Conhecimento e com perspectivas afrocentradas, possibilitou o desenvolvimento de uma categorização mais sensível às dimensões culturais e identitárias presentes nas obras analisadas. Como produto final, elaboramos uma lista de assuntos agrupados em categorias, representando um modelo mais inclusivo e crítico de organização e representação da literatura infantil afrocentrada. Essa contribuição reforça o debate acadêmico e profissional na área, apontando caminhos para práticas biblioteconômicas mais alinhadas com a diversidade cultural e epistêmica.

4 LITERATURA INFANTOJUVENIL AFROCENTRADA E SUA REPRESENTAÇÃO NOS ACERVOS

[...] como pode existir o hoje, o agora, se você não conhece o seu passado, a sua origem, as suas características? É assim que a gente conhece a nossa ancestralidade. (França, 2020)

Nesta subseção iremos discorrer acerca da literatura infantojuvenil afrocentrada e sua representação nos acervos, destacando a sua importância no desenvolvimento do sujeito em relação a sua identidade, autoestima e conexão com sua ancestralidade. Para adentrar na literatura infantojuvenil afrocentrada, é necessário conceituar o que é a literatura infantil, literatura infantojuvenil e a literatura que é objeto dessa pesquisa: a literatura infantojuvenil afrocentrada.

Segundo Odilon Ribeiro, Rovilson Silva e Sueli Bortolin (2025) a literatura infantil é um dentre outros dispositivos que permite que o usuário construa seu repertório social e dessa forma, permite que o mesmo desenvolva sua própria identidade, atendendo a faixa etária de 0 a 12 anos. De acordo com Gregorin Filho (2009), a literatura infantil é a representação da arte, já que o texto apresenta a organização de um discurso em relação ao conteúdo do mundo e sua ideologia. É uma forma de compartilhamento da identidade cultural de um povo. Também, contribui para transmitir a identidade cultural de um povo. Visto que,

“[...] utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e tornar-se agente de modificações na sociedade em que vive” (Gregorin Filho, 2009, p. 51).

Já a literatura infantojuvenil compreende uma faixa mais ampla que compreende entre 0 e 18 anos onde utiliza-se de vários gêneros literários para abordar temáticas que fazem parte da realidade da população em geral.

Entende-se nesta pesquisa a literatura infantojuvenil afrocentrada como aquela que atende um público amplo até os 18 anos, nos quais o conteúdo das histórias visa a valorização e centralização do povo negro, buscando o pertencimento e protagonismo negro como defende. As autoras Anna Vitória e Elisabete Souza (2023) descrevem como finalidade dessa literatura compreendida por obras escritas em sua maioria por autores negros a descrição da experiência, cultura e história dos povos africanos e afro-brasileiros. Permitem que o acesso a essas obras possibilitem em muitos casos a reconexão e reconstrução do indivíduo em relação a sua cor e existência.

Nossa literatura era e ainda é rica em personagens brancos que viam e tratavam os pretos como meros objetos e propriedade, que tinham como única missão servir sem ter a chance de pensar, defender seus ideais e ir em busca de algo melhor para si e sua família. Por este motivo, as crianças negras por consumirem esse tipo de literatura não conseguiam construir uma autoestima nem se identificavam como negras e possuidoras de beleza.

[...] Entre 1900 e 1920, o negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte da cena doméstica. Era um personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial (Gouvêa, 2005, p.83).

Essa construção da literatura infantil também está relacionada à caminhada histórica do desenvolvimento do Brasil. Como disse Munanga (2010, p. 50):

Por isso, não é novidade dizer aqui que, a partir da abolição, os sobreviventes da escravidão e seus descendentes de ontem e hoje foram simplesmente submetidos a um sistema educacional monocultural, eurocêntrico, que nada tinha a ver com sua história, sua cultura e visão de mundo.

De acordo com Daviane Ribeiro (2018, p. 13):

A dinâmica histórica do Brasil possibilitou que as relações sociais estruturassem distintamente em função da cor de pele, privilegiando brancos em detrimento dos negros. A condição socioeconômica dos últimos restringe o acesso a bens culturais e como resultado influi no desenvolvimento do capital cultural, possibilitando que as desigualdades sociais se reproduzam no sistema educacional.

Destaca-se, portanto, que a construção do Brasil que é decorrente de anos de tortura proveniente da escravidão, excluíram parte da sociedade, a negra de vários eixos como acesso a educação e a cultura. Neusa Sousa (2021, p.48) “a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco, e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior”. Essa ação pode ser vista e lida nos livros infantojuvenis que eram usados nas escolas e bibliotecas escolares.

Pela falta de identificação tinham como objetivo e sonho se encaixarem naquele padrão de beleza e estética seguindo as características europeias que são bem distantes do povo brasileiro em si (cabelos longos, lisos e loiros, além do rosto com traços finos). Qual criança negra que nunca colocou uma toalha branca na cabeça com o intuito de ter longos e esvoaçantes fios? Qual criança negra não se rotulava como marrom bombom para não carregar o preto nas costas? São várias

camadas de anos de tortura estética e apagamento de um povo e toda a sua história e ancestralidade.

Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompam com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade (Barreiros, 2010, p.5).

Com a invisibilidade e/ou inexistência de personagens negros na literatura, mídias em geral e nos brinquedos, a criança negra se torna insegura e descrente sobre quem é e o que pode alcançar no seu futuro. Seus desejos, fantasias e sonhos são desestimulados e enfraquecidos pelo ambiente que a cerca, pelo entretenimento que consome, pela falta de estímulo dos seus familiares e ambiente escolar. Absorvendo os rótulos e estigmas impostos ao povo preto como verdadeiros e impossíveis de serem quebrados e vencidos, mas com o acesso a uma literatura que a valorize a criança irá crescer sabendo do seu valor e pertencimento em uma sociedade na qual tem direitos e deveres.

Esses e tantos outros espelhos manipulados por mãos embranquecidas estão espalhados por muitos espaços, muitas casas e muitas escolas, e seguem contribuindo para que as crianças cresçam, e adultos sigam acreditando que o que veem não reflete o belo, forjando reflexos que não são reais (Sousa; Cavalcanti, 2021, p. 25).

De acordo com Luciana Figueiredo e Reinaldo Valentim (2018) a falta de representatividade ou a invisibilidade do povo negro na literatura infanto-juvenil exerce uma influência significativa na construção identitária da criança negra, contribuindo para o desenvolvimento de baixa autoestima e para a sensação de não pertencimento racial. Isso ocorre porque, ao se depararem predominantemente com personagens brancos, cujos traços físicos e características culturais são distintos dos seus, as crianças negras internalizam padrões de beleza e valores que não refletem sua realidade. Como consequência, passam a acreditar e a buscar semelhanças com o que é apresentado como belo e positivo, muitas vezes negando suas próprias raízes, histórias e tradições. Esse processo de negação de si mesmo reforça estereótipos e perpetua uma visão distorcida da identidade negra e, conseqüentemente da sua autoimagem, consolidando como verdade única aquilo que foi historicamente imposto e reproduzido. Essa invisibilidade do povo negro causa distorção de imagem, já que

as crianças negras sofrem ao não se verem representadas positivamente e estarem sempre em contato com uma realidade de beleza que não condiz com a sua; uma beleza eurocêntrica.

Luciana Figueiredo e Reinaldo Valentim (2018) discorrem sobre a importância da literatura infantojuvenil para a construção de identidade da criança negra e o quanto a falta de representação ou inviabilização da diferença negra no currículo escolar e nos livros didáticos influencia na construção identitária, acarretando na baixa autoestima, a negação do pertencimento racial, desse modo inibindo a sociabilidade e a interação.

[...] A descoberta de ser negra é mais que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal, depois do trabalho de ser descortinado muito véus). Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 1997, p.17).

Oliveira (2012) enfatiza que as crianças negras, muitas vezes falam sobre seu desejo de serem brancas e sobre seus respectivos traços por sempre ver esses corpos de forma positiva nas histórias infantis, conseqüentemente negando desde seus primeiros anos a sua origem e ancestralidade. Desde cedo já são apresentadas ao racismo e preconceito e por falta de conhecimento não sabem como agir e nem entendem o porquê do seu tom de pele não ser respeitado.

Gonzalez destaca que:

é uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo. (Gonzalez *apud* Barreto, 2019).

Sabemos que a construção do sujeito está diretamente ligada ao seu entorno, suas vivências e experiências ao longo da vida. Assim, a inexistência de bonecas, desenhos, heroínas, heróis e personagens nos quais a criança negra se reconheça faz com que ela duvide e renegue suas origens.

A construção identitária da criança perpassa pelos referenciais vivenciados e experienciados por ela. Dentro desse aspecto enfatizamos as brincadeiras, os brinquedos e as histórias infantis. As crianças se identificam com os personagens principais, os heróis, as mocinhas, os animais, os príncipes e as princesas, as fadas, entre outros (Figueiredo; Valentim, 2018, p.153).

Dandara (2022) afirma que “a leitura de livros com personagens negros faz com que a criança negra passe a se identificar e reconhecer o belo em suas características - a valorização da convivência com a diversidade”. Enfatiza-se, então, o quanto a presença da negritude, em todas as áreas, tem relevância para o ser negro, já que ao não se identificar com aquilo com que tem contato, acaba por absorver que não pode e não deve estar e sonhar ser o que quiser. Como fazer de tudo para parecer ser o que nem é e aceitar o que lhe é dito em relação à origem do seu povo. Podemos dizer que essa é uma prática de um país que se desenvolveu e cresceu tendo a escravidão dos africanos como base e meio para enriquecer em busca de se tornar potência mundial, subtraindo o que tinham de mais valioso, a sua identidade, autoestima, ancestralidade e verdade.

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornam importantes para ele (Erikson, 1972, p. 21).

A identidade e autoestima da criança negra começa a ser formada durante a primeira infância, momento no qual inicia sua vida escolar; contato com um meio e pessoas fora do seu nicho familiar e particular. Ana Lúcia Valente (1995) reforça a importância da Educação infantil no desenvolvimento do sujeito em várias questões como a construção étnico-racial e entendimento sobre diversidade. Por este motivo, enfatizamos a importância desse trabalho por tratar de uma literatura que representa o preto de forma positiva sendo contrária ao que fora apresentado por anos; o preto de forma errônea, defendendo a ideologia da Branquitude. De acordo com Cida Bento (2022), essa ideologia acredita e defende que há supremacia branca, sendo uma relação de pura dominação de um grupo sobre o outro. Observamos que esse privilégio está presente em todas as esferas econômica, social e política e cabe a todos nós, negros, brancos, quilombolas e indígenas lutarmos por um ensino antirracista e igualitário.

Para a construção da nossa identidade é importante reconhecer a negritude, já que os traços e a cor da pele não são os únicos “requisitos” para ser negro. É preciso entender a sua história, ancestralidade e se reconectar para de fato se reconhecer

como preto. Entender o quanto é necessário ser letrado racialmente para lutar por seus direitos.

Uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura (Silva, 2010, p. 35).

A literatura afrocentrada refere-se a obras literárias que têm como foco principal a experiência, a cultura e a história dos povos africanos e afrodescendentes. É uma abordagem literária que busca destacar e valorizar as vozes e as contribuições dessas comunidades, muitas vezes marginalizadas ou negligenciadas na literatura. Tem como finalidade também a promoção da representatividade e inclusão de perspectivas socioculturais africanas e afrodescendentes na literatura, além de contrapor estereótipos e narrativas dominantes que perpetuam visões distorcidas ou incompletas sobre a experiência negra (Santos; Souza, 2023).

percebi que pessoas como eu, meninas com pele de cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura (Adichie, 2019, p.13-14).

Reafirmamos a necessidade da apresentação de histórias infantojuvenis que tratem as questões raciais e como tal apresentem personagens pretos e pardos como protagonistas, já que a sua ausência permite que a criança não se reconheça; gerando alienação identitária sendo resultado do branqueamento presente em grande parte da literatura que tem acesso.

Em geral, as crianças negras, já na Educação Infantil, aprendem a cultivar uma beleza que está distante de si mesmas, aprendem em um espelho no qual não se veem, não se reconhecem. As identidades vão se formando não pela afirmação, mas pela negação de si, pois não é novidade que príncipes e princesas, reis e rainhas que povoam os livros de Literatura e que vão povoando também o imaginário infantil, são, em geral, loiros/as e de olhos azuis. Em geral, quando há personagens negras, estas estão em situações desfavoráveis, socialmente subjugadas, ligadas à imagem da maldade, da feiura, da pobreza. As crianças negras não se vendo representadas, buscam ingressar em uma identidade que não é sua (Regina de Jesus, 2017, p. 119).

Através dessa citação podemos mensurar o quanto a seleção das histórias é uma atividade de muita responsabilidade, já que gera influência direta nas crianças em relação ao seu olhar para si e sua sensação de pertencimento. As narrativas afirmativas permitem que essas crianças se enxerguem sem distorções. Com as

leituras e suas devidas mediações, os profissionais da educação e da informação auxiliam para o desenvolvimento de uma identidade etnicorracial positiva.

Para se trabalhar questões raciais no ambiente escolar e da biblioteca é preciso atenção na seleção e escolha da obra que será utilizada, já que seu conteúdo deve apresentar personagens representativos destacando a ancestralidade, tradições e tudo que cerca o povo apagado por anos de forma positiva. Destacando positivamente esse sujeito, valorizando e desconstruindo estigmas e estereótipos negativos sobre essa população tão arraigados na vida em sociedade, e perpassados infelizmente por diversos meios de propagação dos “padrões” delimitados pelos aparelhos de reprodução social.

A Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) segundo Flávia Carolina Silva (2020) é um percurso que permite que as crianças negras construam uma identidade positiva em relação a si e aos seus. Esse contato com a cultura afro-brasileira e africana permite que a verdadeira história do nosso país seja conhecida e compartilhada entre toda a sociedade e não somente ao povo negro.

Para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afro-brasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um “outro”, conquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala (Gomes, 2012, p. 105).

O ERER não é uma educação exclusiva do povo preto e sim de toda a sociedade que busca por igualdade: brancos, quilombolas, indígenas e negros. Ter os livros infantis como ferramenta nessa luta diária torna o processo mais abrangente, direto e leve. Já que a partir de uma leitura e posterior mediação é possível apresentar e conversar com os pequenos sujeitos sobre temas e ações que acontecem a todo momento e geram consequências e traumas que perduram por toda uma vida. As crianças começam suas jornadas por caminhos tortuosos e desconhecidos, muitas vezes marcados por narrativas que distorcem a realidade de um povo que foi fundamental para o desenvolvimento do país. Durante anos, a literatura infantil brasileira seguiu essa tendência, apresentando uma riqueza de histórias que, no entanto, ignoravam a presença de personagens negros ou, quando estes apareciam, eram retratados de forma desumanizada, animalizada e carregada de estereótipos. Essa abordagem não apenas perpetuava visões distorcidas, mas também reforçava

desigualdades e invisibilizava a contribuição essencial da população negra na construção da identidade nacional. Como afirma Fabiana Peres, Edwilson Marinheiro e Simone Moura (2012) a literatura, como toda arte, é a expressão de um tempo, constituindo-se através de um ideário, e ao mesmo tempo expressando-o. Por este motivo por anos, a presença do preto nas histórias representava a estrutura do desenvolvimento do Brasil (escravidão), um objeto sem nome, sem valor que só servia para trabalhos braçais além de cunho carnal e sexual.

Por essa razão, tornou-se imprescindível o surgimento de uma literatura que representasse o indivíduo negro em sua essência e complexidade: protagonista de uma história rica e ancestral, marcada por reinados, sabedorias e conquistas, onde a cor da pele não é associada a algo negativo, mas sim a um símbolo de orgulho, resistência e honra. A literatura infantojuvenil afrocentrada emergiu como uma ferramenta de ruptura, desconstruindo as amarras e os estereótipos que, por décadas, permeiam tanto a sociedade quanto a produção literária no Brasil. Ao trazer narrativas que valorizam a identidade e a cultura negra, essa literatura não apenas resgata histórias apagadas, mas também abre caminho para uma representação mais justa e plural, contribuindo para a formação de uma consciência crítica e antirracista desde a infância.

Elisangela Gomes (2016) afirma que o termo afrocentrado é oriundo de Afrocentridade, tendo como finalidade modificar a imagem estereotipada da população negra desde o momento que o negro se torna o centro e protagonista da sua própria história. Se hoje, podemos falar abertamente sobre racismo, preconceito, escravidão, desigualdades, injustiças e todas as mazelas decorrentes de anos de escravatura, devemos aos vários movimentos negros que tanto lutaram e gritaram em busca dos direitos e deveres desse povo tão sofrido e invisibilizados por séculos. Esses movimentos são mais que manifestações de luta e resistência, mas também de aprendizagem antirracista buscando equidade, igualdade e paridade.

A literatura afrocentrada é rica em simbolismos, histórias, conexões e reconexões que podem ser utilizadas como ferramenta nesse processo de desconstrução e construção dos pequenos sujeitos.

A afro-literatura brasileira poderia ser entendida, ainda, como aquela produção que: possui uma enunciação coletiva, ou seja, o eu que fala no texto traduz buscas de toda uma coletividade negra. Para que o livro seja uma obra de referência, não basta trazer personagens negras e abordagens sobre

preconceitos. É importante levar em consideração o modo como são trabalhados o texto e a ilustração (Pires; Sousa; Souza, 2005, p. 1).

O personagem negro começou a aparecer com mais frequência na literatura brasileira a partir do século XIX, mas sua representação era, em sua maioria, caricata e desumanizada. Ele não era retratado como sujeito de sua própria história, mas como objeto, muitas vezes sem nome, sobrenome ou família, reduzido a uma única função: servir ao outro, sempre branco. Essa construção narrativa reforçou, ao longo do tempo, a ideia de que o negro é inferior, um ser que não merece respeito, cuidado ou reconhecimento. Essa visão distorcida contribuiu para a disseminação da crença de que pessoas negras não poderiam ocupar cargos e profissões considerados "de brancos", vistos como inatingíveis ou superiores.

Esse imaginário social, perpetuado pela literatura e outras formas de expressão cultural, acabou sendo transmitido às crianças, que cresceram sem ver corpos negros representados em posições de destaque, como médicos, engenheiros ou outras profissões historicamente associadas à branquitude. A ausência dessas representações não apenas reforçou estereótipos, mas também limitou as possibilidades de identificação e aspiração das crianças negras, perpetuando ciclos de exclusão e desigualdade.

[...] as crianças de grupos étnicos diferenciados percebem quando são desqualificadas, adquirindo, assim, uma concepção coletiva de sua etnia a partir do estigma que lhe é atribuído. No caso das crianças negras, as suas características raciais (tom de pele, nariz achatado, cabelos encarapinhados) são consideradas feias e elas introjetam a inferioridade. Em sua concepção, ser negro, é ser feio (Silva, 1995, p. 68).

Para romper com essa dinâmica excludente, os movimentos negros desempenharam um papel fundamental, impulsionando tanto a criação de editoras independentes quanto a aprovação da Lei 10.639/03 (Brasil, 2003), que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino públicas e privadas. Essas iniciativas foram decisivas para ampliar o acesso a obras afrocentradas, afroreferenciadas e afrodiaspóricas, que se tornaram ferramentas essenciais na desconstrução de séculos de invisibilidade e narrativas distorcidas sobre o povo negro.

[...]. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32).

A citação de Chimamanda Adichie (2019) evidencia o duplo papel que as histórias podem desempenhar: por um lado, foram utilizadas como instrumentos de opressão; por outro, têm o potencial de empoderar e humanizar. Essa reflexão reforça a ideia de que as narrativas não são meramente neutras ou inocentes, mas carregam consigo um poder transformador, capaz de valorizar ou desvalorizar grupos sociais. Ao destacar essa dualidade, a autora nos alerta para a responsabilidade de utilizar as histórias de forma consciente, garantindo que elas promovam a representação justa e humanizada de todos os sujeitos, especialmente daqueles que foram historicamente marginalizados. Dessa forma, as histórias tornam-se ferramentas essenciais para a desconstrução de estereótipos e a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

A literatura infantil recente oferece um montante de informações e representações, pelas quais o leitor pode desenvolver a leitura, adquirir novos conhecimentos e valores, auxiliando-o na solução de situações da vida. Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompam com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade (Barreiros, 2010, p. 5).

A escolha dessa temática está diretamente ligada à escassez de personagens negros na literatura infantil e à estrutura racista enraizada em nosso país, que constantemente silencia e limita as possibilidades da população negra. É perceptível como essa ausência de representação gera traumas profundos, contribuindo para a perda de identidade e desconexão com as origens africanas. Além disso, essa lacuna desmotiva crianças negras em relação aos seus sonhos e aspirações, uma realidade que não se restringe apenas ao contato com uma literatura que invisibiliza a população negra, mas também ao desencorajamento que muitas vezes ocorre em seus próprios lares. Frequentemente, pais e/ou responsáveis, na tentativa de proteger seus filhos do racismo e preconceitos cotidianos, acabam, mesmo sem intenção, reforçando limitações. Não podemos permitir que o racismo estrutural continue a definir os caminhos disponíveis para pessoas negras na sociedade, restringindo-as, na maioria das vezes, a cargos subalternos e desvalorizados. Mas antes de falarmos sobre racismo estrutural é necessário conceituar o termo racismo.

Segundo Santos et al (2024), a desigualdade no tratamento dos vários grupos populacionais no nosso país de acordo com raça/etnia, é decorrente do processo de colonização e da escravidão que criaram estruturas sociais, econômicas e culturais que sustentam, ainda hoje, a prática do racismo. Este é uma manifestação através da discriminação direta, definida como racismo interpessoal ou individual. Sendo interações discriminatórias diretamente percebidas entre indivíduos, seja em ambientes públicos ou privados (Krieger *et al.*, 2010), nos quais as pessoas são vítimas de diversos tipos de violência devido à cor/etnia. Reforçando essa percepção trazemos Kabengele Munanga (2019) que conceituou o racismo como a crença na hierarquia natural entre grupos raciais, ou seja, uma parte da população se considera superior a outra devido suas características fenotípicas e por conseguinte as demais como questão social e econômica. De acordo com Djamila Ribeiro (2009, p. 12) “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo”. Destacando assim, a existência do racismo estrutural.

Há vários Racismos no Brasil, mas traremos o conceito do racismo estrutural que atinge toda nossa sociedade. Segundo Lélia Gonzalez (2020) o racismo estrutural atinge homens, mulheres, adultos e jovens de formas diferentes, com as mulheres negras estando na base da pirâmide de desigualdade. Entende-se o racismo estrutural como resultado da escravidão. Já que esse momento na nossa história foi responsável pela forma como nossa sociedade foi estruturada, tendo como norte o racismo, no qual defende - se que pessoas pretas devem sempre ocupar espaços subalternos em nossa sociedade. Mantendo a organização social no qual o povo branco será sempre privilegiado, desvalorizando o que encaram como povo minoritário: o preto. Essa construção de sociedade tem como objetivo a exclusão dos pretos e que estes não acreditem em si e não se reconheçam como sujeitos.

A literatura afrocentrada, por apresentar em todas as histórias o personagem preto como protagonista, presente em todas as áreas, mostra para criança negra que ela pode sonhar, escolher qualquer carreira e ser o que quiser. Não permitindo que sua cor de pele o bloqueie e o impeça de galgar sempre mais, mesmo tendo mais obstáculos no caminho que os demais.

A importância da representação negra na biblioteca a partir de uma visão afrocentrada, é crucial para a formação social da população negra, pois esta irá reconhecer-se nos elementos que constituem a experiência africana na diáspora como protagonista, que embora tenha vindo para o Brasil na condição de escravizada, detém uma trajetória histórica com um sistema de

crenças, costumes, comportamentos, a forma de ser e estar de portar-se, diferentemente do modelo europeu imposto como modelo de padrão social, cultural e intelectual (Gomes, 2016, p. 747).

Reafirmando o que fora apresentado anteriormente, trazemos Kabengele Munanga (2012) que reafirma a urgência do protagonismo negro, isto é, o negro entendido como sujeito ativo da construção do nosso país:

Daí a necessidade e importância de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro, apesar das desigualdades raciais resultantes do processo discriminatório (2012, p. 10- 11).

É notório que a representatividade presente nessa literatura irá influenciar a criança negra na faixa etária de 4 a 5 anos em relação a sua percepção como sujeito, como integrante de uma sociedade, de uma história, tendo contato com sua ancestralidade que irá acarretar na construção da sua identidade e autoestima de forma positiva, além de possibilitar que a criança não negra tenha acesso a exemplares que falem sobre o povo preto e a construção do nosso país de forma correta com o que realmente foi. Sobre Infância devemos levar em consideração que esse termo demorou a ser utilizado e empregado de fato na nossa sociedade. Sabemos que na Idade Média as crianças eram vistas como pequenos adultos e como tal não ocorria diferenciação entre as pessoas. De acordo com Ariès (2006), no seu livro *História Social da Criança e da Família*, a ausência do termo Infância se postergou até o final do século XVII; momento no qual surgia a unidade escolar e como tal era necessário que ocorresse distinção entre as idades. Surgia nesse momento a fase Infância no crescimento do indivíduo. Assim as crianças tinham seus momentos separados dos adultos, sendo necessário que a literatura agora fosse voltada para essa faixa etária. No período Renascentista perceberam que as crianças eram seres inocentes e que precisavam de cuidados e proteção. A ação da Igreja foi essencial, suas ações possibilitaram diminuição, por exemplo, no número de mortes prematuras por falta de cuidados básicos.

A fase infância até certo momento da nossa história como sociedade não existia, ou seja, não havia distinção de acordo com a idade dos sujeitos e como suposto a literatura também não era diferente.

Segundo, Aurélio (2008) infância é a etapa da vida humana que vai do nascimento à puberdade, sendo assim composta pelas crianças. Dessa forma, a infância é o período do crescimento do sujeito e para assegurar certos direitos dos pequenos, O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, 1990), lei número 8.069, sancionada em 13 de julho de 1990, foi criada como objetivo de defender os direitos da criança e do adolescente, além de reafirmar a responsabilidade da família, sociedade e Estado em garantir as condições favoráveis para o seu desenvolvimento e proteção contra a discriminação, exploração e violência. A lei descreve como criança o sujeito com até 12 anos incompletos e como adolescente o sujeito da faixa etária dos 12 anos até os 18 anos.

A inexistência e a invisibilidade de representações positivas da população negra na literatura contribuem para a internalização de uma visão de mundo que frequentemente reforça a ideia de que a presença negra em determinados espaços não é bem-vinda. Além dessa perspectiva individual, observa-se que o contato com uma literatura que representa de forma positiva e digna às pessoas negras, independentemente da faixa etária, gera impactos significativos e transformadores nos leitores. A leitura, enquanto porta de entrada para novos universos e possibilidades, permite que crianças negras sonhem e visualizem a ocupação de espaços que, muitas vezes, são socialmente apresentados como inacessíveis ou proibidos para elas.

Dentre muitas pesquisadoras da temática identitária, Nilma Lino Gomes (2017) defende que

a identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. A questão da identidade negra não está relacionada apenas como o sujeito negro se vê, mas como o outro o enxerga.

Podemos entender que as relações interpessoais estão atreladas com o desenvolver de qualquer sujeito, mas o preto por todas as questões mencionadas sofre ainda mais com as opiniões, falas e atitudes do outro.

Roberta Sousa e André Cavalcanti (2021) discorrem sobre como as instituições em geral são estruturas racistas que permitiram os privilégios de um grupo em detrimento de outros. É um paradoxo perceber que mesmo tendo mais de 56% da população ser constituída por pessoas pretas e pardas, estas ainda têm negado o seu

protagonismo e a participação na construção do Brasil. Percebemos isso na invisibilidade e apagamento de personalidades negras importantes para o desenvolvimento do país, sendo o uso de uma literatura com narrativas específicas uma aliada no processo de desconstrução de uma história que não representa a verdade.

Os autores Roberta e André reforçam que os ambientes escolares ainda apresentam o viés racista, colonial e de segregação que permitem que a história do povo preto ainda seja desconhecida por parte da população e sabemos o quanto a instituição escolar tem importância no desenvolvimento do aluno e cidadão.

Assim como ser branco tem sido uma posição política, e não uma cor, percebemos que o espaço escolar ainda reproduz o racismo estrutural e institucional. Ainda existem professores (as) que não compreendem a importância de trazer outras histórias e de descolonizar a educação apresentada às crianças (Lisboa; Tavares; Sousa, 2024, p. 183).

Durante suas observações com as crianças de idade pré-escolar, Eliane Cavalleiro (2014) identificou que as crianças negras já tinham enraizado conceitos negativos em relação a sua identidade por se compararem com as crianças brancas e tudo que era disseminado por todo tipo de mídia. Já Oliveira (2012) afirma que crianças brancas já cometem atos racistas por se verem como superiores em relação às crianças negras.

Observa-se que as crianças brancas reproduzem uma relação de superioridade com as crianças negras ao depreciarem a cor da pele, o cabelo crespo, os traços negros e a condição social (Oliveira, 2012, p. 11).

A autora Daviane Santos (2018) destacou que nas suas atividades como auxiliar de biblioteca, percebeu certa resistência das crianças em relação aos títulos com personagens negros. Além disso, observou risos e comentários em relação às características fenotípicas dos personagens negros. Como justificativa, a autora entende que a não utilização da literatura infantojuvenil africana e afro-brasileira pode possibilitar um bloqueio em relação à exclusão dessas histórias nos ambientes escolares. Esse estranhamento também pode ocorrer pela falta de projetos educacionais com essa temática e de profissionais atentos e comprometidos com uma educação antirracista. A autora sugere, então, que ocorra uma parceria entre a sala de aula e a biblioteca escolar com o intuito de erradicar os paradigmas e estereótipos empregados ao povo negro. A literatura afrocentrada, nesse momento, atua como um

mediador dessa desconstrução, trazendo para as rodas de ensino o reconhecimento, pertencimento acerca das questões raciais, históricas e culturais.

instituições educacionais contribuem para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais. Mais do que isso, reproduzem ou constroem os negros como sinônimos de seres inferiores. O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano só impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes brilhantes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos realmente livres “para ser o que for e ser tudo” - livres dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas, entre outros males (Cavalleiro, 2005, p. 12).

A literatura afrocentrada é de suma importância para desconstruir os estereótipos historicamente impostos ao povo negro, tais como a imagem de subserviente, incapaz, sem valor ou destituído de beleza e qualidades. Seu objetivo é resgatar e apresentar, de forma autêntica e digna, a história e a cultura negra, rompendo com narrativas que perpetuam visões distorcidas e prejudiciais. Conforme aponta Maria Cristina Gouvêa (2005), o personagem negro na literatura infantil, quando presente, ocupava predominantemente papéis subalternos ou associados ao período da escravidão, sendo retratado de forma desvalorizada e inferiorizada. Essa representação negativa impactava diretamente o desenvolvimento da criança negra, limitando sua percepção estética, social, política e econômica, uma vez que a ausência de referências positivas dificultava a construção de uma identidade fortalecida. Ao ser constantemente exposta a personagens negros caricaturados e desumanizados, a criança negra era induzida a não se reconhecer como sujeito importante, reforçando ciclos de exclusão e desvalorização.

A sua utilização permitirá que a criança negra construa uma nova percepção de quem ela é, e entenda o quão rico é seu povo. Permite que a mesma possa se reconectar com sua ancestralidade, com sua história e cultura, percebendo que faz parte de um povo lindo, capaz, inteligente, forte e resiliente que tem a sua voz e sua literatura para defender seu lugar na sociedade, seu lugar de fala e de vivência. Com esse contato, o pequeno leitor terá a chance de conhecer suas origens e ter orgulho de si, pelo fato de entender que o preto não é mero coadjuvante e sim protagonista da sua história. Terão contato com a riqueza da cultura e história africana e afro-brasileira.

[...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura. [...] Investir na construção de uma identidade significa abrir caminho para a revolução no jeito de pensar da sociedade contemporânea, pois os educandos de hoje serão a sociedade de amanhã. A literatura, nesse ínterim, pode ser um espaço de problematização do movimento ocorrido em nossa sociedade (Silva 2010, p. 35).

As crianças, na primeira infância, estão mais suscetíveis a tudo que é apresentado e como tal acabam por absorver tudo como verdadeiro, utilizando tudo que lhe é ofertado como material para auxiliar sua construção como sujeito. De acordo com a reportagem do Jornal O Globo (O Globo, 2023) 64% das crianças têm seu primeiro contato com o racismo na sala de aula, local que deveria ser de acolhimento e igualdade.

Tais dados demonstram a necessidade de capacitação dos profissionais - educadores e bibliotecários - para que se tenha uma formação acadêmica voltada não só as questões técnicas da profissão como relacionada às questões étnico-raciais que fazem parte do nosso cotidiano e sociedade.

A criação do Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288/2010 (Brasil, 2010) que tem como objetivo garantir à população negra a igualdade de oportunidade e a defesa dos direitos étnicos e individuais, coletivos e difusos., sendo um elo na busca do combate ao racismo, discriminação e intolerância étnica. Sendo uma estratégia prática para defender os direitos individual e coletivamente desse povo, assim terão a possibilidade de ocuparem espaços que por anos foram negados mesmo sendo através da criação de uma lei que assegure um espaço que já é seu por direito por ser cidadão e brasileiro.

Nessa subseção apresentamos a literatura infantil afrocentrada, sua representação nos acervos, a importância das leis voltadas para a temática e principalmente na sua representação nos acervos. Destacamos o quanto a sua utilização nas bibliotecas escolares gera consequências positivas no pequeno sujeito e leitor em formação. As ações conjuntas entre pedagogos e a pessoa bibliotecária para desenvolver atividades em busca do debate sobre a temática podem influenciar de forma positiva, permitindo que aquelas crianças que até aquele momento negavam suas raízes e características comecem a se sentir pertencentes a um povo rico de histórias, belezas, crenças tradições e ancestralidade. Terão a possibilidade de se

conhecer através dessa literatura rica em histórias, crenças, tradições e beleza reverbera positivamente nos que têm acesso a ela.

4.1 Bases legais para uma educação antirracista: leis, diretrizes e bibliotecas como espaços de ação

Através dos Movimentos Negros e o Movimento Negro Unificado (MNU) e toda luta antirracista foram criadas leis visando o reconhecimento desse povo como a Lei n 10.639/2003 referente a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas instituições de ensino públicas e privadas, sendo regulamentada pelo parecer CNE/CP 03/2004 e pela resolução CNE/CP 01/2004 (BRASIL, 2005). Essa lei, posteriormente sofreu alterações para inserir as questões indígenas ao seu corpo (Lei 11.645/2008). As ações dos movimentos negros foram e são importantes nas mudanças que observamos. Há muito o que fazer e lutar por igualdade de tratamento, respeito, valorização e oportunidades para o povo negro.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista de falsa generosidade referida (Freire, 1987, p. 20).

A promulgação da Lei no 10.639/2003 (Brasil, 2003) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro – brasileira e africana no Brasil foi um marco legal, político e pedagógico de reconhecimento e valorização das influências africanas na construção da sociedade brasileira e do protagonismo da população afro – brasileira na formação social, política e econômica do país. A criação dessa lei é um instrumento normativo importante para nortear o papel e as ações dos profissionais nos movimentos antirracistas. Nessas diretrizes há o interesse e desejo em combater o racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico – raciais e religiosas como constante reflexão e intervenção na rotina da educação infantil.

A criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e a Lei 10.639/2003 são alguns exemplos que visam uma mudança na

desigualdade racial mesmo que a passos lentos, já que se passaram dezenove anos dessa lei que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena nas escolas. Essas leis são exemplos da Política Pública no tocante da educação que sim é a chama que permite que todos sem exceção tenham oportunidades de mudanças de crescimento como sujeito e profissional. Permite que todos possam usufruir do conhecimento, da cultura, do lazer e da informação e assim modificarem sua trajetória bem como de todos ao seu redor.

Em Março de 2008, ocorreu um complemento no qual se inseriu a obrigatoriedade do ensino da cultura e histórias indígenas nas escolas públicas e privadas, através da lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008), trazendo em pauta mais uma parte da sociedade que também é invisibilizada e sofre apagamento por séculos. Essa inserção permite que esse povo também se sinta pertencente na sociedade, já que suas histórias serão conhecidas e permitirão que os descendentes possam ter consciência do valor do seu povo e cultura.

A cultura e história afro-brasileira e africana ainda têm pouco espaço nos currículos escolares e tendem a estar presentes somente no mês de novembro como cumprimento de um calendário escolar baseado em datas comemorativas e não efetivamente como compromisso de um calendário escolar baseado em datas comemorativas e não efetivamente como um compromisso coletivo com uma transformação dos espaços escolares, o que reforça o lugar da ausência, da invisibilidade e do não pertencimento ao invés de reescrever a história da presença dos povos negros no país, da diáspora africana sob a forma capitalista da escravidão (Lisboa, Tavares e Sousa, 2024, p.196).

Míghian Nunes (2016) nos provoca a pensar em como o Racismo apaga a presença de corpos negros mesmos nos ambientes em que ela se encontra e como a educação e luta antirracista pode atuar contra isso, reforçando o sentimento de exclusão e não pertencimento que esses pequenos corpos sentem na escola, ambiente que deveria gerar amor, acolhimento e segurança, mas, em alguns casos é o reflexo da nossa sociedade racista que a todo tempo demonstra e reafirma que não quer empretecer os ambientes, seja ele qual for. Locais com ações discretas e singelas que excluem os corpos pretos naturalmente, sem se preocupar com as consequências futuras.

O uso dessa literatura afrocentrada corrobora com a educação das relações étnico-raciais (ERER). Segundo Flávia Carolina Silva (2020) a ERER é um percurso que permite que as crianças pretas construam uma identidade positiva em relação a

si e aos seus. Esse contato com a cultura afro-brasileira e africana permite que a verdadeira história do nosso país seja conhecida e compartilhada entre toda a sociedade e não somente ao povo preto, não sendo uma educação exclusiva do povo preto e sim de toda a sociedade que busca por igualdade.

Essas leis são um resgate da história e valorização de povos apagados e silenciados, tendo como objetivo além do destaque a esses povos; visam mudanças nas práticas pedagógicas. Dessa maneira, o ensino irá valorizar a diversidade do país, suas particularidades, crenças, tradições, ancestralidade e identidade de cada pessoa. O respaldo oficial das leis permitiu o compartilhamento dos saberes dos povos africano e indígena e consequentemente influenciou na busca por informações acerca da temática, capacitação e crescimento de publicações literárias com o protagonismo desses sujeitos.

A mudança de paradigma negativo quanto ao que pertence a Pretitude ocorreu a partir da reeducação da comunidade escolar, famílias e alunos quanto a Educação para as Relações Étnico – Raciais e atuação direcionada quanto a educação antirracista viabilizando o cumprimento da lei 10.639/2003 e demais documento oficiais norteadores como as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da História e Cultura Africana e Afrobrasileira, (CNE/CP nº1/2004) o Plano Nacional de Implementação para o Ensino da História e Cultura Africana e Afrobrasileira, e o Parecer Nacional para o Ensino da História e Cultura Africana e Afrobrasileira (CNE/CP nº3/2004).

A Educação das Relações Étnico–Raciais deveria estar presente em todos os currículos escolares e os profissionais capacitados ou ao menos interessados nesse conteúdo que nos rodeia diariamente. As Políticas Públicas são essenciais para a melhoria e desenvolvimento do nosso país, mas os profissionais da Educação e da Informação precisam ter acesso a cursos que abordem essa temática e terem a esperança que mudanças são possíveis. As leis e decretos são fundamentais, mas os profissionais precisam de orientação desde a graduação de como devem abordar e trabalhar essas questões com seus alunos. Por este motivo as universidades devem estar atentas com a temática racial, modificando suas grades curriculares disciplinas obrigatórias e optativas com esse olhar para o social e consequentemente para temas que afligem parte da sociedade. Essas ações e políticas públicas são indispensáveis para uma mudança radical no tratamento do preto, mas é preciso que os profissionais

durante sua formação acadêmica tenham contato com disciplinas que tenham essas vertentes, ou seja, não adianta a criação de leis e decretos se os profissionais não tiverem conhecimento adequado para trabalhar em sala de aula e no ambiente biblioteconômico.

Com a Lei Federal 10.639/2003 (BRASIL, 2003) além das suas diretrizes era necessário criar ações que priorizassem a formação continuada dos professores para que tivessem contato de fato com essa temática e como consequente ter embasamento para abordar esses assuntos em sala de aula. A implementação da Lei 10.639/03 foi uma vitória dos Movimentos Negros, mas para sua excelência é essencial que os bibliotecários e docentes estejam cientes da importância dessa lei para o desenvolvimento do nosso país com a necessidade de deixar para o passado o Racista e preconceituoso.

Ao trazer para discussão a matriz curricular escolar brasileira é importante contextualizar que tal matriz ainda carrega características de uma educação eurocêntrica, que não valoriza a cultura e a história negra e apresenta de forma distorcida e parcial o que de fato aconteceu com o povo preto.

Historicamente, a educação – especialmente no Brasil – tem sido dominada por um currículo eurocentrado que não apenas marginaliza as narrativas africanas e afro-brasileiras, mas também perpetua estereótipos e visões distorcidas sobre as contribuições dessas culturas à sociedade. A imposição de uma perspectiva eurocêntrica se alicerça em um processo de colonização cultural, que ainda reverbera nas práticas pedagógicas contemporâneas (Moreira, Viñal Júnior, 2025, p. 4).

Precisamos que as instituições de ensino ensinem a história da história e que todos tenham acesso a verdadeira história da construção do nosso país. A autora Bárbara Pinheiro (2023, p. 67) reforça o quanto o Brasil ainda é racista em sua estrutura e por este motivo, o ambiente escolar acaba por proliferar o racismo de forma naturalizada, haja visto que o currículo escolar ainda segue um padrão da branquitude.

a escola é um complexo social gestado no interior de uma sociedade, que carrega as marcas estruturais dela. Isso não significa que, como a escola reproduz racismo, não há nada a ser feito. Muito pelo contrário: sendo a escola um espaço de reprodução dessas estruturas de opressão, precisamos pensar em mecanismos de superação dessas mazelas também, principalmente por meio do sistema educacional formal (Pinheiro, 2023, p. 67).

Essa citação só reforça o quanto é necessário a capacitação dos profissionais em relação às questões étnico-raciais, além de colocar em prática a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino.

Um currículo afrocentrado é fundamental para desafiar as narrativas eurocêtricas que têm perpetuado estereótipos e preconceitos contra a comunidade negra. Ele oferece uma visão mais abrangente e precisa da história e cultura africana, contribuindo para a construção da autoestima e identidade positiva dos alunos afrodescendentes (Akbar, 1984, p. 112).

Nilma Gomes (2016) enaltece a criação de Políticas Públicas visando melhoria na qualidade de vida da população e destaca a lei 10. 639/2003 que tem como finalidade valorizar e difundir a Cultura africana e afro – brasileira. Através dela ir em busca da igualdade racial e dar destaque a uma cultura tão rica. Foi um marco para o movimento preto, já que através dela o preto teve a sua voz ouvida e o seu grito expandido para os quatro cantos.

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciemos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos (Gomes, 2012, p.102).

Além de todo esse conjunto de conhecimento e capacitação os profissionais devem estar abertos e conscientes sobre a igualdade dos sujeitos e como tal saberem lidar quando presenciam qualquer ato racista na sala de aula, na biblioteca e no seu cotidiano. Não basta a criação de leis antirracistas, políticas públicas voltadas para esse assunto se na prática as ações de negligência e invisibilidade continuarem. Dentro desse cenário a capacitação profissional humanista dos bibliotecários se apresenta como um dos grandes desafios da Biblioteconomia brasileira. A universidade, infelizmente, tem como prioridade a técnica, formando e introduzindo no mercado profissionais com um distanciamento sobre as problemáticas sociais e da condição do povo brasileiro.

Discutir e elaborar projetos pedagógicos com o objetivo de empretecer a nossa sociedade através do uso de uma literatura que apresente a imagem do negro de forma positiva, torna visível as questões raciais e também sociais presentes no Brasil. Observamos que não basta ter conhecimento acadêmico e científico é preciso colocar o lado social e humano nas atuações profissionais indo de encontro com as Políticas Públicas já existentes e lutando para a criação de outras na busca por equidade e igualdade ao nosso redor. Políticas públicas são ações do governo em diversas áreas da sociedade como Economia, Administração, Direito e Ciências Sociais, estando associada às questões políticas e governamentais do Estado que causam efeito na sociedade. Segundo a Assembleia Legislativa do Sergipe (2018), são ações e

programas elaborados pelo Estado com o objetivo de garantir os direitos do cidadão presentes na Constituição Federal. Logo, são ações que tem como objetivo garantir que todos sem exceção tenham acesso a todos os direitos civis, ou seja, acesso à educação, saúde, lazer, cultura, moradia e emprego. Objetivam a igualdade em oportunidades para todos os cidadãos, sem qualquer tipo de exceção.

Uma forma eficiente para essa abordagem seria a elaboração de Políticas Públicas na Educação com essa vertente, mas além da teoria essas precisam sair do papel e serem de fato praticadas no dia a dia escolar como na formação desses profissionais que fazem a diferença na vida dessas crianças. Essas leis e diretrizes voltadas para a educação antirracista esbarra em uma sociedade que foi construída, respalda e desenvolvida através de anos de escravidão, de tortura, de crueldade e medo. Dessa forma os profissionais da educação precisam lutar contra tudo que foi ensinado desde seus primeiros anos de vida e consequentemente com sua identidade. Precisam estar abertos para um novo caminho de aceitação, de respeito às diferenças, de empatia e de reconstrução.

a importância de um currículo afrocentrado como ferramenta para o reconhecimento e fortalecimento da cidadania da população negra, buscando resgatar a história e a cultura africana, desnaturalizar as hierarquias raciais e desafiar a hegemonia branca presente nos livros didáticos, nas narrativas sócio-históricas e nas práticas pedagógicas (Moreira, Viñal Júnior, 2025, p. 5).

Reforçamos o quanto o currículo afrocentrado defendido por Munanga e Gomes (2016) objetiva resgatar, refletir e enfatizar a importância da história e cultura dos povos africanos e afrodescendentes, visando a promoção de uma educação que valoriza a diversidade racial e sua influência na formação identitária nacional.

Esses exemplos nos dão certo ar de esperança de que mudanças virão e que a realidade do negro será diferente, de que o Racismo tão enraizado na nossa sociedade será deixado no passado, como uma mancha triste e cruel de uma longa parte da nossa história que não deveria ter ocorrido. Como o passado não pode ser mudado, que ações no presente permitam mudanças no futuro do nosso país.

Essas leis são exemplos da Política Pública no tocante da educação que sim é a chama que permite que todos sem exceção tenham oportunidades de mudanças de crescimento como sujeito e profissional. Permite que todos possam usufruir do

conhecimento, da cultura, do lazer e da informação e assim modificarem sua trajetória bem como de todos ao seu redor.

A lei 12.244/2010 (Planalto, 2010) conhecida como Lei da universalização das bibliotecas escolares delibera que todas as instituições de ensino públicas e particulares possuam bibliotecas com um acervo mínimo de títulos por aluno e que esse acervo cresça de acordo com o aumento de alunos. Destaca a necessidade da presença de um bibliotecário registrado no seu conselho profissional, já que esse possui todas as competências e habilidades. Quando foi sancionada estipulou-se um período de 10 anos para que essas instituições se enquadrassem a essa nova realidade. A porcentagem de escolas com bibliotecas teve um acréscimo bem sutil.

Uma biblioteca escolar é, conforme definido no Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA-UNESCO (2025), um espaço de aprendizagem, físico e/ou digital, situado em uma escola de educação básica (pública ou privada), que atende às necessidades de informação dos alunos, professores e demais membros da comunidade escolar. Esse espaço deve contar com um acervo variado de recursos educativos compatíveis com os níveis de ensino da instituição, e ser gerido por profissionais de biblioteca (bibliotecários escolares ou assistentes), de modo a promover leitura, pesquisa, literacia da informação e do meio digital, pensamento crítico, criatividade e cidadania.

O público-alvo da biblioteca escolar compreende todos os membros da comunidade escolar: alunos de educação infantil, ensino fundamental e médio; professores; funcionários; e, quando pertinente, também a comunidade externa à escola, desde que a biblioteca funcione como espaço compartilhado. A biblioteca escolar, portanto, não é apenas para quem deseja ler por lazer, mas para apoiar o currículo pedagógico, facilitar a pesquisa, fortalecer competências de leitura e escrita, e favorecer o desenvolvimento cultural, social e intelectual de toda a comunidade escolar.

Já entre os documentos internacionais relevantes, destacam-se: o “Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA-UNESCO” (edição 2025) - que substitui a versão anterior de 1999 - e as diretrizes de implementação dessa proposta. O documento afirma que os programas de biblioteca escolar devem promover o acesso equitativo à informação e ao conhecimento, sem restrições de idade, gênero, etnia, religião, ou condição socioeconômica, e atuar como instrumentos para uma educação inclusiva,

equitativa e de qualidade. Ao recomendarem que governos e sistemas de ensino adotem políticas e planos para garantir bibliotecas escolares conformes a esses princípios, o manifesto reforça o papel da biblioteca como parte essencial do processo educativo.

No Brasil, a existência e obrigatoriedade da biblioteca escolar foram oficializadas por leis federais. A primeira, Lei 12.244/2010, de 24 de maio de 2010, dispôs sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. A versão original definia a biblioteca escolar como “coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura”, além de estabelecer a obrigação da criação de bibliotecas nas escolas e definir um acervo mínimo — um título para cada aluno matriculado.

A mais recente, Lei 14.837/2024, de 8 de abril de 2024, alterou a definição de biblioteca escolar, agora considerada “equipamento cultural obrigatório e necessário ao desenvolvimento do processo educativo” e instituiu oficialmente o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE), com o objetivo de incentivar a implantação e o funcionamento adequado das bibliotecas escolares em todas as instituições de ensino do país.

Com a criação do SNBE, espera-se que as bibliotecas escolares passem a atuar de forma mais estruturada e sistemática, fortalecendo seu papel como centros permanentes de ação cultural e educacional, em consonância com os princípios internacionais de inclusão, democratização do conhecimento e promoção da leitura e do letramento.

Nilma Gomes (2002) em seu artigo deixa bem claro o quanto a realidade social e educacional está atrelada com as questões raciais que acometem o nosso país e o quanto é essencial que se elaborem Políticas Públicas que abordem esse assunto de forma séria. Estas não devem e não podem ficar só na teoria; é essencial a prática para que mudanças de fato sejam percebidas na nossa sociedade.

Devido a construção do Brasil, não podemos deixar de mencionar que os corpos negros foram desumanizados por séculos, nos quais eram tratados como coisa não tendo direito de ser e viver com dignidade. Com o passar dos anos e os movimentos sociais negros, essa população teve o direito de ser visto como “ser humano” e, dessa forma deveria ser respeitado e assegurado seus direitos e deveres

como cidadão. Podemos dizer que seria a Democracia racial que ainda existe apenas na teoria.

Jussara Santos (2024) discorre no seu livro sobre a democratização do colo e a educação antirracista, dentre tantas afirmações e provocações defende que o racismo está presente no dia a dia do sujeito negro, suas famílias e todos que estão envolvidos no processo de educação e cuidados. Por este motivo, os teóricos que trouxemos destacam o quanto é necessário a reformulação dos currículos para auxiliar a questão antirracista.

O racismo estrutural é representado e sentido nos alicerces da nossa sociedade, já que os atos racistas e preconceituosos ocorrem desde a gravidez de uma mulher negra, que passa por negligência médica e falta de acompanhamento devido pelo fato de serem mulheres negras. O povo negro é impedido de ter acesso ao básico como saúde, moradia, educação e lazer. É um problema desde a escravidão e segue maltratando e segregando os negros no país.

Em Setembro de 2023, a Assembleia Legislativa de Minas Gerais noticiou que a chance de mulheres negras receberem anestesia durante o parto é 50% menor em relação às mulheres brancas. É possível observar as heranças disso na atualidade, e mulheres negras não escapam dessa lógica de coisificação de seus corpos, nem mesmo no momento de gestar e parir. Talvez os processos de racismo precederam a chegada de bebês negros, uma vez que a gestação e o parto podem ser marcados por violências advindas do racismo (Santos, 2024, p. 46).

São atos, falas, olhares, julgamentos que perseguem o povo negro desde os primeiros meses de vida até a fase adulta. Dessa maneira a falta de oportunidades faz com que o negro ocupe sempre os mesmos lugares na sociedade, ou seja, trabalhos braçais e subalternos que nos remetem a escravidão. Uma forma de combate e resistência ao racismo são as leis que fomentam e valorizam o povo minorizado por séculos. Com a obrigatoriedade do ensino da história desse povo é possível desmistificar e levar informação não só para o povo preto específico, mas ao não preto para que ambos conheçam e se deliciem com uma história tão rica de simbolismo e verdade. “As desigualdades raciais e sociais não são naturais, não nasceram conosco, nem é nosso destino viver essas marcas. São historicamente construídas, logo passíveis de ser coletivamente destruídas” (Trindade, 1996, p. 30).

Devido a esse racismo, os sujeitos negros não conseguem ocupar lugares e posições que são vistas como exclusivas do branco, já que não têm as mesmas

oportunidades. A falta da negritude nos espaços não está relacionada com a sua capacidade, mas diretamente com a invisibilidade desse povo e inexistência de oportunidades para essa população que corresponde a mais de 56% dos brasileiros (as), (IBGE, 2019).

O IBGE pesquisa a cor e raça da população brasileira tendo como base a autodeclaração, ou seja, como o sujeito se vê e se identifica entre preto, pardo, branco, indígena ou amarelo. No último Censo (2022) observou-se um crescimento entre a população preta, parda e indígena se comparada ao Censo Demográfico de 2010. Hoje, a sociedade brasileira é composta por: 45,3% pardos (92,1 milhões), 43,5% brancos (88,2 milhões), 10,2% de pretos (20,6 milhões), 0,6% de indígenas (1,2 milhão) e 0,4% amarelo (850,1 mil). Observamos dessa forma, que a maioria que compõe o Brasil é de pessoas pardas. Através desses dados, algumas questões foram levantadas: essa população parda agora se vê como tal, é uma mudança oriunda do letramento e consciência racial ou uma busca para se adequar aos requisitos das Políticas Afirmativas? Poderíamos adentrar no conceito de Colorismo, mas é um tópico que será apresentado em outra pesquisa devido sua profundidade e complexidade.

Pela falta de representatividade nos espaços e na literatura, as crianças negras crescem acreditando que não são capazes de estar e ser o que quiserem. Crescem com a ideia que só podem estar em determinados lugares sem o direito de questionar e defender seu ponto de vista e desejos, sem seu Lugar de Fala e o direito de existir. A criação da lei 10.639/2003 reforça a necessidade de representatividade positiva do negro tendo a literatura infanto-juvenil afrocentrada como aliado nessa luta e conquista.

4.2 Biblioteca escolar e a possibilidade do letramento racial por meio da literatura infantojuvenil

No primeiro dia, quando cheguei à aula, recebi muitos olhares. Eu era a única menina negra na sala [...] Me senti muito estranha na hora. (Silva, 2023).

Na presente seção iremos nos ater às questões acerca da biblioteca escolar, com foco na literatura infantojuvenil, dando ênfase no cunho histórico que gerou

consequências hoje. Porém, antes de tratarmos do ambiente biblioteca, precisamos adentrar no conceito de escola.

A escola, ao longo da história, nem sempre foi um espaço acessível a todos. Até o século XIX, o acesso à educação era um privilégio restrito a determinados grupos sociais. Um exemplo marcante dessa exclusão está no Art. 3º da Lei nº 1 de 1837, que, em seu Parágrafo 2º, proibia explicitamente que pessoas escravizadas, mesmo livres ou libertos, frequentassem as escolas. Essa legislação reflete como a desigualdade de oportunidades no Brasil está profundamente enraizada em uma estrutura social construída sobre a escravidão e a exclusão de grande parte da população.

A ideia de educação como um direito universal e obrigatório só começou a ganhar força no Brasil no final do século XIX e início do século XX, em um contexto de transformações sociais e políticas. A Constituição de 1824, outorgada por Dom Pedro I, já mencionava a importância da educação, mas não estabelecia a obrigatoriedade do ensino. Foi apenas com a Reforma Educacional de 1920 (Pereira, 2020), durante a Primeira República, que o ensino primário começou a ser tratado como uma responsabilidade do Estado, embora ainda não fosse plenamente universalizado.

O marco mais significativo para a consolidação da educação como um direito de todos ocorreu com a Constituição de 1988, que estabeleceu a educação como um direito social e determinou a obrigatoriedade do ensino básico para todas as crianças e jovens. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), promulgada em 1996, reforçou a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino fundamental, ampliando posteriormente essa obrigatoriedade para a faixa etária dos 4 aos 17 anos, conforme a Emenda Constitucional nº 59 de 2009. Nesse sentido, mais crianças tiveram a oportunidade de ingressarem nas escolas, mas se esbarram na questão da permanência das mesmas devido às questões sociais e econômicas. Sabe-se que os currículos escolares tiveram o perfil eurocêntrico como padrão a ser seguido, por isso foi tão importante a promulgação da lei 10.639/2003, visando descolonizá-lo. Dessa forma, o ambiente escolar permite que seu alunado conheça a história do povo negro e toda a contribuição para a construção e desenvolvimento do Brasil. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a escola é um local para a

promoção da igualdade e eliminação da discriminação e racismo, por ser um local onde a diversidade se faz presente.

Criação de bibliotecas escolares passa, sem dúvida, pela ação política, porque envolve recursos públicos e, nesse sentido, a comunidade bibliotecária precisa estar presente, exercitando o que tem sido chamado *advocacy*, que, nesse caso, seria argumentar para convencer os legisladores de que a biblioteca na escola pode constituir recursos para alcançar metas educacionais mais amplas e de que a concretização da ideia de que todas as escolas brasileiras contêm boas bibliotecas deve ser alcançada por meio de ações que garantam a aplicação de recursos públicos de forma eficaz (Campello, 2024p.119).

Trazemos para discussão a lei 12.244/2010 (Planalto, 2010) conhecida como Lei da universalização das bibliotecas escolares delibera que todas as instituições de ensino públicas e particulares possuam bibliotecas com um acervo mínimo de títulos por aluno e que esse acervo cresça de acordo com o aumento de alunos. Destaca a necessidade da presença de um bibliotecário registrado no seu conselho profissional, já que esse possui todas as competências e habilidades.

Sendo necessário um acervo mínimo com um exemplar para cada aluno e este deve ser ampliado e divulgado todos os serviços que oferece para a sua comunidade usuária. A biblioteca deve possuir uma coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte que seja destinado a consulta, pesquisa, estudo e/ou leitura (fonte de lazer). A lei existe, mas a realidade que encontramos nas escolas é bem diferente, principalmente nas públicas, quando na maioria das vezes não existe ou é apenas uma sala de leitura com alguns livros doados ou comprados pela própria gestão. Quando foi sancionada estipulou -se um período de 10 anos para que essas instituições se enquadrassem a essa nova realidade, mas na prática pouca coisa mudou. A porcentagem de escolas com bibliotecas teve um pequeno acréscimo bem sutil.

Em relação às escolas particulares, infelizmente após essa lei muitas “desmontaram as bibliotecas e/ou salas de leitura” por não possuírem bibliotecário e sim alguma professora que gosta de literatura ou apenas relocada para esse ambiente. Sobre o percentual de bibliotecas nas escolas, segundo o site do Ministério da Educação (2010) referente ao Censo de 2009 indica que grande parte das escolas públicas de ensino básico e parte das privadas não possuem bibliotecas. Dentre as 152.251 escolas de ensino fundamental, apenas 52.355 possuem bibliotecas e dentre as 25.923 do ensino médio, apenas 19.751 tem bibliotecas.

Já segundo o site da Câmara dos Deputados (2018), das 180 mil escolas, 98 mil não têm biblioteca escolar ou sala de leitura, o que equivale a 55%, sendo esses dados compartilhados pelo INEP. Através destes fica claro que a Lei que obriga a existência de biblioteca nas instituições de ensino e bibliotecários não modificou a realidade do país, no qual ainda as bibliotecas e tudo que está relacionado a ela não é valorizado.

O uso das bibliotecas pelos aprendizes deve se iniciar desde a educação infantil, por isso a biblioteca escolar tem papel preponderante no que diz respeito a fomentar nos aprendizes a curiosidade, a vontade de aprender, o gosto pela leitura. Para tanto, as bibliotecas precisam estar integradas pedagogicamente ao sistema educacional, em especial as escolares (Gasque, 2012, p.153).

Essas mudanças legais representaram um avanço significativo na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, mas ainda há desafios a serem superados. A herança de exclusão e desigualdade, construída desde os tempos coloniais, reflete-se até hoje nas disparidades educacionais entre diferentes grupos sociais. A universalização do ensino obrigatório é, portanto, não apenas uma conquista legal, mas também um passo fundamental para a construção de um país mais democrático e inclusivo.

A IFLA (2016) apresenta a biblioteca escolar como uma instituição que tem como missão a promoção da conscientização positiva em relação à diversidade e diálogo cultural e como tal favorecer a participação plural de indivíduos. Esse ambiente deve permitir que todos tenham acesso a materiais e serviços diversos que representam as necessidades da comunidade usuária.

De acordo com Danielle Carvalho (2022) a escola ainda é um local que reflete o cenário de desigualdade e violência presente na nossa sociedade desde a escravidão; demonstrando o tratamento desigual e desumano com o povo preto. Reforçando essa fala trazemos Munanga (2010, p. 50), que disse que a instituição escolar brasileira, enquanto espaço de socialização e edificação da cidadania, não tem contempla a história, cultura e visão de mundo da população preta, privilegiando uma visão eurocêntrica. Dessa forma, acaba por contribuir com uma violência aos corpos que não se encaixam a um determinado padrão.

As autoras Martha Nunes e Flaviana Santos (2020) discorrem sobre o papel da biblioteca escolar na construção e desenvolvimento da cultura e conhecimento da cultura e conhecimento dos seus usuários, sendo um ambiente de ensino-

aprendizagem. É um espaço do saber, mas foi necessário a criação de Políticas Públicas para que o direito ao acesso à educação e a biblioteca fosse respeitado. A biblioteca escolar é de suma importância para a formação de leitores que por intermédio da leitura poderão ter a capacidade e habilidade crítica e reflexiva acerca das informações que tem acesso.

A biblioteca escolar tem um papel essencial na educação infantil, já que esse ambiente pode e deve ser utilizado na luta pelo respeito à diversidade humana e à igualdade étnica. É um local no qual os profissionais da informação através do acervo que desenvolvem proporcionam aos usuários um ambiente de formação e construção individual e coletiva, trazendo e incorporando as suas ações também a educação das relações étnico-racial.

A Biblioteca escolar deve proporcionar aos alunos da primeira infância, aos professores, pais e responsáveis um lugar onde o diálogo em relação às questões étnicas, sociais, culturais e políticas estejam sempre presentes de forma cordial e tendo a literatura como ponte nessa prática.

Historicamente, as bibliotecas refletem desigualdades sociais, muitas vezes negligenciando a riqueza da produção literária e intelectual afrodescendente. No entanto, hoje, um movimento crescente busca corrigir essa lacuna, destacando autores, personagens e perspectivas negras. A inclusão de obras que exploram a experiência negra não só enriquece os acervos, mas também proporciona uma visão mais ampla e representativa do mundo para os leitores (Souza; Costa, 2024, p.10).

Um acervo literário plural apresenta a realidade da sociedade, permite que as crianças tenham a possibilidade de uma construção igualitária como sujeitos e cidadãos, tendo contato com histórias que lhes permitem construir sua percepção acerca do mundo ao seu redor. Nesse sentido, destacamos a inserção de títulos que valorizem a Cultura e História Africana e Afro-brasileira possibilitando o conhecimento de histórias de um povo silenciado por séculos que foram essenciais para o desenvolvimento do país junto aos povos indígenas.

Nilma Gomes (1996), destacou que a escola não é um campo neutro sendo assim as questões raciais e sociais se fazem presentes nesse ambiente a todo momento. Era para ser um ambiente onde as diferenças se completam e são respeitadas, mas ainda é um local de preconceito e causador de traumas para algumas crianças que sofrem atos racistas e preconceituosos. Nesse quesito não falamos só da questão cor de pele, mas em relação à orientação sexual, religião,

estrutura familiar. Corroborando com Nilma, trazemos Cida Bento (2002), a instituição escolar brasileira ainda carrega as marcas do racismo estrutural, que afeta toda a sociedade e por muitas vezes dissemina “[...] a construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial [e] culpa-o pela discriminação que sofre, e por fim, justifica as desigualdades raciais. (Bento, 2002, p.1).

Quando fala sobre a pequena infância, Cavalleiro (2003) discorre que em classes de Educação Infantil a criança preta já percebe diferenciação no trato a ela devido sua cor / etnia, seja pelos alunos ou professores. Ressaltando a importância da família e da escola observarem o seu papel como ambientes formadores de pessoas e personalidades. Além disso, a necessidade da formação de profissionais para o trabalho educacional antirracista e decolonial, fazendo com que toda a comunidade escolar se atente aos malefícios do racismo, e suas implicações para a vida escolar e em sociedade.

Segundo Lisboa, Tavares e Sousa (2024, p. 195) “... os primeiros lugares nos quais as crianças negras começam a conviver coletivamente trazem as marcas de um poder hegemônico que se mostra classista, racista e sexista”, evidenciando o quanto o ambiente escolar ainda é doloroso para determinada infância.

Podemos exemplificar através das imagens utilizadas como decorativas nas paredes das salas de aula ou qualquer ambiente escolar que apresentam somente crianças brancas, na ausência de brincadeiras de origem africana e a inexistência de demonstrações de carinho e afeto das professoras com as crianças negras.

Marcos fala que, quando ele é chamado de macaco, a professora não liga, esse comportamento da professora pode estar associado ao silêncio sobre raça e racismo (Primo; França, 2020, p. 32).

Essa e tantas outras falas das crianças afirmam o quanto a falta de ação dos professores marcam as crianças. Não sabemos ao certo o quanto esse silenciamento está atrelado a nossa estrutura como sociedade, a falta de conhecimento e letramento racial. De acordo com Márcio Aguiar, Débora Piotto e Bianca Correa (2015), as crianças negras são as que recebem menos atenção e elogios das professoras na escola. A escola ainda é o local de primeiro contato com o racismo quando deveria ser um ambiente acolhedor e de amor, onde as diferenças se somam. É uma

instituição que deveria acolher todos os alunos, mas exclui e dificulta a manutenção daquela parcela que é vista como insignificante. O que se entende como Racismo?

(...) chama-se ainda o Racismo o sistema de desigualdades de oportunidades, inscritas na estrutura de uma sociedade, que pode ser verificada apenas estatisticamente através das desigualdades raciais, seja na educação, na saúde pública, no emprego, na renda, na moradia, etc. (Guimarães, 2004, p.18).

As instituições de ensino ainda têm o costume de tratar determinados assuntos em datas específicas como se essa ação já fosse suficiente para abordar temáticas tão importantes como questões étnico-raciais e religiosas. Essa prática só fortalece a percepção de parte da sociedade que determinadas temáticas não deveriam ser trabalhadas em sala de aula quando a diversidade se faz presente no nosso dia a dia.

A diversidade no espaço escolar não pode ficar restrita às datas comemorativas, ou pior, invisibilizada. [...] Estamos reafirmando que o currículo escolar não é neutro. A diversidade está presente em cada entrelinha, em cada imagem, em cada dado, nas diferentes áreas do conhecimento, valorizando-a ou negando-a. É no ambiente escolar que as diversidades podem ser respeitadas ou negadas. É da relação entre educadores/as, entre estes/as e os/as educandos/as e entre os educandos/as que nascerá a aprendizagem da convivência e do respeito à diversidade (CENTRO LATINO-AMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS, 2009, p. 33).

Oliveira (2012) defende que a escola é um local de formação que pode construir e desconstruir representações sociais. Por este motivo, as ações que acontecem nesse espaço influenciam o desenvolvimento da criança em relação à aprendizagem, posicionamento e pertencimento em relação ao mundo. Um ponto que a autora reforça é a questão racial e como atos preconceituosos geram consequências nos pequenos.

Dentro do ambiente escolar, encontramos as bibliotecas que juntas realizam um papel importante no desenvolvimento das crianças não só relacionado ao conteúdo pedagógico planejado como questões sociopolíticas e culturais. A biblioteca é o local onde os pequenos em especial têm a oportunidade de mergulhar no mar literário e a partir disso construir sua personalidade autoestima como terem contato com a diversidade cultural. Esse ambiente em especial é o foco da nossa pesquisa.

Falar de biblioteca é antes de tudo falar sobre um ambiente rico de histórias, memórias, encantamento, liberdade, conhecimento, mas não esquecendo aquele perfil de ambiente silencioso onde se guardam literalmente os livros. Por muitos anos a biblioteca foi vista e tratada por muitos como mero depósito de livros onde o acesso era restrito aos intelectuais sendo apenas para empréstimo e estudo. A biblioteca

representava um ambiente elitista, já que seu surgimento tinha como objetivo preservar o conhecimento de parte da população letrada e privilegiado e por muitos anos esse perfil se manteve em nossa sociedade. Hoje, percebemos uma mudança marcante em relação a existência das bibliotecas e sua importância no desenvolvimento do cidadão. A biblioteca é um ambiente que além de toda a informação contida oferece acolhimento e estimula a formação de novos leitores cientes dos seus valores e deveres, sendo um elo importante dentre todas as mencionadas anteriormente, no letramento racial.

Foi-se o tempo em que a biblioteca se parecia com um museu e o bibliotecário era um catador de ratos entre livros embolorados e os visitantes olhavam com olhos curiosos tomos e manuscritos antigos. Agora a biblioteca é como uma escola, e o bibliotecário é, no mais alto sentido, um professor, e o visitante é um leitor entre livros como um trabalhador entre suas ferramentas (*apud* MÜLLER, 1984, p. 11).

A biblioteca atualmente já é vista de uma forma mais ampla, já que é um local no qual há a aprendizagem e compartilhamento de informações que permitem que os usuários desenvolvam seu próprio conhecimento acerca de determinado assunto. Ambiente vivo que está em constante transformação para atender as necessidades da comunidade usuária. Para que isso aconteça é essencial que os profissionais enxerguem esse ambiente não apenas como responsáveis legais pela guarda de conhecimento contidos em todos os suportes informacionais, mas com o seu papel social visando atrair todos os sujeitos.

a biblioteca oferece um vasto manancial de materiais que enriquecem a aprendizagem de muitos conteúdos. Pode também atender a uma gama de interesses e habilidades que são frequentemente negligenciados na aprendizagem de assuntos que utilizam textos Kuhlthau (2009, p. 145).

Ratificando essa citação, a pesquisadora Daviane Ribeiro (2018, p. 43) define as bibliotecas escolares como local onde a promoção de ações de ensino-aprendizagem é necessária, tendo um planejamento educativo integrado ao projeto político pedagógico da instituição. Portanto, os profissionais que atuam nesse ambiente necessitam ser competentes em informação para que seu trabalho agregue conteúdo e informação que atendam as perspectivas da instituição no âmbito ensino-aprendizagem.

Segundo Tatiane Helena Salles e Luciana Gracioso (2024) a biblioteca pode e deve colaborar com a prática em si das leis 10.639/03 e 11.645/08 atuando contra o racismo e preconceito dos povos vistos como inferiores. A inserção de títulos que os

representem positivamente é um ato necessário para essa luta diária por espaço, respeito e valorização. Corroborando com os autores Ana Cláudia Mayer, José Cláudio Matos e Franciéle Silva (2024) discorrem sobre o papel da biblioteca escolar no processo de letramento étnico-racial e na reparação histórica do povo negro, já que esse ambiente pode oferecer através do seu acervo obras que tratam sobre a temática e lutam contra o racismo e preconceito.

Gemara Mariosa e Maria da Glória Reis (2011) enfatizam a responsabilidade da biblioteca em possuir um acervo que contribua para a formação da identidade positiva do preto e permita que o não preto tenha acesso à diversidade do país e a grandiosidade da cultura africana. Aprender sobre a história de um povo é aprender e compreender quem se é, desmistificando os rótulos utilizados por anos. Flávia Carolina Silva (2020) reforça que o desenvolvimento de uma coleção voltada a educação antirracista, permite que a biblioteca além de local de busca e recuperação de informação também seja um ambiente que estimule o debate voltado para a temática, visando construção de um novo olhar sobre esse povo preto e desconstrução de anos de superioridade. Observamos o quanto a biblioteca escolar, seu acervo e a mediação da pessoa bibliotecária podem e devem ser utilizadas na luta por igualdade e contra o racismo, contribuindo para a construção de uma identidade positiva nas crianças negras e desconstrução da imagem que as crianças não negras têm em relação ao que é diferente.

De acordo com Eliane Fioravante (2021), as Bibliotecas Escolares (BE) são importantes já que permitem que alunos, professores tenham acesso aos serviços, acervo, atividades e profissionais que estimulem a leitura, escrita, debates e conversas acerca das relações étnico-raciais e como tal permitem que ocorra diálogo e aprendizagem.

No que toca à biblioteca escolar (BE), esta possui uma função educativa, mas sua ação não se reduz ao apoio à aprendizagem e às atividades curriculares, ela se estende à formação para cidadania. A valorização da diversidade étnico-racial deve refletir no seu saber-fazer, na prática do bibliotecário, no acervo e nas atividades culturais e educativas que promove (Santos, Souza, 2023, p. 4).

Além disso, Sandra Regina Fontes (2019) destaca que a pessoa bibliotecária precisa ter conhecimento sobre a Educação das relações étnico-raciais e integrar ao acervo da instituição que atua títulos com esse conteúdo.

É desejável que, na qualidade de mediador, o bibliotecário ofereça ao público leitor um atendimento que visa à legitimação de segmentos sociais que compõem o universo multicultural do Brasil, levando o usuário a notar que as manifestações culturais são tão diferentes quanto legítimas (Alencar, 2014, p. 2963).

Se tratando desse material, Teresa Cristina Reis (2011) reforça o papel da leitura e da BE na busca por promover o respeito às diferenças, o conhecimento acerca das várias culturas, tolerância e solidariedade. A biblioteca escolar oferece para as crianças o contato com um acervo que vai além do didático, dessa forma conseguem estimular o gosto pela leitura e pela literatura de forma lúdica e prazerosa. Esse ambiente, segundo Bernadete Campello (2003) possui um viés educacional por permitir o aprendizado e desenvolvimento das habilidades para busca e recuperação e utilização da informação encontrada. A *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) determina em suas diretrizes para bibliotecas escolares, a recomendação nº 3 onde descreve:

Deve ser posto em prática um plano para o desenvolvimento das três características necessárias para o sucesso de uma biblioteca escolar: um bibliotecário escolar qualificado; uma coleção que apoia o currículo da escola; e um plano explícito para o crescimento e desenvolvimento da biblioteca escolar (IFLA, 2015, p. 12).

Além disso, segundo a IFLA (2025) toda criança merece os benefícios de um programa de biblioteca escolar, conforme descrito no Manifesto em apoio ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nº 4 das Nações Unidas que é “Garantir educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.”

Esse trecho enfatiza a importância da presença da biblioteca escolar e a necessidade de profissionais capacitados para tal função e preocupados com o desenvolvimento de um acervo que atenda às necessidades informacionais da comunidade usuária, especificamente às crianças. Além disso, desencadeia uma reflexão acerca da presença ou não desse ambiente na instituição de ensino e se o mesmo tem condições físicas, organizacionais e humanas para atender de forma correta a sua comunidade (Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010). Esse ambiente precisa estar alinhado ao planejamento pedagógico, dessa forma as crianças têm a oportunidade de correlacionarem o que veem na sala de aula com as histórias encontradas na biblioteca, sendo uma parceria que só gera consequências positivas para os pequenos alunos-leitores.

Eliane Cavalleiro (2014) fala que muitos momentos discriminatórios ocorridos na presença dos professores não sofrem interferência dos mesmos, tendo como justificativas não entenderem o que acontece, não saberem lidar ou escolherem o silêncio e a inércia. Como exemplo as ações preconceituosas sofridas pelos alunos negros, temos a fala de uma professora na pesquisa de campo realizada por Cavalleiro, na qual a professora diz:

Você precisa falar para sua mãe prender seu cabelo. Olha só que coisa armada [...] Quem mandou você soltar esse cabelo! Não pode deixar solto desse jeito. Por que soltou? Ele é muito armado! Precisa ficar preso! Em seguida, pega a maria chiquinha do pulso da menina, prendendo-lhe os cabelos (Cavalleiro, 2014, p.10).

São ações que, de acordo com a autora mencionada anteriormente, só acontecem com os alunos pretos, sendo um retrato do racismo estrutural presente em nosso país. Eliane Cavalleiro (2014) narra que Denise, uma criança preta, diz: É, eu disse para minha professora que eu não queria ser preta, eu queria ser como a Angélica. Ela é bonita (Cavalleiro, 2014, p. 65). Nessa conversa com a professora, Denise sonha em ter os traços da amiguinha branca, mas ela não entende que esse desejo está vinculado com o que até aquele momento ela teve contato como referencial de belo. Há nesse desejo uma negação e recusa pelo que é, falta de pertencimento e vergonha pelo seu tom de pele e características.

[...] percebemos que as crianças negras também revelam, muitas vezes, o desejo de serem brancas, de cabelo liso, querendo se comparar com os personagens das histórias infantis, reforçando a imagem que a criança negra faz de si, evidenciando a negação da condição racial (Souza, 2002, p.17).

Por isso é tão importante que os profissionais da educação e da informação estejam atentos a influência que possuem e o quanto uma fala, uso de material pedagógico e bibliográfico interferem no cidadão que está em construção e precisa ter acesso a materiais que o representem positivamente.

Nogueira (2007), destaca que devido os atos preconceituosos rotineiros, a criança negra no processo de socialização na escola, já se habitua com seu corpo estereotipado e com a representação positiva do branco. Independentemente da cor da pele, as crianças poderão absorver essa visão separatista e preconceituosa, levando para si como algo verdadeiro e normal. Já é uma problemática mesmo que para muitos não seja nada relevante, mas sabemos o quanto a falta de representatividade na fase inicial faz diferença no crescimento e desenvolvimento daquela criança que um dia irá crescer.

A nossa criança negra, por todo um condicionamento sociocultural de um ideal de beleza e padrões europeus, possui baixa autoimagem e baixa autoestima, consequentemente ela será um adulto com problema de identidade pessoal (Cavalleiro, 2014, p. 66).

Sabemos que a leitura e todo o seu universo permite que a criança desenvolva valores, construa suas opiniões, desperte sentimentos e emoções, além do bem-estar, desenvolvimento do seu vocabulário e estímulo às relações interpessoais, mas quando está acompanhada por uma literatura tão potente como a afrocentrada, outros ganhos significativos são oferecidos proporcionando acesso a um gênero tão rico e transformador. Segundo Jerusa Silva (2010), “o ato de ler e ouvir histórias possibilita à criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade”.

Ao pensarmos em como a literatura interfere na construção do ser, podemos citar Arboleya:

[...] o leitor constrói meios de se encontrar representado na obra de acordo com a sua realidade social e com a dos personagens que vivem problemáticas semelhantes à sua no enredo da história e de posse desta reflexão constrói meios para a afirmação de uma identidade étnica e cultural (Arboleya, 2008, p. 7).

A literatura infantil é um meio essencial para abordar temas do dia a dia da criança de forma lúdica e simples. Assim, já terão contato e irão desenvolver habilidades para agir diante de algumas situações como saudade, morte, tristeza, alegrias, preconceitos, racismo, intolerância e tantas outras. A defesa do uso dessa literatura está associada a permitir que os pequenos melhorem seu vocabulário, iniciam as relações interpessoais e que comecem a se conhecerem e o meio em que vivem.

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (Cagneti, 1996, p. 7)

Precisamos debater como a literatura infantil é importante na primeira infância, já que é nesse período que as crianças começam a ter acesso ao mundo literário como o contato com outro ambiente que não seja o familiar, estando vulnerável a tudo que lhe é oferecido. Como não possuem ainda capacidade e habilidade para discernir o que é benéfico ou não, é essencial que os profissionais da educação e informação

estejam atentos a literatura que consomem; alinhados com o seio familiar. As crianças nessa faixa etária estão em constante crescimento e desenvolvimento e precisam ter acesso a meios que permitam produzir suas memórias e questões relacionadas a tudo que tem acesso como as raciais. Estamos enfatizando o quanto é necessário a existência de um relacionamento saudável entre as esferas que convivem com as crianças: família e ambiente escolar.

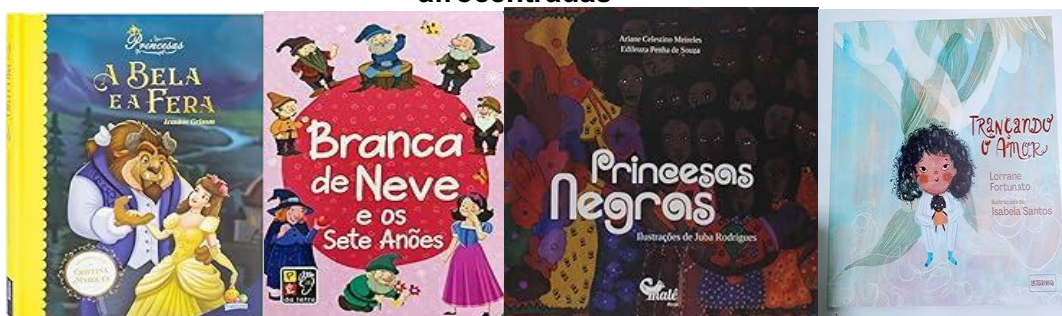
A literatura se baseia de acordo com a sociedade, seus costumes, hábitos e crenças. Chimamanda Adichie (2019) afirma que uma história única constrói estereótipos e esses podem não ser mentiras, mas uma verdade incompleta e como tal apresenta versões distorcidas que só quem viveu ou vive pode dizer. Essa foi a nossa literatura em especial infantil por longos anos; uma literatura que não apresentava e muito menos representava de fato o povo brasileiro que é constituído por mais de 56% de negros (IBGE, 2021) e como tal deveriam estar presentes nesse gênero e de forma positiva.

A Literatura infantil por muitos anos foi o retrato da constituição do Brasil e como tal uma literatura que invisibilizava e tornava o negro um animal e/ou objeto que tinha como única função servir o seu senhor, vulgo homem branco. Percebemos essa visão de pura superioridade e branquitude ao lermos livros como *Sítio do Pica Pau Amarelo*, onde a personagem tia Anastácia era aquela mulher negra sem inteligência e beleza e tinha como objetivo de vida cozinhar e cuidar das crianças brancas, mesmo sendo muitas vezes motivo de chacota. Títulos como *Menina bonita do laço de fita* (Ana Maria Machado) e *O cabelo de Lelê* (Valéria Belém), que por muitos anos foram defendidos como exemplares de uma literatura negra, hoje já não são. Mas por que essa percepção desses títulos mudou?

A partir do letramento racial, percebeu-se que nessas histórias o personagem negro continuava sendo representado de forma negativa, depreciativa. As imagens e texto evidenciam traços exagerados, que por anos se apresentava nos personagens negros. Por este motivo, muitos pesquisadores defendem que há diferença entre livros que apresentam personagens negros versus os que apresentam o protagonismo negro. Para muitos seria a mesma coisa, mas iremos apresentar autores que discorrem sobre essa diferença e o quanto isso influencia no tratamento e utilização desses exemplares na infância.

Por anos a literatura brasileira, em especial a infantil não era composta por personagens negros nas suas histórias e quando existiam tinham como único papel de serviçal que não tinha voz, direito, identidade, história, memórias, nome e por que não dizer vontade de viver. Ao ler por exemplo *O Cortiço* de autoria de Aluísio Azevedo, há personagens caricatos, apresentados como vadios, violentos, sem capacidade intelectual pelo simples fato de serem negros. A tia Anastácia presente nas histórias de Monteiro Lobato era aquela preta prendada que tinha como propósito de vida servir aquela família de brancos da melhor forma possível, deixando de certo modo de se enxergar como uma pessoa com direitos de ser e ter o que quiser. São exemplos explícitos da forma pejorativa que o preto era apresentado na literatura infantil. E o que dizer do livro *O cabelo de Lelé* da autora Valéria Belém que já na capa apresenta uma personagem preta descabelada e com traços bem caricatos que como o livro *Menina Bonita do laço de fita* da autoria Ana Maria Machado ainda sejam utilizados como referência no ensino das questões étnico-raciais. São livros que inferiorizam o preto desde suas características fenotípicas a importância da história, dando uma falsa percepção de serem livros afrocentrados por possuírem personagens com a cor de pele mais escura.

Figura 1 - Comparação entre capas infantojuvenis e capas infantojuvenis afrocentradas



Fonte: a autora

Uma simples observação na capa dos livros já apresenta simbolicamente a diferença da literatura infantojuvenil comparada aos livros com narrativas afrocentradas. Após esse primeiro olhar podemos observar as folhearmos os livros a diferença em relação a história e seus protagonistas. Como fora discutido no decorrer dessa pesquisa a literatura infantojuvenil que por anos tivemos acesso e foram a base para o desenvolvimento das crianças tinha personagens padrões já estabelecidos, fazendo com que aquelas crianças que não possuíam determinadas características

buscavam pertencimento onde não havia. Já nos livros afrocentrados, as capas já são convidativas por apresentarem os personagens principais de forma positiva e nas suas histórias a valorização e reconhecimento da história, cultura e ancestralidade preta se faz presente. É uma literatura que permite a recolocação do preto no seu devido lugar de direito, de destaque e protagonismo.

Uma aprendizagem quando acompanhada por uma literatura que representa as individualidades e gera pontos de reflexão e discussão poderá trazer, também, outros ganhos significativos como o pertencimento e reconexão com a ancestralidade, por exemplo.

4.3 O papel da pessoa bibliotecária no processo de letramento racial infantil

Assim são as princesas negras e não são as roupas, coroas ou príncipes a cavalo que as identificam, mas sim sua pele rica em melanina, seus cabelos crespos, sua sabedoria, sua ancestralidade. (Meireles; Souza, 2018).

A pessoa bibliotecária assume um papel central na promoção do letramento racial infantil, atuando como mediadora entre a informação e os usuários. No contexto infantil, essa atuação é ainda mais relevante, pois as crianças estão em fase de formação de identidade e valores. Cabe ao profissional da informação selecionar, organizar e disponibilizar obras literárias e recursos informacionais que representem de forma positiva e autêntica a cultura e a história afro-brasileira. Além disso, a pessoa bibliotecária pode desenvolver atividades de mediação de leitura, contação de histórias e oficinas que estimulem a reflexão crítica sobre questões raciais. Dessa forma, contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde as crianças possam se reconhecer e valorizar suas raízes culturais, ao mesmo tempo que aprendem a respeitar a diversidade.

O profissional da biblioteconomia não está atrelado apenas a informação presente nos diversos suportes e por este motivo deve estar preocupado com o usuário que irá receber a devida informação bem como estar atento às questões que regem a sociedade como a temática étnico-racial que por muitos anos foi negligenciada por grande parte da sociedade brasileira. Odília Ribeiro, Rovilson Silva e Sueli Bortolini (2025) destacam que a ação da pessoa bibliotecária é além de todas as suas funções, um perfil político e de responsabilidade social. Já que esse profissional tem como ferramentas de trabalho a informação e conhecimento podendo e devendo utilizar e fomentar o “consumo de conteúdo” que agregam e permitem que

os usuários obtenham conhecimento para irmos em busca de um país igualitário. O desenvolvimento de uma coleção que inclua na sua política literatura antirracista é uma forma de agir politicamente e socialmente em prol de uma luta de anos buscando apresentar o povo preto e sua intelectualidade de forma positiva.

Sara Vieira e Andrea Santos (2023) destacam a importância na formação da pessoa bibliotecária em relação ao letramento racial para que possam entender e interpretar os atos racistas que acontecem e assim terem acesso a literatura e aos intelectuais negros, que nunca tiveram acesso devido a invisibilidade dos mesmos. Dessa forma, através da competência em informação estes profissionais poderão compartilhar informações positivas em relação a essa temática. Assim esses profissionais irão possibilitar aos usuários acesso a essas informações, intelectuais e autores negros, desmitificando a ideia que esse povo não é inteligente, criativo e capaz de ocupar todos os lugares.

A hegemonia de um modelo de conhecimento empírico e escrito, validado pela revisão por pares, deslegitima saberes de tradição oral. Essa lógica define como universal um conhecimento de molde eurocêntrico, desconsiderando que suas premissas podem não se aplicar a outras realidades (Teixeira; Chariglione, 2025, p. 364).

Sendo assim, as tradições africanas, indígenas e demais culturas não eurocêntricas são desvalorizadas e categorizadas como crenças ou folclore (Bernardino-Costa, 2018; Warner; Brown, 2011), em contraste com o rigor atribuído ao conhecimento científico.

Indo de encontro com o que foi tido em relação a inferiorização do povo negro, trazemos Frantz Fanon (2022) que tratou das diversas formas de violência que esse povo sofreu. A exploração desse povo, se iniciou na época da escravidão, séculos onde os negros foram submetidos à exploração e subalternidade que os levou a uma inferioridade racial imposta pelos brancos. Esse sequestro físico também sequestrou a identidade, seu dialeto, sua cultura e sua autoestima desses indivíduos que neste momento não eram vistos e nem tratados como seres humanos.

Achille Mbembe (2018) reitera essa afirmação, já que apresenta o período de escravidão que forçou que o escravizado perdesse seu lar, o direito ao seu corpo e suas posições políticas e entendimento sobre deveres e direitos. Nessa fase histórica e cruel do nosso país, deu-se início ao processo de aniquilação subjetiva da população negra.

Para discutir a atuação do bibliotecário no processo de letramento racial infantil, é essencial mencionar a necessidade de reformulações no currículo acadêmico dos cursos de graduação em Biblioteconomia. Atualmente, poucos desses cursos contam com disciplinas obrigatórias e, muitas vezes, sequer optativas, que abordem de maneira aprofundada as questões étnico-raciais, o que representa uma lacuna significativa na formação desses profissionais.

Franciéle Silva (2019) enfatiza que a Biblioteconomia no Brasil teve como referencial as escolas francesa e americana e, dessa forma, tem atrelado às suas ações as percepções da ideologia da branquitude onde uma parte da sociedade acredita ser superior pelo simples fato de ter um tom de pele mais claro que os demais. A autora ressalta que a Biblioteconomia na sua origem tinha como objetivo manter os privilégios em relação ao acesso à educação e consequentemente informação por uma camada privilegiada da sociedade. Desta forma, por muito tempo foi uma área do conhecimento que tinha como viés apenas o técnico, deixando de lado o perfil humanístico que é essencial para essa profissão, já que se trabalha para e com pessoas, tendo a informação e conhecimento como produto final.

Com os movimentos estudantis, em especial negros, as temáticas socioeconômicas e raciais estão mais presentes nos cursos mesmo que informalmente, já que ainda há uma barreira questionadora sobre a necessidade da inclusão desses assuntos na formação dos futuros profissionais. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) os alunos conseguiram introduzir no currículo do curso de Biblioteconomia uma disciplina optativa com essa abordagem.

A grade curricular dos cursos de Biblioteconomia tenta se adequar à Lei 10.639/03 ao incluir um ou outro autor(a) negro(a), mas essa iniciativa, ainda que bem-intencionada, acaba por desqualificar uma luta de anos. Isso ocorre porque a falta de representatividade negra na bibliografia básica e no corpo docente permanece evidente. Segundo Franciéle Silva, Gustavo Saldanha e Daniella Pizarro (2018), a bibliografia utilizada nesses cursos é majoritariamente composta por autores(as) brancos(as), o que resulta em uma perspectiva que não reflete a realidade de um país onde mais de 56% da população (IBGE, 2021) é composta por indivíduos pardos e pretos. Essas pessoas não se veem representadas no meio acadêmico, nas salas de aula, na literatura e em outras esferas sociais. Dessa forma, reforça-se a exclusão e a desvalorização da cultura e da intelectualidade do povo preto, perpetuando desigualdades históricas.

Na pesquisa realizada por Alexandre Faben e Debora Oliveira (2022) que resultou no artigo intitulado *A educação antirracista nos cursos de Biblioteconomia no Brasil: um panorama da região sudeste*, observa-se que dentre as 12 universidades que oferecem esse curso, oito apresentam na sua grade curricular disciplinas obrigatórias ou optativas voltadas para as questões raciais. Precisamos elencar que UFF, USP, UNESP e a UFMG não inseriram de forma direta essa temática. Marianna Alves (2020), faz uma reflexão em relação a formação dos profissionais da informação, enfatizando a responsabilidade social presente nessa profissão e o quanto em algumas situações esse perfil humanístico se perde. Sueli Bortolin e Silva (2015) já tratavam e discutiam em relação a necessidade de mudanças na grade curricular do curso de biblioteconomia.

A criação da lei 10.639/03 referente a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todas as instituições de ensino públicas e privadas é um grande marco na estrutura racista do nosso país. No entanto, esbarra com o entendimento de alguns que não veem a necessidade dessa inserção de conhecimento para os seus e como tal burlam o sistema. Como o fazem? Incluem uma referência negra em todo o planejamento de uma disciplina como se isso já bastasse. Essa atitude só reafirma o quanto estamos atrasados e necessitando de ajuda para que essa causa e retratação não perca forças durante o processo. É uma luta diária para que o povo preto seja de fato pertencente a essa sociedade e de forma positiva.

Ser uma pessoa bibliotecária em busca de letramento racial é estar sempre aberto à informação, consumindo material referente às questões raciais, participando de eventos e todas as formas possíveis na busca por conhecimento.

Como afirma Cida Bento:

Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre o outro... (Bento, 2022, p. 14 -15).

Dessa forma é tão necessário que esses assuntos sejam debatidos em todas as fases escolares, principalmente durante a infância. Os pequenos sujeitos precisam ter acesso a materiais que os permitam conhecer o seu país, sua construção e seus habitantes que são tão diversos. Nossa construção como país foi a base da escravização e tortura de homens e mulheres negras que tinham suas vidas, famílias,

histórias e crenças no continente africano e cabe a sociedade, de forma coletiva, transformar essa história não esquecendo do passado, mas atuando de forma positiva para mudar o presente de todos.

De acordo com Nilma Gomes (2012), a ampliação do direito ao acesso à educação, a universalização da educação básica e a democratização do ingresso nas universidades permitiram que indivíduos historicamente marginalizados, rotulados como "sem inteligência", negligenciados e inferiorizados, adentrassem espaços que, por muito tempo, foram restritos a poucos. A autora ressalta a importância da Lei 10.639/03, que exige mudanças nas práticas pedagógicas e a descolonização dos currículos escolares, por meio do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino.

Franciéle Silva (2019) corrobora essa perspectiva, destacando a necessidade de implementar um currículo decolonial na educação infantil para evitar distorções na construção da identidade das crianças negras. A estrutura do currículo tradicional reflete uma visão de soberania e superioridade da branquitude, perpetuando estereótipos e desigualdades. Segundo Maria Clara Passos e Barbara Pinheiro (2021), o eurocentrismo presente nos currículos tem impactos negativos na formação da identidade das crianças negras, reforçando hierarquias raciais e excluindo narrativas essenciais para a valorização de suas origens e culturas.

Construir um currículo decolonial e afrocentrado permite que as crianças não brancas conheçam o mundo em que o homem branco não está no centro das ações, e possibilita a todo grupo entender como as relações sociais são fluidas e não devem ser subvertidas a questões hierárquicas baseadas na cor da pele (Santana, 2020, p.2).

O universo lúdico presente nas histórias marca a infância e todo o desenvolvimento de uma criança. Quando essa criança é negra, a ausência de personagens que refletem sua identidade nos livros escolares pode gerar traumas, gatilhos emocionais, insegurança, medo e sentimentos de não pertencimento e negação. A falta de representação reforça estereótipos e perpetua a invisibilidade, impactando negativamente a autoestima e a formação identitária. Por isso, a inclusão de narrativas afrocentradas é essencial para promover uma infância saudável e uma educação antirracista, que valorize a diversidade e combata a exclusão.

[...] letramento racial como modo de ensinar a reconhecer as vantagens e tensões raciais presentes na sociedade e ainda promover a capacitação das pessoas que elas saibam responder a essas questões de modo a não fortalecer a discriminação e o preconceito (Vieira; Santos, 2023, p.2).

Segundo os autores mencionados, o letramento racial permite compreender a teoria da branquitude e os privilégios que os brancos desfrutam em detrimento do povo preto, muitas vezes naturalizando essa superioridade e se beneficiando dela sem questionamentos ou culpa. Além disso, o letramento racial, por meio das contribuições de intelectuais negros, revela como a construção histórica do país ocorreu e como o passado escravocrata e opressor gerou consequências que persistem até os dias atuais, perpetuando desigualdades e estruturas racistas. Essa conscientização é essencial para desconstruir narrativas hegemônicas e promover uma compreensão crítica da sociedade e suas dinâmicas.

5 BIBLIOTECAS ESCOLARES DOS COLÉGIOS FEDERAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

As bibliotecas escolares que fazem parte dessa pesquisa são: Biblioteca Flor de Papel (Colégio Universitário Geraldo Reis – UFF), Biblioteca Monteiro Lobato, (Colégio Universitário Geraldo Reis – UFF), Biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRJ e Biblioteca do Colégio Pedro II. A análise do acervo voltado para a temática étnico-racial foi realizada através do acesso ao catálogo on-line de cada biblioteca que é de livre acesso.

A escolha dessas bibliotecas ocorreu a partir dos critérios que foram estabelecidos no início da pesquisa: atender os usuários que fazem parte do estudo, estarem localizadas no estado do Rio de Janeiro e serem federais. Além disso, pelo fato de na pesquisa preliminar percebermos que os seus acervos possuíam títulos voltados para a temática antirracista e afrocentrada. Os procedimentos adotados foram contato via e-mail com as bibliotecas, contato com os responsáveis pelas instituições, busca e análise nos catálogos dos títulos relacionados com as questões étnico-raciais, protagonismo negro, representatividade e pertencimento.

Realizou-se uma pesquisa sistemática nos catálogos on-line das instituições selecionadas, com o objetivo de identificar e analisar obras relacionadas ao tema central deste estudo: a Literatura Infantojuvenil Afrocentrada. A busca pelo acervo pertinente foi conduzida por meio das funcionalidades de pesquisa geral e avançada disponíveis nos referidos catálogos. A única exceção foi a Biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRJ, cujo responsável forneceu diretamente uma listagem específica de títulos, a qual atendeu plenamente aos critérios estabelecidos para esta investigação.

5.1 Biblioteca Flor de Papel

Sobre a cabeça, a parte do corpo de que ela mais gosta, ostenta seu enorme cabelo crespo, sempre com um penteado chamado black power. (Oliveira, 2013)

A Biblioteca Flor de Papel¹ integra a rede de 29 bibliotecas da Universidade Federal Fluminense (UFF), estando localizada na unidade de educação infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni), anteriormente conhecida como Creche UFF. Vinculada à Superintendência de Documentação (SDC) — Sistema de Bibliotecas e Arquivos da UFF, a Biblioteca Flor de Papel tem suas origens no antigo Núcleo de Documentação (NDC), órgão que precedeu a SDC.

A educação infantil na UFF surgiu antes da criação do Coluni e, inicialmente, não mantinha vínculo direto com essa instituição. O surgimento da Biblioteca Flor de Papel foi motivado pela demanda das crianças por acesso à literatura, práticas de leitura e mediação. Para atender a essa necessidade, a Biblioteca Central do Gragoatá - UFF (BCG) disponibilizou uma coleção denominada "Flor de Papel", utilizada principalmente por estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos de Letras/Literatura e Pedagogia. No entanto, as crianças também frequentavam a BCG para acessar os títulos dessa coleção. Com o tempo, percebeu-se que essa dinâmica não era viável, tanto para as crianças quanto para os demais usuários da biblioteca. Assim, em 1999, por meio de um projeto de extensão desenvolvido em parceria entre o NDC e o grupo gestor da creche, todo o acervo infanto-juvenil da coleção "Flor de Papel" foi transferido para o ambiente escolar, dando origem à Biblioteca Flor de Papel.

A Biblioteca Flor de Papel tem como objetivo principal oferecer um espaço dedicado à leitura, à interação e ao estímulo de laços interpessoais, criatividade, vocabulário, independência e identidade das crianças. Além disso, busca fomentar o gosto e o prazer pela leitura, contribuindo para a formação de novos leitores. O espaço foi cuidadosamente planejado para atender às necessidades dos alunos, garantindo não apenas o acesso ao acervo, mas também um ambiente acolhedor e adequado para eles e para toda a comunidade universitária.

Atualmente, a Biblioteca Flor de Papel possui um acervo de aproximadamente 3 mil exemplares, dos quais 111 são livros com protagonismo negro e/ou temática afrocentrada, escritos por autores negros ou não (ANEXO I). A biblioteca conta com dois bibliotecários responsáveis por todas as atividades necessárias para o seu funcionamento, incluindo atendimento ao público, organização do acervo e mediação de leitura. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 07h às 16h.

¹ Disponível em: <https://bibliotecas.uff.br/bfp/>

Entre os serviços oferecidos, destacam-se o empréstimo de exemplares (mediante cadastro na instituição), a possibilidade de retirada de livros para fotocópia e a disponibilidade de um ambiente acolhedor para estudo e pesquisa.

5.2 Biblioteca Monteiro Lobato

A biblioteca Monteiro Lobato² (BML) é uma das 29 bibliotecas da Universidade Federal Fluminense subordinada à Coordenação de Bibliotecas da Superintendência de Documentação - UFF. É uma biblioteca escolar e como tal seu principal objetivo é o incentivo a leitura dos alunos do Colégio Universitário. O colégio que essa biblioteca atende alunos da educação infantil, fundamental e médio.

Essa biblioteca possui vários projetos de incentivo à leitura e a utilização da literatura em parceria com a sala de aula e profissionais da educação como: Cineclube, contação de histórias, roda de leitura, desenho e oficinas diversas, agenda acadêmica, Literuni, dentre outros.

Os profissionais da informação buscam utilizar personagens como Quixote, Menino Maluquinho, Simbad, Alladim para encantar e divertir a infância das crianças. Todos esses personagens nos encantaram e divertiram durante nossa infância e até hoje residem em nossa imaginação.

Na visita à biblioteca, foi questionado aos três profissionais e como elas observam a busca e o interesse dos alunos em estar naquele espaço e qual a dinâmica em relação a escolha do título. A biblioteca oferece uma variedade de títulos que podem e devem ser pegos para empréstimo pelos usuários e comunidade escolar. O empréstimo para responsáveis e comunidade externa não é permitido.

A biblioteca não possui uma política de desenvolvimento de coleções e por este motivo a observação e conversa com os alunos é essencial para que o acervo atende às necessidades informacionais. A partir dessa co-participação, as bibliotecárias desenvolvem a lista dos sonhos que é enviada para o departamento de compras. Além dessa via de aquisição, também recebe doações que podem ser inseridas no acervo ou doadas.

Atualmente, a Biblioteca Monteiro Lobato possui um acervo de aproximadamente 5 mil títulos, algumas revistas em quadrinhos. Já em relação aos

² Disponível em: <https://bibliotecas.uff.br/bml/>

títulos com protagonismo preto possui 70 unidades que foram escritos por autores negros ou não (ANEXO II).

Devido a questões físicas e de segurança, a biblioteca foi transferida para uma sala no prédio do colégio, anteriormente ocupava um espaço à parte. Esse espaço infelizmente não comporta toda a estrutura que possuíam, interferindo até nas atividades que antes eram oferecidas para os alunos. Hoje, é um espaço mais restrito que não comporta muitos alunos no mesmo período. As profissionais com toda criatividade criaram dois ambientes em um para que as crianças e adolescentes se sintam confortáveis. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 07h às 16h. Entre os serviços oferecidos, destacam-se o empréstimo de exemplares (mediante cadastro na instituição), a possibilidade de retirada de livros para fotocópia, o empréstimo entre bibliotecas e a disponibilidade de um ambiente acolhedor para estudo e pesquisa.

5.3 Biblioteca do Colégio de Aplicação UFRJ

Em março de 1946, de acordo com o Decreto-lei 9.503, foi estabelecido a obrigatoriedade da existência de um Colégio de Aplicação junto às faculdades federais do Brasil. O primeiro foi o Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 20 de maio de 1948.

Segundo informações existentes no livro de tomo encontrado na Biblioteca, data de 1º de setembro de 1958 o primeiro registro de livro, embora documentos administrativos da escola registrem o funcionamento da Biblioteca já em 1950.

Devido a inexistência de um bibliotecário responsável e ausência de recursos para a manutenção da biblioteca, esta ficou desatualizada por um tempo. Em fevereiro de 1993 com o retorno da biblioteca, ocorreu um processo de reformulação em todas as áreas para sua existência e funcionamento (recursos organizacionais de modo geral).

Seu acervo é composto por obras de referência (dicionários, enciclopédias, coleções especiais, periódicos), acervo geral (literatura infantil e juvenil, romances, livros didáticos e paradidáticos para o ensino fundamental e médio) e material especial

(vídeos, músicas, arquivos sonoros e filmes). O site da biblioteca³ apresenta um layout de fácil entendimento, facilitando a busca por informações.

A biblioteca oferece um catálogo Temático de literatura Infantil e Juvenil: Acervo da Biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRJ (Cap-UFRJ), onde consta uma seleção de obras categorizadas pelos temas que são mais procurados nas pesquisas dos usuários na biblioteca e/ou catálogo on-line. O objetivo da elaboração deste catálogo é a divulgação dos títulos literários que são utilizados como suporte pedagógico e o aperfeiçoamento na busca no acervo. Um tópico interessante é um link que direciona para um catálogo que apresenta os títulos mais pesquisados, mas não é atualizado desde 2023. O objetivo era que esse fosse atualizado anualmente. Foi subdividido em 39 categorias: alimentos, amizade, biblioteca, boas maneiras, Brasil, Bullying, Canções - poesia, Carnaval, Circo, Corpo humano, Cotidiano, Culturas, Dia das crianças, Diversidade/ Respeito às diferenças, Educação financeira, Escola, Esporte, Família, Guerra, Imagens(livros sem palavras), Jornal, Livro, Materiais recicláveis, Meio ambiente, Nascimento, Natal, Nomes, Palavras, Páscoa, Perdas/ Separação, Personalidades, Profissões, Quadrinhos, Sentimento, Tempo e Transporte. Dentre eles, destacamos Diversidade / Respeito à Diversidade com onze títulos.

Nessa categoria Diversidade / Respeito às diferenças encontramos os seguintes títulos:

- Ernesto. Autora: Blandina Franco. Editora: Companhia das Letrinhas. Ano de Publicação: 2016.
- Por que somos de cores diferentes? Autora: Carmem Gil. Editora: Girafinha. Ano de Publicação: 2005.
- Histórias de sabedoria e encantamento: O cego e o caçador (conto da África Ocidental). Autor: Hugh Lupton. Editora: WMF Martins Fontes. Ano de Publicação: 2016.
- Menina bonita do laço de fita. Autora: Ana Maria Machado. Editora: Ática. Ano de Publicação: 2008.
- Esquisita como eu. Autora: Martha Medeiros. Editora: Projeto. Ano de Publicação: 2003.

³ Disponível em: <https://cap.biblioteca.ufrj.br/>

- Pedro e Tina. Autor: Stephen Michael King. Editora: Brinque-Book. Ano de Publicação: 1999.
- Um e 7. Autor: Gianni. Rodari. Editora: WMF Martins Fontes. Ano de Publicação: 2004.
- As mil cores. Autora: Cristina Von. Editora: Callis. Ano de Publicação: 2002.
- Um amigo diferente? Autora: Claudia Werneck. Editora: WVA. Ano de Publicação: 2014.
- Morcego bobo. Autora: Jeanne Willis. Editora: WMF Martins Fontes. Ano de Publicação: 2007.
- O sapo e o estrangeiro. Autor: Max Velthuijs Editora: WMF Martins Fontes. Ano de Publicação: 1995.

O acervo contempla obras de literatura afro-brasileira, negritude e protagonismo negro. Entretanto, a indexação desses materiais vinha sendo realizada com assuntos genéricos, o que dificultava a recuperação da informação por meio de termos específicos relacionados à temática racial. Desta forma, informamos que a atualização dos descritores desses itens já está prevista em nosso plano de trabalho. No anexo 3 é apresentado a Literatura Afrocentrada presente no acervo da Biblioteca, encontrado através da busca na base Minerva.

5.4 Biblioteca Floresta de Livros - Colégio Pedro II (campus Realengo)

É necessário informar que o Colégio Pedro II possui apenas um campus que oferece Educação Infantil, localizado em Realengo. Suas ações iniciaram em 26 de março de 2012. No final de 2013, o reitor Oscar Halac criou a Unidade de Educação Infantil Realengo (UEIR), através da portaria nº 2.331, de 20 de dezembro de 2013, e designou uma Coordenação Setorial para a Educação Infantil, com o intuito de garantir autonomia na gestão e o cuidado e a atenção necessários às especificidades das crianças na faixa etária entre quatro e cinco anos, respeitando as diretrizes do MEC pertinentes à qualidade na oferta desta etapa da Educação Básica.

Já em 2016, a UEIR foi extinta e, na mesma data, instituído o Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR), através da portaria nº 3.031, de 03 de outubro de 2016, onde a estrutura administrativa foi mantida vinculada à Reitoria do Colégio Pedro II e absorvendo de forma automática toda a estrutura organizacional da UEIR, desde o espaço físico até o quadro de pessoal.

Esse Centro de Referência em Educação Infantil, possui a Biblioteca Floresta dos Livros⁴ que é um ambiente onde as crianças atendidas pelo CREIR realizam atividades de leitura, manuseio de livros, mediação de histórias e empréstimo de obras do acervo. Tem como objetivo a contribuição para formação de novos leitores, sendo um espaço dedicado às crianças para leitura, empréstimo de livros e atividades com histórias, além de possuir um acervo próprio e atividades como o Repositório Digital.

Em relação ao seu funcionamento, é um espaço que funciona de segunda a sexta, sendo composta por três funcionários: pessoa bibliotecária, auxiliar de biblioteca e auxiliar administrativo. Oferece para seus usuários um ambiente lúdico, colorido e acolhedor, e dessa forma as crianças sentem -se confortáveis e seguras. Seu acervo é composto por 2.436 títulos sendo 91 relacionados a temática antirracista e protagonismo negro (ANEXO IV). Em relação a pesquisa no catálogo oferecido no site, a busca foi simples, mas infelizmente há exemplares extraviados e com empréstimo reduzido devido a algumas peculiaridades do acervo e sua permanência.

A biblioteca oferece várias atividades para aproximar cada vez mais os alunos, buscando também possíveis leitores. Essas ações têm como finalidade apresentar para a comunidade usuária o acervo disponível como estimular o debate e a troca a partir das informações contidas nos textos. Dentre elas, destacamos a atividade nomeada *Ações para o encontro das Culturas Negras*.

Uma iniciativa bem interessante é o projeto *A biblioteca indica*, que teve seu início em maio de 2020, no qual os responsáveis pela biblioteca visam estimular os estudantes – da educação infantil à pós-graduação, a leitura e o acesso à cultura por meio de mídias digitais, disponíveis gratuitamente na internet.

⁴ Disponível em: <https://blog.cp2.g12.br/creir/biblioteca/>

6 A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL AFROCENTRADA NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES FEDERAIS

[...] meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. (França, 2020)

A presente seção tem como objetivo analisar a representação da literatura infantojuvenil afrocentrada nos acervos das bibliotecas escolares federais participantes desta pesquisa, a saber: Biblioteca Flor de Papel e Biblioteca Monteiro Lobato, ambas vinculadas ao Colégio Universitário Geraldo Reis (UFF); Biblioteca do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e Biblioteca do Colégio Pedro II. A investigação concentrou-se na identificação e caracterização das obras voltadas à temática étnico-racial, com ênfase em narrativas que valorizam a cultura, a história e as identidades negras.

6.1 Na Biblioteca Flor de Papel

No início do processo de coleta de dados, foi estabelecido o primeiro contato com a bibliotecária responsável pela instituição, por meio de um e-mail no qual apresentei o propósito da pesquisa e solicitei uma visita para conhecer o ambiente e os recursos informacionais disponíveis, com foco na temática étnico-racial. Durante o encontro, foi possível discutir detalhes sobre o tema da pesquisa, a rotina de funcionamento da biblioteca, seu histórico e as motivações que levaram ao desenvolvimento de uma coleção específica voltada para questões étnico-raciais. A conversa foi extremamente produtiva e enriquecedora, marcada por um clima acolhedor e aberto ao diálogo, o que permitiu a exploração de aspectos relevantes para a investigação.

A bibliotecária demonstrou grande receptividade, proporcionando um ambiente propício para a realização de perguntas e a imersão no espaço, que se revelou um local rico em cultura, histórias e acolhimento, tanto para as crianças quanto para mim, enquanto pesquisadora. Após essa conversa inicial, fomos à biblioteca para identificar e recuperar os títulos que compõem o corpus da pesquisa, etapa essencial para o desenvolvimento do estudo.

Um dos pontos mais relevantes abordados durante a conversa com a bibliotecária foi o questionamento sobre o momento em que a instituição percebeu a necessidade de incluir títulos afrocentrados e com protagonismo negro em seu acervo.

A resposta obtida foi emblemática: a demanda surgiu após uma professora negra relatar um caso de bullying e racismo em sala de aula, solicitando apoio da biblioteca para mediar a situação. Essa resposta, embora triste, não foi surpreendente, uma vez que é comum que ações antirracistas sejam tomadas apenas após a ocorrência de incidentes dessa natureza, em vez de serem implementadas de forma preventiva. Esse cenário reflete uma realidade ainda presente em nossa sociedade, especialmente no ambiente escolar.

Como destacou Bárbara Pinheiro (2024) em uma palestra realizada no Colégio Pedro II, estamos frequentemente atrasados em relação ao combate ao racismo e suas práticas. Isso ocorre porque, na maioria das vezes, as escolas não possuem protocolos ou procedimentos antirracistas estruturados para prevenir ou lidar com situações de discriminação racial. Diante disso, torna-se urgente e necessário abordar essa temática de forma contínua, buscando soluções que comecem nas salas de aula e nas bibliotecas, para que, posteriormente, possam se expandir para a sociedade como um todo.

A busca dos profissionais por literatura afrocentrada como fonte de informação e aprendizagem demonstra a importância dessas narrativas no processo de letramento racial. Essa abordagem permite que educadores e bibliotecários atuem de forma mais assertiva no enfrentamento ao racismo e ao preconceito, uma vez que estão em constante contato com materiais que promovem a reflexão crítica sobre essas questões. Embora os resultados desse trabalho sejam colhidos a médio e longo prazo, sua implementação é urgente, especialmente na educação infantil, fase fundamental para a construção da identidade e dos valores dos indivíduos.

Outro aspecto relevante destacado pela bibliotecária foi a dificuldade na indexação de assuntos étnico-raciais nos títulos recebidos pela biblioteca. Esses materiais são incorporados ao acervo para uso no ambiente da biblioteca, em sala de aula (quando solicitados pelos educadores) ou para empréstimo. A profissional ressaltou a importância de uma representação temática precisa e coerente com o conteúdo dos livros. No entanto, na prática, muitas vezes a indexação é realizada de forma generalizada, sem as especificações necessárias, o que pode comprometer a eficácia da busca e recuperação dos exemplares.

A Biblioteca Flor de Papel (BFP) utiliza a classificação por cores como método para a organização física de seus livros. Essa abordagem é particularmente relevante em bibliotecas infantis, pois facilita o entendimento das crianças, que associam as

cores aos tipos de texto disponíveis para sua faixa etária. A simplicidade na classificação e no acesso aos livros é essencial nesse contexto, já que o público-alvo da biblioteca é composto por crianças, independentemente de seu nível de alfabetização. A classificação por cores funciona como um instrumento de recuperação da informação, atribuindo cores a diferentes assuntos para que as crianças possam identificar os livros nas estantes. Para garantir seu funcionamento adequado, é necessário que a biblioteca elabore uma legenda que relacione as cores aos respectivos assuntos. Esse método é especialmente eficaz porque a identificação de cores é uma das primeiras habilidades desenvolvidas na primeira infância. Além da classificação por cores, a BFP também adota a Classificação Decimal de Dewey (CDD), exigida pelo sistema de gerenciamento de bibliotecas Pergamum, utilizado pela instituição.

Após a conversa com a bibliotecária, foram recuperados nas estantes os títulos relevantes para a pesquisa. Paralelamente, realizou-se uma busca ativa no ambiente da biblioteca por obras consideradas afrocentradas. Como parte do processo de coleta de dados, registrou-se fotograficamente todos os títulos identificados e elaborou-se uma lista com suas referências. Além disso, o catálogo online da biblioteca foi consultado para verificação da possível indexação dos exemplares.

Figura 2 - Extrato de títulos encontrados no acervo da BFP



Fonte: a autora

A pele que eu tenho da bell hooks (2022) é um livro que trata das questões étnico-raciais de forma leve, permitindo um olhar para si e para o outro, buscando a valorização de quem se é, foi e quem será para você e para o outro. Destaca os vários tons de pele que compõem a sociedade, enfatizando que o tom de pele faz parte do sujeito, mas não o deprecia um em relação ao outro.

Da minha janela de Otávio Júnior (2019) utiliza a janela de uma casa localizada na favela de forma metafórica para destacar o quanto não vemos ao nosso redor e não nos enxergamos. Muitas vezes não nos conhecemos por completo e acreditamos no que nos dizem sobre nós. Destaca a pluralidade da nossa sociedade, as relações interpessoais e a beleza nela contida.

Da cor que eu sou de Andressa Reis (2021) aborda temas difíceis como racismo e a tentativa de mudar o outro buscando corresponder às suas expectativas. Apresenta a diversidade das cores, formas e tamanhos que compõem nossa sociedade. Como parte importante na história, a protagonista negra recebe um desenho seu feito por uma amiguinha branca. Essa a representa totalmente diferente com um tom de pele mais claro, com a justificativa que assim ficaria mais bonita. Foi utilizada uma forma sutil para retratar o racismo estrutural que impera no nosso país.

Bell hooks (2018) escreve “sou feliz com meu crespo e meu crespo é de rainha.” Quantas meninas e meninos negros sofreram anos com apelidos pejorativos em relação ao seu cabelo e por muitas vezes o odiaram. No livro, *Meu crespo é de rainha*, hooks exalta a beleza dos fios crespos e como formam uma linda coroa. Dessa forma, estimula os pequenos a amarem e conhecerem seus fios como realmente são com ou sem curvaturas, mas com uma beleza única e especial.

No livro *Palmas e vaías* de Sonia Rosa (2009) conhecemos a história de uma adolescente que além de conviver com as mudanças no corpo e humor, tem que se adaptar a mudança de escola. Nessa mudança de espaço tem seu contato com os olhares dos outros, que não entendem e não aceitam as diferenças que nesse caso é o tom de pele. Um livro que apresenta os singelos momentos de reflexão sobre o que se é e como se comportar em situações onde você não é aceito.

O mundo black power de Tayó (2013), escrito por Kiusam de Oliveira, apresenta uma menina negra que tem orgulho do seu crespo e, para deixá-lo ainda mais bonito, usa e abusa dos penteados e acessórios. É um livro que fala sobre um dos pontos

mais sensíveis para uma criança negra. Nele os fios crespos não são apresentados como desleixados e desarrumados, mas como uma característica linda de um povo. Um livro de puro pertencimento e valorização do povo preto.

Princesas negras (2018) que tem como autoras Edileuza Penha de Souza e Ariane Celestino Meireles. Como o título já sugere apresenta três princesas negras e como essas são o espelho dos seus ancestrais. O livro destaca que as princesas estão presentes em todas as meninas pretas, sendo um livro de empoderamento e representatividade. De que sim, meninas negras são princesas e estão presentes em todas as pretas em todos os lugares.

No livro *Ei, Você: Um Livro Sobre Crescer com Orgulho de Ser Negro*, de Dapo Adeola (2021), há celebração do povo preto e a afirmação que não devemos nos deixar influenciar pela opinião dos outros. De que cada pele possui uma beleza única. Em todas as páginas, o autor destaca personagens pretos relevantes nas diversas áreas da sociedade e em diferentes contextos históricos. É um livro que pode ser utilizado em todas as fases escolares, mostrando às crianças que podemos ocupar qualquer espaço e que nosso tom de pele é apenas um diferencial, uma cor positiva no livro da vida.

Kiusam de Oliveira, dentre os vários livros lançados, apresenta *Com qual penteado eu vou* (2013). Trata-se de um livro que transcende o universo de cabelo e penteado. É uma obra que celebra a ancestralidade, os mais velhos e as conexões com seus pares. Aborda de forma leve a grandiosidade o que é ser preto e ter os seus como espelho e orgulho. Uma valorização dos ancestrais e da intelectualidade que possuem.

6.2 NA BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO

O primeiro contato com essa biblioteca foi através de uma visita guiada com a turma de Desenvolvimento de Coleções I do curso de graduação Biblioteconomia e Documentação da universidade Federal Fluminense. Nesta, o objetivo era apresentar aos alunos a rotina e os obstáculos que cercam a profissão, desde recursos organizacionais ao contato com os responsáveis e a tentativa de censura em relação a alguns títulos.

Em relação ao estudo em si, foi realizada uma pesquisa no site das bibliotecas da UFF e posteriormente, troca de e-mails com a biblioteca. Nesta foi possível conhecer ainda mais sobre a biblioteca e as questões relacionadas ao acervo geral e

a preocupação em possuírem títulos afrocentrados. Essa preocupação está diretamente ligada à percepção das bibliotecárias que o acervo deve ser plural e representar toda a comunidade que atendem.

A BML utiliza várias formas para classificar o acervo visando facilitar a busca e recuperação do exemplar pelo usuário. Há utilização da classificação por cores como método para a organização física de seus livros relacionados à literatura infantojuvenil. Essa abordagem é essencial em uma biblioteca que atende educação infantil, já que facilita o entendimento das crianças, por associarem as cores aos tipos de texto disponíveis para sua faixa etária. Como fora comentado anteriormente, esse tipo de classificação por cores é uma ferramenta que permite certa autonomia às crianças, por serem uma das primeiras coisas que aprendem. Há uma legenda relacionando as cores com os gêneros literários que permite uma melhor identificação e localização dos mesmos. Para atender todos os usuários, já que a biblioteca tem um público amplo da educação infantil ao ensino médio, professores utilizam também a Classificação Decimal de Dewey (CDD), exigida pelo sistema de gerenciamento de bibliotecas Pergamum, utilizado pela instituição.

Foi comentado que além dessas duas classificações é realizada uma identificação com a primeira letra do assunto do livro para facilitar a sua recuperação. Como na BFP, as bibliotecárias comentaram sobre a dificuldade de uma indexação mais assertiva em relação aos assuntos presentes na literatura infantojuvenil afrocentrada, já que também devem seguir as orientações da Superintendência em relação ao uso de uma indexação mais generalista.

Figura 3 – Extrato de títulos encontrados no acervo da BML



Fonte: a autora

No livro *Betina*, Nilma Lino Gomes (2020) retrata a relação de amor entre avó e neta. Evidencia uma das características da cultura africana que é valorizar os mais velhos e a oralidade. O penteado é um pano de fundo para abordar a ancestralidade,

identidade negra, empoderamento, legado, autoimagem e relação com seu cabelo. Betina aprendeu da amorosa avó penteados e a importância dessa relação positiva com o cabelo. Esse aprendizado foi passado de geração para geração e Betina decidiu compartilhar além do seu meio familiar. O momento de trançar o cabelo também é um momento para conhecer ainda mais a história da sua avó e do seu povo. Reforça o quanto aprendemos com nossos ancestrais e o quanto devemos valorizar cada momento compartilhado.

Maria Celestina Fernandes (2017) no seu livro *Kambas para sempre* tem uma protagonista com nome de rainha Lueji, uma menina brasileira e afrodescendente. Ela gosta de ouvir as histórias da avó, que foram contadas por seus bisavós trazidos ao Brasil em navios negreiros. Nesta história, da série “Vozes da África”, Lueji passa por diversos momentos de preconceito, mas no final, descobre o valor da amizade e a importância de celebrar e respeitar as diferenças. Um livro para abordarmos com as crianças o preconceito, o respeito às diferenças e o valor das amizades.

Sulwe da autora Lupita Nyong’g (2021) aborda o tema do Colorismo. Devido a miscigenação há vários tons de pele. Trata das comparações entre as pessoas negras com um tom mais escuro ou não, essa diferença gera discriminação racial. A personagem não vislumbra ser branca, mas gostaria que seu tom de pele fosse parecido com seus familiares. Buscava ser menos negra, o que dialoga com o que muitas crianças negras desejam até aprenderem a amar sua cor de pele. É um livro que pode e deve ser utilizado na construção da identidade e autoestima negra.

O livro *Oxossi* de Carolina Cunha (2024) apresenta Oxóssi, um dos mais celebrados orixás do Brasil da mitologia Iorubá. É um caçador corajoso e conhecido pela sua determinação, tendo seu habitat a floresta, sendo grande conhecedor dos cantos do mundo, dos animais e dos seres humanos. O livro apresenta três histórias recontadas da tradição oral. É uma forma lúdica para apresentar uma outra religião para as crianças.

6.3 NA BIBLIOTECA DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ

Na busca por mais informações acerca do acervo e da biblioteca, foi realizado contato através de e-mails. Assim foi possível ter mais dados em relação à biblioteca, as ações dos responsáveis e as dificuldades presentes no fazer biblioteca.

Nesses encontros virtuais foi perguntado sobre a existência de títulos voltados para o protagonismo preto, identidade, literatura afrocentrada entre outros assuntos relacionados a essa temática racial e principalmente como esses títulos eram representados e indexados no catálogo para a busca e recuperação da informação.

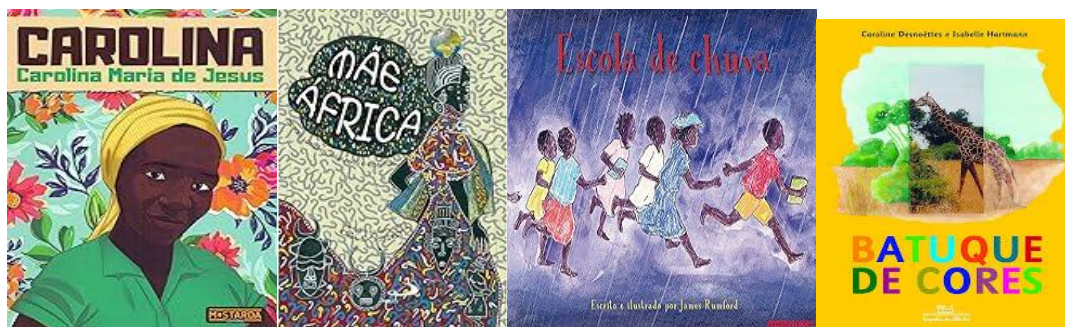
Um dos responsáveis enviou uma listagem com os livros mais relevantes que na avaliação dos funcionários faz parte da literatura afrocentrada infantil e juvenil. O acervo intitulado especial afro-brasileiro possui 65 títulos, sendo sua indexação mais precisa em relação à temática étnica-racial.

Já no acervo geral a equipe não consegue quantificar os livros voltados para questões raciais, já que a indexação seguida é simplificada, ou seja, não é utilizado termos específicos nos assuntos presentes nos livros afrocentrados. Deste modo, a busca é feita pelos autores e títulos dos livros.

A biblioteca possui dois acervos: o afro-brasileiro no qual o empréstimo é permitido exclusivamente para os docentes e discentes de licenciatura composto por 65 títulos. Percebemos a preocupação da instituição na capacitação e letramento racial desse público em especial; e o acervo geral composto por livros paradidáticos, literatura brasileira, estrangeira, afrocentrada, e teóricos que abordam questões raciais e cultura afro-brasileira, possuindo 50 títulos. Este em especial permite que toda a comunidade sem exceção possa realizar o empréstimo.

O acervo contempla obras de literatura afro-brasileira, negritude e protagonismo negro (descrição própria da biblioteca). Entretanto, a indexação desses materiais vinha sendo realizada com assuntos genéricos, o que dificultava a recuperação da informação por meio de termos específicos relacionados à temática racial. Desta forma, foi informado que a atualização dos descritores desses itens específicos já está prevista em nosso plano de trabalho. Dessa forma, a busca e recuperação desses termos será mais eficiente e precisa para os usuários.

Figura 4 - Extrato de títulos encontrados no acervo da Biblioteca do Cap UFRJ



Fonte: a autora

Carolina Maria de Jesus é uma biografia de autoria de Leonardo Malavazzi (2019) onde a história de Carolina é apresentada, uma doméstica, catadora de recicláveis, mãe solo e moradora da favela. Usava os papéis que encontrava pelas ruas para registrar sua rotina, as lutas e o cotidiano na comunidade, fazendo uma crítica a realidade da nossa sociedade. Uma ótima forma para apresentar as crianças grandes nomes da nossa literatura negra que simbolizam a força e resiliência de um povo.

Celso Sisto, autor de *Mãe África* (2007) é uma rica coletânea de mitos, lendas e contos africanos que visa apresentar a diversidade cultural do continente, desfazer estereótipos e valorizar a ancestralidade africana. O autor selecionou 29 histórias de diversas etnias, com o objetivo de mostrar que a África não é um país único, mas um continente rico em diferentes culturas, tradições e histórias. Tem como finalidade combater a visão simplista e colonizada do continente africano, mostrando a vasta riqueza e diversidade de suas etnias, culturas e tradições. Os leitores são convidados a uma festa plural de cores, nomes, belezas, sabores, feitos e fantasias africanas, os quais exercem muita influência na cultura brasileira.

Escola de chuva de James Rumford (2012) conta o primeiro dia de aula de um aluno na África. Faz uma abordagem sobre as condições de vida precárias, naturais e repetitivas em que os chadianos vivem. O texto e as ilustrações falam mais uma vez sobre as condições de vida precárias, naturais e repetitivas em que os chadianos vivem, assim como da capacidade de se reerguerem das dificuldades. Por causa das fortes chuvas de verão, elas encontram a escola destruída e têm como primeira lição reconstruí-la. Retrata as dificuldades, mas reforça o quanto o coletivo é forte e capaz de mudar qualquer situação.

O livro *Batuque de cores* de Caroline Desmoettes (2009) apresenta o continente africano através das memórias do avô Moussa que compartilha com sua

neta as suas lembranças. Com essas correspondências, o leitor terá contato com a diversidade cultural africana, os valores e as crenças do povo africano e suas questões estéticas, artísticas e éticas. Com essa leitura é possível viajar pelo continente africano enaltecendo seu valor.

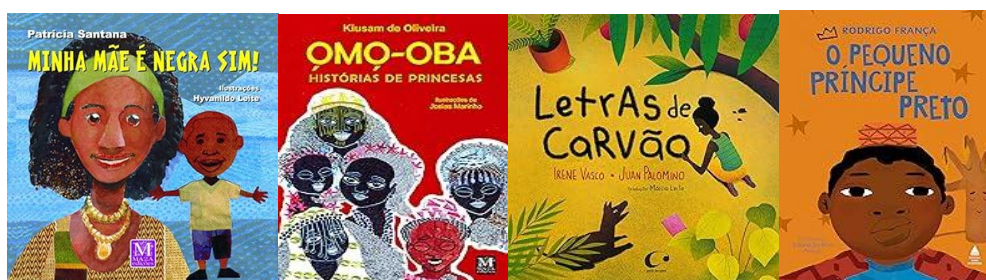
6.4 NA BIBLIOTECA FLORESTA DE LIVROS

A coleta de dados foi realizada após uma busca no site do Colégio Pedro II para que pudéssemos conhecer a instituição de fato e a biblioteca que a atende. Após esse primeiro contato via site, foi possível navegar no catálogo de livre acesso e obter informações acerca do tamanho do acervo e a quantidade de títulos voltados para as questões étnico-raciais. Dessa forma, observamos que há um número pequeno de exemplares se comparado ao total do acervo que a biblioteca possui. Dentre eles, alguns não estão mais disponíveis para empréstimo.

Em anexo podemos observar o extrato referente aos títulos encontrados e as suas características como autoria, data de publicação, editora e os assuntos a ele atribuídos.

O extrato a seguir é referente aos títulos encontrados e as suas características como autoria, data de publicação, editora e os assuntos a ele atribuídos.

Figura 5 - Extrato de títulos encontrados no acervo da Biblioteca Floresta de Livros



Fonte: a autora

Minha mãe é negra sim, de Patrícia Santana (2012) o dilema vivido pela protagonista ao ser indagado a desenhar sua mãe com a cor de pele amarela pela professora; tendo como justificativa que aquela cor era mais bonita. Nesse instante o menino se depara com o racismo e preconceito presente no ambiente escolar. Tentando entender o que acontecia buscou a definição no dicionário e como não

conseguiu, pergunta a seu avô o que seria preconceito. Um livro para debatermos em sala e na biblioteca sobre a diversidade de cores no nosso país.

Kiusam de Oliveira (2009) no livro *Omo - obá: histórias de princesas* nos apresenta com contos africanos tendo como destaque a personalidade feminina. O objetivo é enaltecer a cultura africana, apresenta mitos africanos que reforçam os diferentes modos de ser femininos. Os seis mitos apresentados têm o objetivo de fortalecer a personalidade de meninas de todos os tempos.

O livro *Letras de Carvão* de Irene Vasco (2019) é um convite para a filosofia Bantu que fala sobre pensar e agir no coletivo. Destaca a importância da partilha de saberes e da preservação das tradições locais, mostrando como a democratização do acesso à escrita, estudo e leitura pode ocorrer sem que se perca a identidade cultural da comunidade. Com o propósito de ajudar a irmã a decifrar as cartas que recebia, e contando com a ajuda do dono da mercearia, a menina começa a descobrir o que as letras e as palavras significam, e não demora muito para que um mundo novo de possibilidades se abra para ela e para todos os habitantes de seu povoado. Apresenta a importância da convivência, cultura afrodescendente, comunidade quilombola, leitura e escrita.

Por fim, trazemos o livro *Pequeno príncipe negro* do Rodrigo França (2020) sendo um conto que tem como finalidade trazer a importância de valorizarmos quem somos e de onde viemos. Enaltece a identidade negra, ancestralidade e afeto através da história de um menino que vive em um pequeno planeta com uma árvore baobá (símbolo da ancestralidade). No decorrer da história o protagonista espalha amor, afeto e empatia por onde passa. Destaca a importância de valorizar as próprias origens e a força de estar junto, baseando-se na filosofia africana do Ubuntu.

7 ELABORAÇÃO DE LISTA ASSUNTOS PARA ATUALIZAÇÃO DE ACERVOS INFANTOJUVENIS AFROCENTRADOS

"Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo, negros, brancos, todos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos prática de conscientização da discriminação racial neste país, vai ser muito difícil o Brasil chegar efetivamente a uma democracia racial". (Lélia Gonzalez)

A elaboração da lista de assuntos afrocentrados foi precedida por uma etapa de análise detalhada dos catálogos on-line das bibliotecas selecionadas, nas quais foram coletados e sistematizados os assuntos atribuídos às obras de literatura infantil e infantojuvenil com temática relacionada à população negra. Esses dados foram organizados em planilha, agrupando os termos por biblioteca, o que possibilitou uma visão panorâmica da variedade terminológica utilizada e das diferentes práticas de indexação existentes entre as instituições. Essa sistematização inicial constituiu a base empírica do processo analítico, permitindo identificar tanto convergências quanto lacunas no tratamento temático das obras afrocentradas.

Na sequência, foi realizada uma análise qualitativa dos termos extraídos, com foco na identificação de problemas linguísticos, epistemológicos e conceituais. Essa etapa consistiu em examinar as expressões utilizadas à luz de referenciais críticos da Organização do Conhecimento, das epistemologias afrocentradas e das políticas de representação da diversidade cultural. Verificou-se a presença de termos inadequados, como designações obsoletas ("escravo", "raça negra") e expressões genéricas ou imprecisas ("cultura africana", "literatura infanto-juvenil"), além de inconsistências na grafia e na estrutura dos assuntos. A análise também evidenciou a predominância de termos associados à escravidão e à opressão, em detrimento de categorias afirmativas, identitárias e de valorização da cultura negra.

Com base nesse diagnóstico, foi conduzida uma etapa de revisão terminológica, em que cada termo problemático foi confrontado com alternativas conceitualmente adequadas e politicamente atualizadas. Para essa reformulação, adotaram-se princípios de normalização terminológica inspirados no método facetado de Ranganathan (PMEST) e na abordagem analítico-sintética da Organização do Conhecimento, articulados a uma perspectiva afrocentrada e decolonial. Essa combinação permitiu construir uma proposta terminológica coerente, capaz de

representar com sensibilidade e precisão as dimensões culturais, históricas e simbólicas das obras analisadas, como pode ser visualizado na Tabela 1 a seguir:

Quadro 3 - Proposta terminológica

ASSUNTO ORIGINAL (CATÁLOGOS)	PROBLEMAS IDENTIFICADOS	ASSUNTO ATUALIZADO / RECOMENDADO	JUSTIFICATIVA CONCEITUAL AFROCENTRADA
Negro; Raça negra	Generalização e viés biológico	Identidade afro-brasileira; Pessoa negra	Valoriza a identidade cultural e evita o uso biologizante de 'raça'.
Afrodescendente; Afro-brasileira	Variação de grafia	Afro-brasileira (padronizado)	Forma reconhecida institucionalmente e usada em políticas públicas.
Mulher negra	Adequado	Mulher negra (ou Mulheres negras)	Central para discutir interseccionalidade de gênero e raça.
Cabelo; Cabelo negro	Termo genérico	Cabelo crespo; Cabelo afro; Estética afro-brasileira	Relaciona-se à ancestralidade estética e identidade cultural.
Escravo; Escravidão	Desumanizador	Pessoa escravizada; Escravização	Evita perpetuar visão colonial e eurocêntrica, e restabelece humanidade aos sujeitos.
Abolição da escravatura, 1888	Eurocentrado	Abolição da escravização; Resistência negra	Reformula a narrativa histórica pela ótica da luta negra.
Cultura africana	Essencialização	Culturas africanas; Tradições culturais africanas	Reconhece diversidade continental e evita generalizações.
Cultura afro-brasileira	Adequado	Cultura afro-brasileira	Base das epistemologias e identidades afrodescendentes.
Orixá; Culto afro-brasileiro	Adequado, pode conter variações	Culto afro-brasileiro, Religiões afro-brasileiras; Religiões de matriz africana, Orixás	Reconhece legitimidade e diversidade religiosa afro-brasileira.
Literatura afro-brasileira	Adequado	Literatura infantil afro-brasileira	Promove a visibilidade da produção literária infantojuvenil afrocentrada.
Negritude (Movimento literário)	Adequado	Negritude (movimento cultural e literário)	Movimento fundamental da afirmação cultural negra.
Empoderamento	Termo amplo	Empoderamento negro	Delimita o contexto sociopolítico da afirmação identitária.

Representatividade	Genérico	Representatividade negra positiva na literatura	Evidencia o protagonismo negro e amplia visibilidade simbólica.
Diversidade cultural	Ampla	Diversidade étnico-racial e respeito à diferença	Explicita compromisso antirracista e educacional.
Resiliência	Neutro	Resiliência e resistência negra	Conecta força simbólica à luta social e cultural afrodescendente.

Fonte: a autora

Esta tabela apresenta a análise e a proposta de atualização terminológica de assuntos afrocentrados e correlatos identificados nos catálogos analisados. Cada termo foi avaliado sob os aspectos linguísticos, epistemológicos e conceituais, com base em uma perspectiva afrocentrada e crítica da Organização do Conhecimento. Os resultados desta análise foram pautados no vocabulário afrocentrado utilizado pelos teóricos que deram base ao referencial da presente pesquisa.

A partir desse processo de análise e reestruturação, foi elaborada a lista de assuntos afrocentrados e correlatos, organizada nas seguintes categorias temáticas: identidade e representação; história e memória; cultura e espiritualidade; literatura e educação e; afetos e valores. Essa estrutura possibilita não apenas uma indexação mais inclusiva e coerente, mas também oferece um instrumento prático para bibliotecas, editoras e projetos educativos interessados na formação de acervos infantojuvenis afrocentrados. A lista, demonstrada a seguir na Tabela 2, prioriza termos afirmativos, respeitosos e representativos, que contribuem para a visibilidade das culturas africanas e afro-brasileiras e para o fortalecimento da educação antirracista.

Quadro 4 - Lista de assuntos afrocentrados

Identidade e Representação
Autoestima e representatividade negra
Cabelo afro
Cabelo crespo
Criança negra
Diversidade étnico-racial

Estética afrodescendente
Estética afro-brasileira
Homem negro
Identidade africana
Identidade afro-brasileira
Infância negra
Masculinidades negras
Mulher negra
Pessoa negra
História e Memória
Abolição da escravização
Escravização
História da população negra no Brasil
Lideranças negras (históricas e contemporâneas)
Movimento negro brasileiro
Negritude (movimento cultural e literário)
Pessoa escravizada
Quilombos e resistência negra
Cultura, Religião e Tradição
Contos e fábulas africanas
Cultura afro-brasileira
Culto afro-brasileiro
Culturas africanas
Cultura afro-brasileira
Tradição oral africana
Tradições culturais africanas
Religiões afro-brasileiras
Mitologia africana

Orixás e religiosidades de matriz africana
Jongo, Congado, Capoeira e outras expressões culturais afro-brasileiras
Literatura e Educação
Educação antirracista
Escritores e ilustradores negros
Literatura infantil afro-brasileira
Literatura infantojuvenil afrocentrada
Práticas pedagógicas afrocentradas
Representação negra na literatura
Valores e Afetos
Ancestralidade e pertencimento
Afeto e solidariedade na infância afrocentrada
Diversidade cultural e respeito às diferenças
Empoderamento negro
Resiliência negra
Resistência negra

Fonte: a autora

Por fim, é importante ressaltar que a lista apresentada constitui uma sugestão inicial, elaborada a partir dos assuntos encontrados e analisados no escopo desta pesquisa. Sua atualização e ampliação devem ser contínuas, acompanhando as transformações linguísticas, políticas e culturais, e sempre fundamentadas nos mesmos critérios teórico-metodológicos: rigor conceitual, respeito às epistemologias afrocentradas e compromisso com a representatividade positiva. Assim, o vocabulário poderá permanecer um instrumento vivo, crítico e em constante aperfeiçoamento, a serviço da construção de práticas biblioteconômicas mais justas e plurais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aflição na escuridão era tão dura que calava toda a minha sede de aventura, e num silêncio de doer, que só as pedras sabem fazer, meus olhos giravam no quarto para se precaver. (Emicida, 2020).

Nesta dissertação, falamos um pouco sobre a infância, que permitia que as crianças fossem ouvidas e protegidas como merecem, e como o ambiente escolar pode ser um local de dor e sofrimento para as crianças negras se não estiverem atentos a esses corpos e não se preocuparem com a forma como essas crianças são vistas e tratadas nesse local. Através das bibliotecas escolares, as crianças de todos os tons de pele têm acesso a um mundo literário de magia, de construção e desconstrução que permite que todas entendam a diversidade e pluralidade da sociedade e, como tal, a convivência acerca das diferenças.

A partir da pesquisa de campo e bibliográfica esperávamos obter dados que pudessem responder nosso questionamento acerca da representação e organização da literatura infantojuvenil afrocentrada.

No decorrer do desenvolvimento deste estudo, estabeleceram - se objetivos específicos cuja consecução era fundamental para alcançar o propósito central da pesquisa. Nesse sentido, constatou- se que foi possível analisar as principais características das obras afrocentradas nos acervos das bibliotecas escolares investigadas. Essa análise contemplou não apenas os temas e conteúdos abordados nos títulos, mas também aspectos relacionados à autoria e às representações culturais ali inscritas.

Verificou - se igualmente, a existência de desafios comuns enfrentados por todas as bibliotecas no que se refere à inserção de obras com temática étnico- racial em seus acervos. Tais dificuldades não decorrem da falta de reconhecimento, por parte dos profissionais , quanto à importância da pluralidade e da diversidade nos materiais disponibilizados e trabalhados. Elas estão, antes, associadas a limitações estruturais e organizacionais, tais como infraestrutura inadequada, reduzido número de colaboradores, insuficiência de recursos financeiros, questões pedagógicas e, sobretudo, dificuldades relacionadas aos processos de indexação e representação temática dessas obras.

As visitas realizadas e as interações por meio de e-mails evidenciaram que a principal barreira para o uso e a presença das narrativas afrocentradas decorre de questões técnicas relativas à representação dos assuntos nelas contidos. Ainda assim, o estudo permitiu consolidar uma lista de assuntos afrocentrados que poderá servir como instrumento para incentivar a atualização, ampliação e decolonização dos acervos das bibliotecas analisadas.

Os objetivos específicos estabelecidos foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa e para a análise dos assuntos que compõem os acervos das bibliotecas escolares federais que abordam e apresentam narrativas afrocentradas. Podemos afirmar que as metas e propósitos delineados foram alcançados, resultando na produção da lista de assuntos afrocentrados.

O povo negro viveu anos sendo escravizado e, posteriormente, foi invisibilizado e rotulado de forma negativa por parte da sociedade. A sociedade aprendeu, nos livros didáticos e literários do passado, que esse povo era inferior aos demais que possuíam tom de pele diferente, “o mais claro”. Essa percepção foi compartilhada por anos dando ênfase ao pacto da branquitude, onde o branco ocupa um espaço de superioridade em todas as áreas em relação ao povo preto que até então era visto como inferior e subalterno.

A análise das questões investigadas na pesquisa evidencia o quanto essa temática e abordagem influenciam os indivíduos em formação e desenvolvimento, especialmente no que se refere à construção da identidade e da autoestima. Observou-se a preocupação das bibliotecas em oferecer um acervo que represente a diversidade e a pluralidade do Brasil; contudo, essa intenção esbarra em limitações relacionadas aos recursos organizacionais humanos, financeiros e físicos.

O acesso dos estudantes negros à literatura infantojuvenil afrocentrada permite que os mesmos construam uma identidade e autoestima positiva e conhecimento acerca da diversidade nacional, por consumirem uma literatura que apresenta e representa o povo negro de forma positiva, trazendo o protagonismo e pertencimento negro. Além disso, permitem que os não negros percebam que pertencem a uma sociedade miscegenada e, como tal, apresentam a mistura de várias culturas, crenças, valores e tradições que devem ser respeitadas e se somam tendo como produto a riqueza que é a cultura brasileira. Dessa forma, os profissionais da

informação através do desenvolvimento de um acervo representativo permitem que esses usuários construam uma identidade cultural plural e inclusiva.

É importante ressaltar que, para que as instituições ofereçam títulos afrocentrados à sua comunidade usuária, é necessário que a gestão respeite e implemente as políticas públicas voltadas às questões étnico-raciais. Isso implica permitir e incentivar que seus colaboradores desenvolvam práticas pedagógicas fundamentadas em um acervo plural, além de garantir os recursos indispensáveis para tal, desde condições físicas adequadas, como um ambiente apropriado para a biblioteca, até recursos financeiros para a aquisição desses títulos e recursos humanos capacitados e comprometidos com a causa. Soma-se a isso a busca contínua dos profissionais pela educação e pela prática antirracista em seus ambientes de trabalho.

Como sabemos, o acesso à informação possibilita que todo sujeito possa ter uma visão crítica, reflexiva e autônoma em relação ao conteúdo que tem acesso na biblioteca, desenvolvendo sua competência em informação. Adentrando a relação da biblioteca escolar, a pessoa bibliotecária e a literatura infantojuvenil afrocentrada reforçamos o quanto essa tríade é necessária para que mudanças aconteçam na nossa sociedade.

A biblioteca escolar é o primeiro local onde os pequenos têm acesso à leitura literária e dessa forma é um ambiente no qual além da busca por aprendizagem e conhecimento também possibilita a construção de pequenos leitores com percepção sociocultural e política.

O papel da pessoa bibliotecária além do seu lado profissional e tecnicista também deve ter em mente e colocar na prática a responsabilidade social da profissão e como tal ter sempre cuidado no desenvolvimento das coleções para que esse atenda as necessidades informacionais de todos usuários.

Sabemos que a literatura infantil surgiu para entreter as crianças que até certo momento não tinham um local de fala e de escuta por não ter uma divisão sobre infância, adolescência e fase adulta. E por um tempo após seu surgimento era uma literatura que representava a sociedade e seu ponto de vista, logo uma literatura que apresentava o povo branco de forma positiva e não possuía personagens negros e quando existiam estavam sempre no local de subserviência.

Como uma forma de resistência por anos da invisibilidade dos pretos nas histórias infantis, os movimentos negros conquistaram várias vitórias como a criação da Lei 10.639/2003 referente a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino públicas e privadas. Esses movimentos tem como objetivo dar voz ao povo preto e estimular a propagação de histórias infantis com protagonismo negro, valorizando a cultura, ancestralidade, crenças e tradições desse povo tão discriminado.

A pessoa bibliotecária precisa relacionar sua competência técnica e informacional com o lado humanístico para que consiga elaborar estratégias e ações para colocar em prática a lei 10:639/2003 combatendo o racismo, preconceito e intolerância em busca de uma educação antirracista e igualitária. Uma conquista que possibilitou o surgimento de editoras preocupadas com o universo infantil negro, trazendo e nos presenteando com livros com narrativas tão potentes daquele povo que, por anos, viveu amordaçado.

Apresentamos o que foi, por muito tempo, a literatura infantil e a continuação da negação de corpos negros nas histórias, reafirmando a construção de um país racista e negacionista que, por muitos anos, não retratou o negro nas histórias de forma coerente com sua história, apresentando a visão eurocêntrica e embranquecida. Porém, graças aos movimentos negros, algo mudou no mundo literário. O surgimento da Literatura Infantil Afrocentrada empreteceu um mundo que, por longo período, foi embranquecido.

Em relação ao trabalho de catalogação e indexação do material voltado para as questões étnicas afrocentradas precisa receber termos que realmente o representem e que facilitem sua busca e recuperação nos catálogos das bibliotecas. Esses títulos são essenciais para o processo de letramento racial; permitindo que a criança preta se reconheça, se reconecte e entenda que todo o lugar é seu lugar e seu tom de pele não pode ser motivo para o rotularem negativamente. Em relação às crianças não pretas esse contato e ações na biblioteca irão permitir um novo olhar sobre o que pensava ser o certo.

De acordo com a pesquisa bibliográfica percebemos que alguns termos específicos sobre a temática racial ainda são pouco pesquisados, mas já é uma

grande conquista ter pesquisadores atentos e preocupados com essa questão e compartilham seu conhecimento.

Que em breve todas as crianças tenham acesso a uma biblioteca escolar e que essa possua profissionais capacitados e envolvidos na luta antirracista que poderá ser confirmada através dos exemplares presentes no acervo. Esse contato permitirá que esses pequenos desenvolvam competência em informação e letramento racial.

Que os profissionais da informação busquem formação no âmbito étnico-racial e assim possam planejar práticas e ações nas bibliotecas que atuam para traçar metas, promover rodas de conversas e debates acerca da temática. Dessa forma, irão possibilitar que as crianças cresçam respeitando as diferenças e aprendam a conviver no mundo tão diverso e plural que é o Brasil e, por fim que as universidades respeitem a lei e modifiquem sua grade curricular e ofereça para discentes disciplinas que abordem a questão étnico-racial e que a bibliografia básica utilizada contenha autores e autoras negras, já que esses também produzem conhecimento. Que o universo da Biblioteconomia e biblioteca escolar se empreteçam e assim sejam compostos de forma equilibrada por brancos e pretos.

Até o momento, observamos que há muito o que fazer e rever em relação a presença da literatura infantil afrocentrada nos acervos e sua representação para que a busca e tratamento da mesma pelos profissionais seja realizada de forma correta. Através do levantamento bibliográfico destacamos a importância da temática étnico-racial no desenvolvimento dos pequenos sujeitos pretos e não pretos a fim de facilitar o comprometimento em relação às questões étnicas e o respeito à diversidade.

Observamos que a literatura infantojuvenil afrocentrada está de certa forma presente nos acervos, mas ainda enfrenta barreiras em relação a sua representação como uso nas bibliotecas, salas de leitura e salas de aula. Em parte, os profissionais entendem sua importância, mas esbarram com a falta de capacitação durante a graduação e pós formatura; fazendo com que as lutas antirracistas ainda sejam parte da sociedade.

Dentre tantas pesquisas e conversas acerca da temática, entendemos ainda mais a importância da biblioteca escolar no desenvolvimento das crianças em vários aspectos e como o acervo que ela terá acesso é primordial em todo o seu crescimento como sujeito. Adentrando sobre o papel da escola, reafirmamos a importância da preocupação do corpo pedagógico em relação à escolha dos materiais que serão

utilizados em todo o ano escolar, destacando a relevância de tratarmos as questões raciais durante todo o ano e não somente no mês da Consciência Negra.

O papel da pessoa bibliotecária, em especial a escolar, é essencial, já que na maioria dos casos é o responsável por inserir na vida dos pequenos a leitura literária, saindo um pouco do cotidiano da leitura dos livros didáticos. Destacamos que além de toda a sua competência em informação e habilidade técnica, esse profissional precisa estar atento às questões étnico-raciais e educação antirracista.

Observamos que mesmo após vinte e dois anos da criação da lei 10.639/2003, a sua execução não é respeitada em todas as instituições de ensino, dessa forma é tão necessária a pesquisa, os movimentos e a presença de editoras que publicam livros com a temática antirracista. Dessa forma, estaremos sendo ouvidos, vistos e, principalmente ocupando os espaços que até então eram exclusivos do branco.

Reconhecer e afirmar a própria identidade sem precisar passar por situações de dor e constrangimento deveria ser um direito fundamental de todas as crianças negras. Apenas aqueles que vivenciaram ou vivenciam essa realidade podem compreender plenamente o impacto de ser alvo de olhares discriminatórios, de tentar se encaixar em padrões que não os representam e de buscar se enxergar em espaços onde sua presença não é valorizada ou desejada. Essas experiências, infelizmente, são comuns na trajetória de muitos indivíduos negros, marcando suas vivências de forma profunda e, muitas vezes, dolorosa.

A literatura é importante para a construção de uma sociedade igualitária e justa, onde os vários tons de pele não podem e não devem ser utilizados como justificativa para a exclusão, dor, desigualdade e preconceito. A literatura infantojuvenil afrocentrada é um espaço de encontro com os conceitos que se fazem presentes na construção de uma identidade e autoestima preta. Ter acesso a esta literatura é ter um voo livre, que permite que os viajantes se tornem letrados racialmente e possuam competência em informação para construir suas próprias narrativas.

Essas linhas tão diretas me fizeram revisitar um passado não tão distante no qual não entendia de fato quem era, por quais motivos me sentia fora do ninho. Com os anos, fui percebendo e entendendo o que meus pais sempre diziam para nós, seus três filhos negros: que só a educação permitiria que nossa caminhada fosse diferente. Meus pais são como muitos brasileiros negros que tiveram que abandonar os estudos bem cedo para trabalhar e ajudar no sustento de casa. Se hoje eu e meus irmãos

temos um diploma universitário no ensino público, é graças ao esforço e às privações que nossos pais tiveram. Mas você deve estar pensando: o que esse relato familiar tem a ver com esse trabalho?

Essa escrita tem um sabor de resistência e resiliência que só pessoas negras entendem e se identificam. Através das narrativas afrocentradas, temos acesso a histórias como a minha, como a sua e de tantos outros brasileiros como nós. De que a família é a nossa primeira rede de apoio e que o acesso à educação de qualidade e representatividade positiva influenciam o ser adulto e todas as suas conquistas, mas também suas lutas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia Azevedo de. **Cultura Letrada, literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUIAR, Vera Teixeira de. O caminho dos livros: da biblioteca à comunidade. In: AGUIAR, V. T.; MARTHA, A. Á. P. (Org.). **Territórios da leitura: da literatura aos leitores**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006. p. 255-267.

AGUIAR, Marcia Mucedula; PIOTTO, Débora Cristina; CORREA, Bianca Cristina. Relações étnico-raciais e formação docente: situações de discriminação racial na educação infantil. **Revista Eletrônica de Educação**, v.9, n.2, p. 373-388, 2015.

ALENCAR, Patrícia Vargas; ORNELLAS, Adriana Silva. A relação entre a empatia e a prática da leitura literária e sua influência para o bibliotecário de referência. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos** [...] João Pessoa: UFPB, 2015. Não paginado. Disponível em: Acesso em: 20 set. 2025.

ALMEIDA, Veridiana. **Literatura infantojuvenil**. Curitiba: Fael, 2011.

ALMEIDA, Tatiana de. **Os Loci epistêmico e o método analítico como forma de compreensão do ensino e da pesquisa em organização do conhecimento no Brasil do século XXI**. Tese (doutorado)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência da Informação. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, 2019.

ALVES, Mariana de Souza. Literatura, literalidade e literatura infantil: reflexões necessárias à biblioteconomia. **Informação@Profissões**, v.9, n. 1, 2020. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/140538>. Acesso em 04 mar. 2025.

AKBAR, N. **Breaking the chains of psychological slavery**. Mind Productions & Associates, 1984.

ARBOLEYA, Valdinei José. O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros. **Revista África e Africanidades**, Ano I, n. 3, p.1-9, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora TC, 1981.

SERGIPE. Assembleia Legislativa do Estado do Sergipe. Disponível em: <https://al.se.leg.br/politicas-publicas-o-que-sao-e-para-que-existem/>. Acesso em 24 abr. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676**: métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro: ABNT, 1992.

BARREIROS, Ruth Ceccon. Leitura e formação identitária na literatura infantil afrobrasileira. In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem, Diversidade, Ensino e UNIOESTE – Cascavel. **Anais Cascavel**: UNIOESTE, 2010. Disponível em <cac- php.unioste.br/.../> Acesso em 17 fev. 2025.

BARREIRO, Ruth C. Leitura e formação identitária na literatura infantil afrobrasileira. In: II Seminário Nacional em Estudos de Linguagem, Diversidade, Ensino e Linguagem, 2, 2010. **Anais eletrônico...** Cascavel: UNIOESTE, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48858870-Literatura-e-formacao-identitaria-na-literatura-infatil-afrobrasileira.html>. Acesso em 01 mar. 2025.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Ielê**. São Paulo: Ibep, 2012.

BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BERNARDINO - COSTA, Joaze. "Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal". **Sociedade e Estado**, vol. 33, n. 1, 2018.

BORTOLIN, Sueli.; SILVA, R. J. da. Ensino da literatura infantojuvenil na graduação e pós-graduação em ciência da informação. **REBECIN**, Sergipe, v.2, n.2, p.124-137, 2015.

BRASIL, Lei nº 10.639 de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em 03 mai. 2023.

BRASIL. Lei 12.288, de 20 de julho de 2010. Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. **Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.** Disponível em: Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em 11 mar. 2025.

BRASIL. Lei 11.648, de 10 de março de 2008. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. **Dispõe sobre o reconhecimento formal das centrais sindicais para os fins que especifica, altera a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11648.htm. Acesso em 11 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 12 mar. 2025.

Brasil. Lei 12.244, de 24 de Maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.** Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14837.htm. Acesso em 15 abr. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Dados do Inep mostram que 55% das escolas brasileiras não tem biblioteca ou sala de leitura.** Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/>. Acesso em 25 nov. 2022.

BRASIL. **Emenda constitucional nº 59, de 11 de Novembro de 2009.** Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para reduzir, anualmente, a partir do exercício de 2009, o percentual da Desvinculação das Receitas da União incidente sobre os recursos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino de que trata o art. 212 da Constituição Federal, dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, de forma a prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica, e dá nova redação ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao **caput** do art. 214, com a inserção neste dispositivo de inciso VI.. Brasília, DF: Presidência da República, [2009]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm. Acesso em 26 mar. 2025.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CALDIN, Clarice. Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. 15, jan./jul. 2003. Disponível em: <http://estudioterritoriales.org/articulo.oa?id=14701505>. Acesso em 09 mar. 2025.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

CAMPELLO, Bernadete. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2024.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2014.

CAVALLEIRO, E. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE (SECAD). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC-SECAD), 2005. p. 65-104.

CECCANTINI, João Luís. A literatura infantil brasileira... In: HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac & Naif, 2010.

CENTRO LATINO AMERICANO EM SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS – IMS/UERJ. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: https://www.unifaccamp.edu.br/graduacao/letras_portugues_ingles/arquivo/pdf/gde.pdf. Acesso em 11 dez. 2024.

Centro de Referência em Educação Infantil Realengo. **Biblioteca Floresta de Livros**. Disponível em: <https://blog.cp2.g12.br/creir/biblioteca/>. Acesso em 10 mai. 2025.

CESARINO, Maria Augusta de Nóbrega.; PINTO, Maria Cristina Mello Ferreira. Análise de assunto. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 32-43. jan./jun. 1980. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/29023>. Acesso em: 11 dez. 2024.

COELHO, Nelly. Novaes. **Literatura Infantil: teoria: análise didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

Colomer, Teresa. (2017). **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global.

CHERNYI, A. I. On the problems of organization and representation of **knowledge**. **International Forum on Information and Documentation**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 3-10, 1997.

CRUZ, Maria Carolina Andrade; FERNEDA, Edberto; FUJITA, Mariângela. Spotti Lopes. A disponibilização de vocabulário controlado aos usuários para a recuperação da informação. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v.15, n. 1, p. 267-282, jan./abr. 2022.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

DE LUCCA, Djuli Machado; CALDIN, Clarice Fortkamp; RIGHI, João Primo Ramirez. O desenvolvimento da Competência Informacional nas crianças a partir da literatura infantil. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**,

Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 192–206, 2015. DOI: 10.20396/rdbci.v13i1.1588.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1588>. Acesso em: 9 mar. 2025.

ELY, Neiva Helena. **DIMENSÕES DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL**. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/73637>. Acesso em 18 fev. 2025.

EMICIDA. **E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigos**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2020.

Educa Jovens. **Conheça o Brasil- População Cor ou raça**.

Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em 07 out. 2025.

FABEN, Alexandre; OLIVEIRA, Débora. **A educação antirracista nos cursos de Biblioteconomia no Brasil**: um panorama da região sudeste. 29 Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação - Bibliotecas por um mundo melhor: década da ação. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2541/2590>. Acesso em 11 dez. 2024.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas**: com atividades reflexivas. Ponta Grossa: Editora Estúdio Texto, 2015.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.

FERREIRA, Glória Isabel Sattamini; BONOTTO, Martha Eddy K. King; LAAN, Regina Helena Van der. Estudo sobre a terminologia da literatura infantil e juvenil: uma possibilidade para o controle de vocabulário. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 17, n. 1, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/93050>. Acesso em 26 fev. 2025.

FIGUEIREDO, Luciana Araujo e VALENTIM, Reinaldo Antonio. A literatura infantil e infanto-juvenil: uma possibilidade de desconstrução de preconceitos e racismo **In Educação das relações étnico-raciais: caminhos para a descolonização do currículo escolar**. Eugenia Portela de Siqueira Marques; Marta Coelho Castro Troquez (orgs.) 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.

FIORANTE, Eliane. Racismo, biblioteca escolar, educação das relações étnico-raciais e o campo da Biblioteconomia: uma conversa necessária e possível. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1509>. Acesso em 10 out. 2023.

FONTES, Sandra Regina. **Educação das relações étnico-raciais nas bibliotecas escolares da rede de ensino de Florianópolis: olhares e percursos**. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação) - Centro de Ciências Humanas da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1438/Sandra_Regina_Fontes_15840202631373_1438.pdf. Acesso em 23 fev. 2025.

FUJITA, Mariangela. Spotti. Lopes. Representação documentária no processo de indexação com o modelo de leitura documentária para textos científicos e livros: uma abordagem cognitiva com protocolo verbal. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 42-66, abr. 2013.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2020.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto para pequenos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/40149>. Acesso em 13 mai. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GUIMARÃES, Antonio Alfredo. **Preconceito e discriminação: queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2004.

GOMES, Elisângela. Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na biblioteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.21, n.3, p.738-752, ago./nov., 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/articloe/view/1216>. Acesso em: 14 out. 2023.

GOMES, Hagar Espanha. Tendências da pesquisa em organização do conhecimento. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.60- 88, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/169/169>. Acesso em 03 mar. 2025.

GOMES, Hagar Espanha. A participação da biblioteca universitária no sistema nacional de informação científica e tecnológica e em outros sistemas de informação.

Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v. 4, n. 1, 1975. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/v/73156>. Acesso em 09 set. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-racial, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v.12, n.1, p. 98 -109, jan/abr. 2012.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 6/7, p. 67–82, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862/1983>. Acesso em: 14 out. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução do estereótipo ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n.23, p. 40 - 52, set/dez 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrxrHf5nTC7r/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 jun. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/Secadi, 2005. p. 39-62. Acesso em 3 jun 2025.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na Literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 79-91, jan./abr., 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hZmCNP5MtfGB3CDvRbM8nFF/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 07 Maio 2022.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2011. 128 p. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=6XTJrrEcyEAC&pg=PT6&hl=ptBR&source=gb_s_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false. Acesso em 09 mar. 2025.

GREGORIN Filho, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

HADDAD, L. Jardim de infância. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em: [https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/76-1.pdf#:~:text=Termo%20criado%20por%20Friedrich%20Froebel%20\(1782%2D1852\)%2C%20educador,filos%C3%B3fico%20para%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20da%20crian%C3%A7a%20pequena](https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/76-1.pdf#:~:text=Termo%20criado%20por%20Friedrich%20Froebel%20(1782%2D1852)%2C%20educador,filos%C3%B3fico%20para%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20da%20crian%C3%A7a%20pequena). Acesso em 22 nov. 2025.

hooks, bell. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Boitatá, 2018.

hooks, bell. **A pele que eu tenho**. São Paulo: Boitatá, 2022.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características étnico-raciais da população**: classificação e identidade. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em 10 jan.2025.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. 2000. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em 09 mar. 2025.

JESUS, Regina F. **Investigação- Intervenção- Microações afirmativas no cotidiano escolar da educação infantil**. In: RIBEIRO, W. G. Práticas Pedagógicas, Currículo e Formação Docente. Curitiba: CRV, 2017, p. 115 – 128.

SANTOS, Jussara. **Democratização do colo**: educação antirracista para e com bebês e crianças pequenas. Campinas, SP: Papirus, 2024.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. Traduzido e adaptado por: Bernadete dos Santos Campelo et al. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Formação humana na escola, 4).

KRIEGER, N. **The science and epidemiology of racism and health: racial/ethnic categories, biological expressions of racism, and the embodiment of inequality – an ecosocial perspective**. In: WHITMARSH, I.; JONES, D. S. (orgs.). What's the use of race? Genetics and difference in forensics, medicine, and scientific research. Cambridge: MIT Press, 2010.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2 ed. rev. atual, Brasília, D.F: Briquet de Lemos, 2004.

LISBOA, Adrielle Karoline de Sousa; TAVARES, Maria Tereza Goudard; SOUSA, Roberta Dias de. A escrivência de professoras negras: Educação Infantil e relações étnico-raciais. **Série - Estudos, Campo Grande**, MS, v. 29, n.67, p. 181-200, set./dez. 2024.

LIMA, José Leonardo Oliveira; ALVARES, Lílian. **Organização e representação da informação e do conhecimento**. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jose-Leonardo-Lima-2/publication/281969932_Organizacao_e_representacao_da_informacao_e_do_conhecimento/links/5600067308ae07629e522ad1/Organizacao-e-representacao-da-informacao-e-do-conhecimento.pdf. Acesso em 22 nov. 2024.

MACHADO, Ana Maria. Menina bonita do laço de fita. São Paulo: Ática, 2008.

MARIOSIA, Gilmaria Santos; REIS, Maria da Glória dos. A influência da literatura infantil afro- brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária Londrina**, Vagão-volume 8 parte A, p. 42-53, dez. 2011. Disponível em: <https://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06.pdf>. Acesso em 17 fev. 2025.

MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira e TROQUEZ, Marta Coelho Castro (Org.). **Educação das relações étnico-raciais**: Caminhos para a descolonização do currículo escolar. Curitiba, PR: Appris, 2018.

MAYER, Ana Cláudia Lopes.; MATOS, José Claudio.; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Acervo afro-referenciado na biblioteca escolar: construindo sociedades antirracistas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2024. **Anais [...]** XXIV Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n - 1 edições, 2018.

MEIRELES, Ariane Celestino; SOUZA, Edileuza Penha de. **Princesas negras**. Rio de Janeiro, Malê, 2018.

MELO, Maria Antonia; Marisa BRASCHER, Termo, conceito e relações conceituais: um estudo das propostas de Dahlberg e Hjørland. **Ciência da Informação**, Brasília, v.4, n. 1, p. 67 - 80, jan./abr. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf. Acesso em 11 mar. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria de Educação básica**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf. Acesso em 01 jul. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em 27 fev. 2025.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências informacionais. **Ciência da informação**, Brasília, DF, v. 33, n.2, p. 112 - 122, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/Tbx3GhXh96kbDCJZYwYnbh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 out. 2025.

MOREIRA, Margareth Egídia; DIAS, Eduardo José Wense. Análise de assunto da literatura infantil: o feijão e o sonho embalados para viagem. **Cadernos BAD (Portugal)**, v., n. 2, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/69043>. Acesso em 26 fev. 2025.

MOREIRA, Meyre Ane Sampaio; VINAL Junior, José Veiga. Currículo frocentrado como ferramenta de fortalecimento da cidadania negra: desafios e perspectivas para uma educação antirracista. **Revista Ouricuri, Juazeiro, Bahia, v.15, n.1. 2025.** Disponível em: <https://revistas.uneb.br/ouricuri/article/view/22776/15332>. Acesso em 05 dez.2025.

MÜLLER, Suzana Pinheiro Machado. Biblioteca e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, p. 06-14, jul./out. 2012. Acesso em 3 jun. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude-Nova Edição**: Usos e sentidos. Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. Global Editora; 3ª edição, 2016.

MÜLLER, Suzana Pinheiro Machado. Biblioteca e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **R. Esc. Bibliotecon**. UFMG, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.

NASCIMENTO, Júlia do; SILVA, Gimina Beatriz Melo da. O letramento racial como ferramenta para erradicação do racismo. **Revista Mosaico**, v.15, n.4, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/89973/85092>. Acesso em 10 dez. 2024.

NAVES, Madalena Martins Lopes. Análise de assunto: concepções. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**. n. 2, 1996, p. 215-226.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referências para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, v.19, n.1, p.287 - 308.

NUNES, Maristela Aparecida; LIRA, Aliandra Cristina; GEHRKE, Marcos. A biblioteca escolar e as crianças: novos conceitos, velhos desafios. **Acta Scientiarum Education**, v. 43; jan. - dec., 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/47845>. Acesso em 14 fev. 2025.

NUNES, Míghian Danae Ferreira, Cadê as crianças negras que estão aqui?: o racismo (não) comeu. **Latitude**, vol. 10, n. 2, p. 383- 424, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313139655_Cade_as_crianças_negras_qu_e_estavam_aqui_O_racismo_nao_comeu. Acesso em 14 out. 2025.

NUNES, Martha Suzana Cabral, SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.25, número 2, p. 3-28, jun/2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/d8qjjXtVvK3FzRTXJfRg7Pd/?lang=pt>. Acesso em 21 jun. 2025.

OLIVEIRA, Danielle Carvalho de. **A construção da identidade negra na biblioteca escolar do Instituto Federal do Rio de Janeiro - Campus São Gonçalo:** potencialidades abertas pela pesquisa bibliográfica em ação cultural na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, 2022.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Concepções Docentes sobre as relações étnico-raciais em educação e a Lei 10.639. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30, 2005, Caxambu, MG. **[Anais eletrônicos...]** Caxambu, MG: ANPED, 2007. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT04-3068--Int.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

OLIVEIRA, Letícia Coelho de. **O Racismo na sala de aula:** uma intervenção com professoras da RME/BH.R. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VRNS-9PFRMC/1/universidade_federal_de_minas_gerais.pdf. Acesso em 28 fev. 2025.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O Black Power de Akin**. São Paulo: Editora de Cultura, 2020.

O GLOBO. **O que era uma suspeita foi confirmado: 64% dos brasileiros dizem que racismo começa na escola**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/07/27/para-64percent-dos-brasileiros-entre-16-e-24-anos-o-ambiente-escolar-e-onde-mais-sofrem-racismo-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em 11 mar. 2025.

PAULA, Flávia Ferreira de; FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Políticas públicas de leitura e formação de leitores:** um estudo do projeto literatura em minha casa. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277125181_POLITICAS_PUBLICAS_DE_LEITURA_E_FORMACAO_DE_LEITORES_UM_ESTUDO_DO_PROJETO_LITERATURA_EM_MINHA_CASA. Acesso em 08 mar. 2025.

PASSOS, Maria Clara Araujo dos; PINHEIRO, Barbara Carine Soares. Do epistemicídio a insurgência: o currículo decolonial da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa (2018-2020). **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Bahia. Vol. 07, N. 01 - Jan. - Mar., 2021.

PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de. A literatura infantil na formação da identidade da criança. **Revista Eletrônica Pró-Docência**, UEL, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/SIMONE%20MOURA-FABIANA-EDWYLSO%20-%20pedagogia.pdf>. Acesso em 07 out 2024.

PEREIRA, Luciana; LEÃO, Mary Santos Soares; PORTUGAL, Naila de Figueiredo. A importância do ato de ler para crianças: leitura de mundo e leitura de literatura na educação da pequena África. *In: Ao mestre com carinho: professoras e professores das infâncias em diálogo com Paulo Freire. orgs: Carolina Alencar, Fabiana Pessanha e Maria Tereza Goudard Tavares.* 1 ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

PEREIRA, Márcia Moreira; BRAULIO, Wendell Lopes de Azevedo. Literatura Afro-brasileira na escola: letramento racial e Afroletramento como instrumento de formação antirracista. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], n. 66, p. e25178, 2023. DOI: 10.5585/eccos.n66.25178. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/25178>. Acesso em: 15 out. 2025.

PEREIRA, Sueli Menezes. Pereira. As reformas educacionais na década de 1920 no Brasil e as políticas de formação de professores primários. **Cadernos De História Da Educação**, 19(1), 271-292. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/52721>. Acesso em 15 mar. 2025.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da, BELLO; Suzalei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piombato Innocentini. Arte da Pesquisa Bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Campinas**, v.10.n.1, p.53- 66, jul/dez, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 15 out 2022.

Portal Geledés. **Instituto da Mulher Negra**. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em 12 mar. 2025.

PRIMO, Ueliton Souza Moreira; FRANÇA, Dalila. Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar. **Revista UNIABEU**, Rio de Janeiro, n.2, dez. 2020.

QUEVEDO - CAMARGO, Gladys; SCAMARACI, Matilde Virgínia Ricardi. O conceito de letramento em avaliação de línguas: origem de relevância para o contexto

brasileiro. Linguagem: **Estudos e Pesquisas**. Goiânia, v.22, n.1, 2018. Doi: <https://doi.org/10.5216/lep.v22i1.54474>. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/54474>. Acesso em: 12 fev. 2024.

REIS, Teresa Cristina Antunes. **Biblioteca escolar e a diversidade cultural: a leitura como meio de conhecimento e promoção da diversidade cultural**. 2011. 124f. Dissertação (Mestrado em Gestão da informação e Bibliotecas Escolares) - Departamento de Educação e Ensino a Distância. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/10400.2/2186>. Acesso em 23 fev. 2025.

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to Library Classification**. 3. ed. Bombay: Asia Publishing House, 1967.

RANGANATHAN, S. R. **Colon Classification**. 7. ed. Bombay: Asia Publishing House, 1989.

RIBEIRO, Paulo. Rennes Marçal. Educação Escolar no Brasil: Problemas, Reflexões e Propostas. **Coleção Textos**, Vol. 4. Araraquara, UNESP, 1990. Disponível em: <https://www.educacao.niteroi.rj.gov.br/mapa-escolar/unidades-municipais-de-educacao-infantil/> Acesso em 27 nov 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Odilia Barbosa; SILVA, Rovilson José da; BORTOLINI, Sueli. Literatura infantil e protagonismo negro: mediação na biblioteca escolar. **Em Questão**, Porto Alegre, v.31, e-138792, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1808-5245.31.138792>. Acesso em 11 mar. 2025.

RIBEIRO, Daviane da Silva. **Africanidades nas escolas: a atuação do bibliotecário em prol da legitimidade cultural**. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RODRIGUES, Talita Andrade; FUJITA, Mariangela Spotti Lopes; EVEDOVE, Paula Regina dal. Política de indexação em bibliotecas destinadas às necessidades dos usuários deficientes visuais. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul/dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/13558/9744>. Acesso em 10 fev. 2025.

ROSA, Sonia. **Literatura infantil afrocentrada e letramento racial: uma narrativa autobiográfica**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

ROSA, Sonia. **A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades: uma narrativa autobiográfica**. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2019. Disponível em: https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/131_Sonia%20Regina%20Rosa%20de%20Oliveira%20Dias%20de%20Jesus.pdf. Acesso em 3 jun. 2025.

ROSA, Áuria Machado da. **Práticas informacionais no Instagram: ações de letramento racial no perfil Primeiros Negros**. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre p. 56, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/253756>. Acesso: 03 mar. 2025.

ROSA, Victor Soares. Uma pré-história da competência em informação: a busca pelos indícios dos elementos fundantes de um campo. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. e38040, 2025. DOI: 10.21680/2447-0198.2025v9n1ID38040. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/38040>. Acesso em: 9 set. 2025.

RUBI, Milena Polsinelli. **Os princípios da política de indexação na análise de assunto para catalogação**: especificidade, exaustividade, revocação e precisão na perspectiva dos catalogadores e usuários. *In: A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias*. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 149 p.

SALLES, Tatiane Helena Borges de; GRACIOSO, Luciana de Souza. **Do letramento informacional para o letramento racial**: a presença da pluridiversidade no acervo. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2024/article/view/3202/3207>. Acesso em 17 fev.2025.

SANTANA, Juliana Santos de. **Educação Afrocêntrica**: um currículo decolonial e antirracista na educação infantil. Educação sem distância, Rio de Janeiro, n.2, dez. 2020.

SANTANA, Lílian Domingues. CHAGAS, Leonardo Borges Rodrigues; LIMA, Gercina Ângela de; MARTINS, Raissa Michalsky; PEREIRA, Frederico Cesar Mafra; MOURA, Maria Aparecida. Sistemas de organização do conhecimento: análise comparativa e modelagem de instrumentos de representação do conhecimento. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 29, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/NvzLK8mqd7z4MGgg3rHvDz/?format=pdf&lang=pt>. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2024.e97708> Acesso em 02 mar. 2025.

SANTANA, Lílian Dominguez; MARTINS, Raissa; CHAGAS, Leonardo; PEREIRA, Frederico; LIMA, Gercina; MOURA, Maria Aparecida. Sistemas de organização do conhecimento: análise comparativa e modelagem de instrumentos de representação do conhecimento. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 29, n. na era, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/97708>. Acesso em: 23 fev. 2025.

SANTOS, Anna Vitória Macêdo dos; SOUZA, Elisabete Gonçalves. A presença da literatura antirracista nos acervos das bibliotecas escolares: um estudo de caso. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, NÚMERO ESPECIAL: Perspectivas étnico-raciais na Biblioteconomia e Ciência da Informação: abordagens contemporâneas, v. 28, n. 3, p. 1-20, jan./dez., 2023. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/2075/1760>. Acesso em 09 mar. 2025.

SANTOS, Iraneide Nascimento dos; BLACK, Taciana Lima de Paula; SILVA, Kalina Vanderlei; SANTOS, Carolina da Franca Bandeira Ferreira. O racismo estrutural e seu impacto na saúde do adolescente afrodescendente brasileiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, 34 12 Ago 20242024. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2024.v34/e34025/#:~:text=Introdu%C3%A7%C3%A3o,%2Dp...%20>). Acesso em, 16 set. 2025.

SANTOS, Carolaine da Silva dos; SANTOS, Tiago Pereira dos. **O papel da representatividade na literatura infantil afrobrasileira num quilombo Aguabranquense**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Racismo e branquitude na sociedade brasileira**. [Entrevista concedida a] José Tadeu Arantes. Agência FAPESP. São Paulo, 5 fev. 2015b. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/racismo-e-branquitude-na-sociedade-brasileira/20628/>. Acesso em 16 set. 2024.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entrevista concedida à TV Folha**. Canal da TV Folha, 2015a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fc7sxAySoOE>>. Acesso em: 3 abr. 2019. Acesso em: 15jun. 2025.

SILVA, Consuelo Dore. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte, Mazza Edições, 1995.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **Revista Eletrônica de Graduação do Univem**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 135-149, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>. Acesso em 08 mar. 2025.

SILVA, Eduardo Dias de; DIAS-SOUZA, Romar. **Letramento racial mediado pela literatura infanto-juvenil na Educação Básica**. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/intertexto/article/view/2424>. Acesso em 14 fev. 2025.

SILVA, Maria dos Remédios da; FUJITA, Mariangela Spotti Lopes. 2004. A prática de indexação: análise da evolução de tendências metodológicas. **Transinformação**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 133-161, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v16n2/03.pfd>> Acesso em: 05 dez. 2025..

SILVA, Flávia Carolina da. Educação das relações étnico-raciais na educação infantil: caminhos necessários para uma educação antirracista. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. 33, p. 66–84, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1003>. Acesso em: 6 mar. 2025.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (Org). **Mulheres negras na Biblioteconomia**. Florianópolis (SC): Rocha Gráfica e Editora, 2019.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Colonialidade do saber e dependência epistêmica na biblioteconomia: reflexões necessárias.** In: DUQUE-CARDONA, Natalia; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Epistemologias Latino-americanas em Biblioteconomia e Ciência da Informação: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha; Nyota, 2020.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da.; SALDANHA, Gustavo Silva; PIZARRO, Daniella Camara. A Branquitude nas práticas docentes em Biblioteconomia e Ciência da Informação: notas teórico-críticas sobre um ensino no âmbito do preconceito racial. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., Londrina, 22 a 26 de outubro de 2018. **Anais...** Londrina, 2018.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva.** 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, Rovilson José da. Formar leitores na escola: o projeto pedagógico, a biblioteca escolar e a mediação. **Informação & Informação, Londrina**, v.20, n. 3 p.487-506, set./dez.2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15390/17677>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SILVA, Rachel Polycarpo da. **Biblioteca para quem não sabe ler?: a quebra de paradigma sobre leitura, leitores, usuários de bibliotecas e o papel do bibliotecário escolar na educação infantil.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de Ciência da Informação. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7491/DISSERTA%c3%87%c3%83O_PPGCI_Rachel%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 04 nov. 2024.

SILVA, Ingrid. **A bailarina que pintava suas sapatilhas.** São Paulo: Globinho, 2023.

SILVA, Eduardo Dias de; Dias - Souza, Romar. Letramento racial mediado pela literatura infanto-juvenil na Educação Básica. **Revista InterteXto**, Uberaba, v. 10, n. 2, 2018. DOI: 10.18554/ri.v10i2.2424. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/2424>. Acesso em 14 fev. 2025.

SILVA, Poliana Teixeira da; CHARIGLIONE, Isabelle Patrícia Freitas Soares. Intelectualidade negra brasileira: um estudo de revisão de literatura. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 23, n. 68, p. 362–383, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17204229. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/7768>. Acesso em: 9 dez. 2025.

SIMÕES, Maria da Graça de Melo. Do conceito e dos princípios metodológicos de indexação. subsídios para uma análise crítica. In.: **JORENTE, M. J. V., and PADRÓN, D. L., eds. Una mirada a la ciencia de la información desde los nuevos contextos paradigmáticos de la posmodernidad [online].** Marília: Oficina

Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, pp. 151-176. ISBN: 978-85-7983-904-7. Available from: <https://books.scielo.org/id/j3pqj>. <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-904-7p151-178>. Acesso em 13 mai. 2025.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUSA, Roberta Dias de; CAVALCANTI, André dos Santos Souza. Boneca Viajante e outras histórias: entrelaçamentos pelo protagonismo negro no trabalho com crianças pequenas. In: **Ao mestre com carinho**: professoras e professores das infâncias em diálogo com Paulo Freire. orgs: Carolina Alencar, Fabiana Pessanha e Maria Tereza Goudard Tavares. 1 ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

SOUSA, Brisa Pozzi de; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Análise de assunto no processo de indexação: um percurso entre teoria e norma. **Informação & Sociedade: Est.**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2014.

SOUTTA, Marivete; JOVINO, Ione da Silva. Letramento racial e a educação antirracista nas aulas de língua portuguesa. **Uniletras**, v. 41, n. 2, jan - dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/14995>. Acesso em 14 fev. 2025.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar - se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, Graal, 1990.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Yvone Costa de. **Crianças negras**. Porto Alegre: Mediação, p.17, 2002.

SOUZA, Mirele da Costa; COSTA, Renata Ferreira. **Biblioteca antirracista**: cartilha de letramento racial para pessoa bibliotecária da Bicen/UFS - São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe, 2024. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/22019/5/MIRELE_COSTA_SOUZA-Livro.pdf. Acesso em 14 out. 2025.

TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal' Evedove. **Representação temática em repositórios institucionais de bibliotecas universitárias**: a percepção de gestores e bibliotecários catalogadores, indexadores da USP, UNESP e UNICAMP. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8660803/23227>. Acesso em 05 dez. 2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Gritando aos quatro ventos: viva o povo brasileiro**. Caderno Cedes. São Paulo, n. 38, ago, 1996.

UNISIT. Princípios da indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 10, n. 1, 1981. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/v/73723>. Acesso em 09 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Catálogo da biblioteca on line**. Disponível em: https://minerva.ufrj.br/F/?func=find-b-0&local_base=CAP. Acesso em:

URIBE TIRADO, Alejandro. **Lecciones aprendidas en programas de Alfabetización Informacional en universidades de Iberoamérica: propuesta de buenas prácticas**. 2013. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação) – Universidad de Granada, Universidad de La Habana, Granada, 2013. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/22416/1/TESIS%20COMPLETA.%20Alejandro%20Uribe%20Tirado.pdf>. Acesso em: 09 set. 2025.

VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. **Proposta Metodológica de combate ao racismo nas escolas**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 93, 1995.

VIEIRA, Sara da Cruz; SANTOS, Andrea. Pereira. Integrando o letramento informacional ao letramento racial: ampliando o conhecimento e a consciência sobre a diversidade étnico-racial. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2023. **Anais [...]** XXIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/258199>. Acesso em 03 mar. 2025.

VITORINO, Elizete Vieira. Indicadores para a Competência em informação no Brasil: virtudes, tendências e possibilidades. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/203852>. Acesso em 17 fev. 2025.

VITORINO. Elizete Vieira, PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.

WARNER, D. F.; BROWN, T. H. "Understanding how race/ethnicity and gender define age - trajectories of disability: an intersectionality approach". **Social Science and Medicine**, vol. 72, n. 8, 2011

ZATTAR, Marianna Barra Ribeiro. **Competência em informação, práticas informacionais e desinformação**. Debate sobre Colnfo 2: Parcerias, serviços e produtos ofertados pela pessoa bibliotecária com base na Colnfo e na Agenda 2030. Grupo de trabalho de Competência em informação- Colnfo. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/files/original/51/6251/Marianna_Zattar_202211.pdf. Acesso em 17 fev. 2025.

ZATTAR, Marianna Barra Ribeiro. Competência em Informação e Desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. e5391, 2020. DOI: [10.18617/liinc.v16i2.5391](https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5391). Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5391>. Acesso em 17 fev. 2025.

ZATTAR, Marianna. **Por que a Competência em Informação promove prática e não status?** Biblio, Rio de Janeiro, 4 jun. 2018. Disponível em: <https://biblio.info/competencia-em-informacao-promove-pratica/>. Acesso em: 09 set. 2025.

SILVA, Daniele Cristina Agostinho. **Literatura infantojuvenil**. InfoEscola: navegando e aprendendo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ANEXO A - LITERATURA AFROCENTRADA BIBLIOTECA FLOR DE PAPEL

TÍTULO	AUTOR	ANO	ASSUNTO ENCONTRADO NO CATÁLOGO DO PERGAMUN
Mandela: Nelson Mandela	Maltese, Maria Julia	2019	Literatura infanto juvenil, Movimento antiescravagista, Apartheid, Biografia
O Batuquinho	Leo Mendonza	2018	Capoeira, Literatura infantojuvenil, Música, Reggae, Marcha, Rock, Samba
Meu mundo no mapa do mundo	Jonnas Ribeiro	2018	Literatura infantojuvenil, Viagem ao redor do mundo, Diversidade cultural
Tudo vai dar certo	Cedella Marley	2013	Literatura infantojuvenil, música
Ciranda em Aruanda	Liu Olivina	2021	Literatura infantojuvenil afrobrasileira, Mitologia africana, Orixá
Akili está feliz	Kiusam de Oliveira	2022	Literatura infantojuvenil afro-brasileira, Lactante, Felicidade, Afeto
Tudo que sou	Luana Rodrigues	2022	Literatura infantojuvenil brasileira, Identidade, Hereditariedade, Família, Cultura afro-brasileira
Histórias sobre pequenas coisas	Otávio Júnior	2022	Literatura infantojuvenil afro-brasileira, Cotidiano, Criança, Afeto
Da cor que eu sou	Andressa Reis	2021	Literatura infantojuvenil brasileira, Racismo, Identidade étnica, Desenho infantil
Com qual penteado eu vou?	Kiusam de Oliveira	2021	Literatura infantojuvenil brasileira, cabelo,
A menina e o barril	Márcia Honora, Antonia Jonas Dias Filho	2013	Literatura infantojuvenil, Conto africano
Gato e Gabi	Hellenice Ferreira	2017	Literatura infantojuvenil brasileira, Poesia infantil, Animal doméstico
João do trombone e as vacas bailarinas	Sylvia Helena Fiusa	2020	Literatura infantojuvenil brasileira, Poesia infantil, Vida rural
Julian é uma sereia	Jessica Love, tradução Bruna Brener	2021	Literatura infantojuvenil, Gênero, Homossexualidade, Amor ao próximo
Bicho de estimação	Lili Balonecker	2017	Literatura infantojuvenil brasileira, Animal doméstico, Galo, Amizade

Contos de [fadas] [sacisas]	José Roberto Torrero	2018	Literatura infantojuvenil, Folclore, Saci-pererê (Personagem lendário), Feminista
Da minha janela	Otávio Júnior	2019	Literatura infantojuvenil brasileira, Favela, Janela, Paisagem
Ca-ta-ri-na	Thais Laham Morello	2017	Literatura infantojuvenil brasileira, Timidez, Amizade
Obax	André Neves	2010	Literatura infantojuvenil
Ombela: a origem das chuvas	Ondjaki	2015	Literatura infantojuvenil angolana, Lenda, Mitologia africana
Antônia quer dormir	Sonia Rosa	2021	Literatura infantojuvenil brasileira, Sono, Família, Diversão
Amor de cabelo	Matthew A. Cherry, tradução Nina Rizzi.	2020	Literatura infantojuvenil, Amor, Cabelo
Os mil cabelos de Ritinha	Paloma Monteiro	2013	Cabelo, Poder negro -- aspecto histórico, Criança, Mulher negra, Cultura afro-brasileira, Literatura infantil
Lia lia	Cintia Barreto	2020	Literatura infantojuvenil brasileira, Poesia infantil, Criança
Lulu adora histórias	Anna McQuinn, tradução de Lis Dornelas	2014	Literatura infantil, Biblioteca, Costumes sociais, Leitura recreativa
Lulu lê para o Zeca	Anna McQuinn, tradução Carla Branco	2020	Literatura infantojuvenil irlandesa, Relação familiar, Leitura, Livro, Amor, Afeto
Lulu adora a biblioteca	Anna McQuinn, tradução Rafaella Lemos.	2012	Literatura infantil, Biblioteca, Usuário de biblioteca
Meu crespo é de rainha	bell hooks	2018	Literatura infantojuvenil americana, Cabelo, Identidade, Autoimagem
A pele que eu tenho	bell hooks, tradução Nina Rizzi	2022	Literatura infantojuvenil americana, Relação étnico-racial, Identidade
Minha dança tem história	bell hooks, tradução Nina Rizzi	2019	Literatura infantojuvenil americana, Dança, Autoimagem, Relação étnico- racial
Tanto tanto!	Trish Cooke	2008	Literatura infantil, Família, Amor

Princesa Arabela	Mylo Freeman	2008	Literatura infantil, Mulher negra, Criança, Presente, Aniversário, Elefante
Teresa tem uma tartaruga	Clara Gavilan	2022	Literatura infantojuvenil brasileira, Animal doméstico, Família, Nome próprio
A menina que bordava bilhetes	Lenice Gomes	2011	Literatura infantojuvenil brasileira, Poesia infantil
O cabelo de Cora	Ana Zarco Câmara	2013	Literatura infantojuvenil, Preconceito, Racismo, Cabelo, Poder negro, Criança, Bullying, Amizade, Poesia
O black power de Akin	Kiusam de Oliveira	2020	Literatura infantojuvenil, Raça negra, Identidade cultural, Conduta
Marinela	Luciana Grether	2017	Literatura infantojuvenil, Mulher, Casamento, Solidão, Autoimagem, Autonomia (Psicologia)
A mãe que voava	Caroline Carvalho	2018	Literatura infantojuvenil, Mãe, Trabalho
Boa -noite, girava	David Grossman	2013	Literatura infantojuvenil, Banho, Criança
Cadê a lagoa que estava aqui?	Neide Graça	2023	Literatura infantojuvenil brasileira, Lagoa, Sapo, Conservação da natureza
Só um minutinho: um conto de esperteza num livro de contar	Yuyi Morales	2006	Literatura infantojuvenil, Morte, Folclore, Família
Omo - oba: histórias de princesas	Kiusam de Oliveira	2009	Literatura infantil Cultura afro-brasileira Identidade cultural
Foi ele que escreveu a ventania	Rosana Rios	2017	Literatura infantojuvenil, Poesia, Revelação, Palavra, Cotidiano
O mundo no black power de Tayo	Kiusam de Oliveira	2013	Afro-americano -- aspecto político, Literatura infantojuvenil, Mulher negra, Bullying, Poder negro -- aspecto histórico
O menino pirilampo e a morada das palavras	Neide Graça	2019	Literatura infantojuvenil, Infância

Dandara e a Princesa Perdida	Maíra S. Rossato	2012	Literatura infantil, Representação da mulher, Representação social, Mulher negra
As falações de Flávio	Rogério Trentini	2013	Literatura infantojuvenil brasileira, Menino, Fala
Ops	Marilda Castanha	2021	Literatura infantojuvenil brasileira, Lactente, Brincadeira
Nós de axé	Janaína de Figueiredo	2018	Literatura infantojuvenil brasileira, Culto afro-brasileiro, Catolicismo
Caderno de rimas do João	Lázaro Ramos	2016	Literatura infantojuvenil afro-brasileira, Poesia infantil
O mistério da mamãe	Luciana Rigueira	2007	Literatura infantojuvenil brasileira, Literatura infantil, Gravidez -- aspecto social
Chuva de manga	James Rumford	2005	Literatura infantil, Cultura africana
Palmas e vaias	Sonia Rosa	2011	Literatura infantil, Preconceito, Discriminação racial, Bullying, Resiliência (Traço da personalidade)
O dragão do mar	Sonia Rosa	2020	Literatura infantojuvenil, História do Brasil, Escravidão, Abolição da escravidão, 1888
O menino Nito	Sonia Rosa	2002	Literatura infantojuvenil, Homem, Menino, Choro
Os tesouros de Moninfa	Sonia Rosa	2009	Literatura infantil, Representação da mulher, Mulher Negra
Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta	Sonia Rosa	2012	Literatura infantil, Escravidão na literatura, Direito constitucional, Petição
Sai da frente, Sr. Montanha!	Francesca Sanna	2020	Literatura infantojuvenil Criança Montanha Curiosidade
Quando a chuva chegar	Josemar Bernardo Santos	2020	Literatura infantojuvenil afro-brasileira, Imaginação nas crianças, Amor, Pai e filho
Antônia quer brincar	Sonia Rosa	2021	Literatura infantojuvenil brasileira, Família, Brincadeira, Diversão

Antônia quer brincar	Sonia Rosa	2021	Literatura infantojuvenil brasileira, Sono, Família, Diversão
Zum zum Zumbiiiiiii	Sonia Rosa	2016	Literatura infantil, Negro no Brasil, Escravidão -- aspecto histórico
É o tambor de crioula	Sonia Rosa	2020	Literatura infantojuvenil brasileira, Dança
Ver o vento	Aloma	2022	Literatura infantojuvenil brasileira, Natureza, Curiosidade
Enquanto o almoço não fica pronto...	Sonia Rosa	2020	Literatura infantojuvenil brasileira, Poesia, Alimento, Família
Pedro e o choro	Simone Cit	2008	Literatura infantojuvenil brasileira, Música infantil
Vermelho	Maria Tereza	2009	Literatura infantojuvenil brasileira, Imaginação nas crianças, Cor
As panquecas de mama Panya	Mary Chamberlin	2005	Literatura infantojuvenil, Literatura infantil
Francisco Marques (Chico dos Bonecos)	Francisco Marques	2009	Literatura infantil, Poesia brasileira, Animal
O filho do vento	Rogério Andrade Barbosa	2001	Literatura infantojuvenil, Literatura africana
Os pais de Samira se separam	Christiam Lamblin	2005	Literatura infantojuvenil, Casal, Divórcio, Filho
"Deixa que eu faço!" : aprendendo sobre responsabilidade	Brian Moses	1999	Literatura infantojuvenil inglesa, Responsabilidade, Autonomia (Psicologia), Autocuidado, Cuidado, Organização
Quem vai e vem um jeito sempre tem	Ellen Pestili	2013	Literatura infantojuvenil brasileira, Locomoção
Sou humano: um livro sobre empatia	Susan Verde	2020	Literatura infantojuvenil, Solidariedade

Eu nunca vou crescer	Eva H. Grant	1996	Literatura infantojuvenil, Relação familiar, Inveja, Ciúme, Amizade
Por amor ao futebol	Pelé	2010	Literatura infantojuvenil, Futebol
Calu: uma menina cheia de histórias	Cássia Valle	2017	Literatura infantil, Criança, Negro, Museu, Família negra -- aspecto histórico
É meu! Cala boca! Quem manda aqui.	Luciana Savaget	2005	Literatura infantojuvenil brasileira, Egoísmo, Solidão
Pedro Pereira Pinto	Vinicius Viramundos	2016	Literatura infantil, Papa, Viagem
Como se fosse dinheiro	Ruth Rocha	1999	Literatura infantojuvenil brasileira, Moeda
Amigo do Rei	Ruth Rocha	808.89928 2 R672	Literatura infantojuvenil brasileira, Escravidão, Amizade, Quilombo, Nobreza
O garoto da camisa vermelha	Otávio Júnior	2020	Literatura infantojuvenil, Menino, Favela, Lixo urbano, Livro, Transformação social
O Rei Preto de Ouro Preto	Sylvia Orthot	2003	Literatura infantojuvenil brasileira, Negro, Escravidão, Liberdade
O menino barulhento	Eliana Pougy	2012	Literatura infantojuvenil, Infância, Brincadeira
ABC do Continente Africano	Rogério Andrade Barbosa	2007	Literatura infantil, Africanismo, Cultura africana
ABC afro-brasileiro	Carolina Cunha	2009	Literatura infantil, Cultura afro-brasileira, Africanismo, Lenda
Tecelagem: uma história ilustrada	Goya Lopes	2020	Literatura infantojuvenil afro-brasileira, Tecelagem
Núbia rumo ao Egito	Maria Aparecida Silva Bento	2009	Literatura infantil, Afrodescendente
Histórias encantadas africanas	Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	2011	Literatura infantojuvenil, Literatura africana, Lenda

Milly e Molly: socorrem os animais	Gill, Pittar	2012	Literatura infantojuvenil neozelandesa, Direito do animal, Habitat
Milly, Molly e Meg	Gill, Pittar	2012	Literatura infantojuvenil neozelandesa, Corpo humano, Conduta
Milly, Molly e o chapéu de sol	Gill Pittar	2012	Literatura infantojuvenil neozelandesa, Honestidade, Praia
Milly, Molly e papais diferentes	Gill Pittar	2012	Literatura infantojuvenil neozelandesa, Relação pai-filho, Paternidade
Milly, Molly e Eu amo você	Gill Pittar	2012	Literatura infantojuvenil neozelandesa, Amor
Milly, Molly e Melasmo	Gill Pittar	2012	Literatura infantojuvenil neozelandesa, Felicidade, Melancolia
Kambas para sempre	Maria Celestina Fernandes	2017	Literatura infantojuvenil angolana Racismo Afrodescendente
Livro da saúde	Paulo Dias Fernandes	2000	Literatura infantojuvenil brasileira, Saúde, Higiene pessoal
Pretinha de neve e os sete gigantes	Rubem Filho	2013	Literatura infantil, Pai e filho, Conto maravilhoso
Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	2011	Literatura infantil, Beleza física (Estética), Diferença individual
O cabelo de Lelê	Valéria Belém	2012	Literatura infantojuvenil brasileira, Cabelo, Negro, Relação étnico-racial
Meninas negras	Madu Costa	2010	Literatura infantil, Mulher negra
Cheirinho de neném		2011	Literatura infantil, Família, Comemoração
Uma aventura do velho Baobá	Inaldete Pinheiro de Andrade	2021	Literatura infantojuvenil, Baobá, Viagem, Esperança
Tudo que sou	Luana Rodrigues	2022	Literatura infantojuvenil brasileira, Identidade, Hereditariedade, Família, Cultura afro-brasileira

As tranças de Bintou	Sylviane A. Diouf	2012	Literatura infantil, Cultura africana, Infância, Negro
Histórias sobre pequenas grandes coisas	Otávio Júnior	2022	Literatura infantojuvenil afro-brasileira, Cotidiano, Criança, Afeto
Antonia quer dormir	Sonia Rosa	2021	Literatura infantojuvenil brasileira, Sono, Família, Diversão
Antonia quer passear	Sonia Rosa	2021	Literatura infantojuvenil brasileira, Natureza, Família, Diversão
Kambas para sempre	Maria Celestina Fernades	2017	Literatura infantojuvenil angolana, Racismo, Afrodescendente

ANEXO B - LITERATURA AFROCENTRADA NA BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO

TÍTULO	AUTOR	ANO	ASSUNTO ENCONTRADO NO CATÁLOGO DO PERGAMUN
Contos de [fadas] sacisas	José Roberto Torero	2020	Literatura infantojuvenil, folclore, saci-pererê (personagem lendário), feminista
O mar de dentro: um conto de uma mãe e seu filho em um navio negreiro	Fernanda de Oliveira	2020	Conto, literatura infantojuvenil, negro
Menina pretinha, menino pretinho	Kiusam de Oliveira	2021	Diversidade, negro, literatura infantil
Meu nome é Raquel Trindade, mas pode me chamar de Rainha Kambinda	Sonia Rosa	2023	Biografia, negro, literatura infantojuvenil
Nas garras dos babuínos: um reconto da tradição oral do povo Zulu	Rogério Andrade Barbosa	2021	Ficção, Negro, literatura infantojuvenil brasileira
Negrinha e outros contos	José Bento Renato Monteiro Lobato.	2019	conto, negro, literatura brasileira
Neguinha sim!	Renato Gama,	2023	Negro, Literatura infantojuvenil, diversidade
O pequeno príncipe preto	Rodrigo França	2020	Negro, Literatura infantojuvenil brasileira, afeto
As tranças de Bintou	Sylviane A. Diouf	2004	Literatura infantojuvenil, Negro
O caçador cibernético da rua 13	Fábio Kabral	2017	Ficção brasileira, Cultura Afro-brasileira, Literatura infantojuvenil
A luz de Aisha	Luana Rodrigues, Aza Njeri	2021	Conto africano, Cultura afro-brasileira, literatura infantojuvenil
O Dragão do Mar	Sonia Rosa	2020	Literatura infantojuvenil, História do Brasil, Escravidão, Abolição da Escravatura, 1888
Betina	Nilma Lino Gomes	2009	Literatura infantojuvenil afro-brasileira, identidade étnica, Raça negra, Cultura africana, cabelo, Autoimagem, Preconceito
Alucinado som de tuba	Frei Betto	2006	Literatura infantojuvenil brasileira, igualdade perante a lei, violência
Amor não tem cor	Giselda Laporta Nicolelis	2002	Literatura infantojuvenil, Preconceito

Aparências: e outras cenas do cotidiano	Júlio Emílio Braz	2008	Literatura infantojuvenil, Racismo, Discriminação
Aporofobia	Blandina Franco	2023	Literatura infantojuvenil brasileira, Pobreza, Medo, Preconceito
Bateria 100% carregada	Severino Rodrigues	2028	Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, Literatura infantojuvenil brasileira, Ambiente escolar, Ficção, Racismo
Doce Manuela	Júlio José Chiavenato	1996	Literatura infantojuvenil, Favela
Favela	Dílvia Ludvichak	2019	Preconceito, Literatura infantojuvenil
Kambas para sempre	Maria Celestina Fernandes	2017	Literatura infantil angolana, Racismo, Afrodescendente
Lápis cor de pele	Daniela de Brito,	2017	Preconceito, Diversidade, Literatura infantojuvenil
Preta, Black e La Negra	Monika Papescu	2012	Literatura infantojuvenil, Violência, Relações Sociais
Que cabelo é esse bela?	Simone Mota	2018	Literatura infantojuvenil, Preconceito
Sulwe	Lupita Nyong'o	2019	Ficção, Literatura infantojuvenil, Racismo, Autoconhecimento
Mungunzá	Tatiane Silva Santos	2022	Literatura infantojuvenil, Cultura africana
Tumbu	Marconi Leal	2007	Literatura infantojuvenil brasileira, Escravo, Colonização brasileira
Princesa Arabela, mimada que só ela!	Texto e ilustrações Mylo Freeman; tradução Ruth Salles	2008	Literatura infantil, Mulher negra, Criança, presente, aniversário, elefante
O casamento da princesa	Celso Sisto	2009	Literatura infantojuvenil, Conto
Contos encantados da África	Celina Bodenmüller & Fabiana Prando	2022	Literatura infantojuvenil, Conto
Akenda Mbani	Rosana Mont'Alverne	2023	Conto africano, Literatura infantojuvenil
O céu do Baobá	Beatriz Myrrha, Ana Cristina Maciel	2021	Literatura infantojuvenil, Conto Africano
Omo-oba: histórias de princesas e príncipes	Kiusam de Oliveira	2023	Iorubá (Povo africano), mitologia, Orixá, Literatura infantojuvenil
Sundiata : o filho de Sogolon	Tadeu Sarmento	2022	Ficção, Literatura infantojuvenil brasileira, conto Africano
Ubuntu e outras	Bodenmuller,	2020	Conto africano, Literatura infantojuvenil

histórias africanas	Celina, Fabiana Prando		
Okan : a casa de todos nós	Luciana Nabuco	2018	Ficção, Literatura Infantojuvenil afrobrasileira
Oxóssi	Carolina Cunha.	2023	Literatura infantojuvenil, Orixá
A preferida do rei	Toni Brandão,	2009	Literatura infantojuvenil brasileira
Abecedário afro de poesia	Silvio Costta,	2012	Poesia, Literatura infantojuvenil
O marimbondo do Quilombo	Heloísa Pires Lima	2010	Literatura infantojuvenil afro-brasileira
Boi da cara preta	Sérgio Caparelli	2022	Poesia, Literatura infantojuvenil brasileira
Preta, Black e La Negra	Monika Papescu	2012	Literatura infantojuvenil, Violência, Relações Sociais
Zé Murieta, o homem da capa preta	Lilian Sypriano	2007	Literatura infantojuvenil
Elza: a voz do milênio	Nina Rizzi	2023	Biografia, Cantora, Literatura infantojuvenil
Ifá, o adivinho: histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos	Reginaldo Prandi	2002	Literatura infantojuvenil brasileira, folclore
O saci e o curupira e outras histórias do folclore	Joel Rufino dos Santos.	2002	Folclore, Saci - pererê (personagem lendário), Curupira
O Saci verdadeiro	Olívio Jekupé	2021	História em quadrinhos, indígena, Saci - pererê (personagem lendário)
Ubuntu e outras histórias africanas	Bodenmuller, Celina, Fabiana Prando.	2020	Conto africano, Literatura infantojuvenil
À sombra da mangueira: Angelo Abu, alunos do Hakumana		2021	Literatura infantil, Africanismo

ANEXO C - LITERATURA AFROCENTRADA NA BIBLIOTECA CAP- UFRJ

TÍTULO	AUTOR	ANO	ASSUNTO ENCONTRADO NO CATÁLOGO DO MINERVA
Rosa: Rosa Parks	Leonardo Malavazzi	2019	Biografia, Literatura infantojuvenil
Gente pequena, grandes sonhos: Martin Luther King Jr.	María Isabel Sánchez Vegara	2024	Literatura Infantil , Ativistas pelos direitos humanos
Carolina Maria de Jesus	Orlando Nilha	2019	Biografia Literatura infantojuvenil
Mandela: o africano de todas as cores	Alain Serres e Zaü	2013	Mandela, Nelson 1918-2013, Literatura infanto-juvenil.
Mãe África : mitos, lendas, fábulas e contos	Celso Sisto	2007	Literatura infanto-juvenil, Contos africanos
Lendas da ÁFRICA	Julio Emilio Braz	2005	Literatura infanto-juvenil
Ifá, o adivinho : histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos	Reginaldo Prandi	2002	Literatura infanto-juvenil
O papagaio que não gostava de mentiras e outras fábulas africanas	Adilson Martins	2008	Literatura infanto-juvenil, Fábulas africanas -- Literatura infanto-juvenil
Enrilé: o caçador e outros contos africanos	Adilson Martins	2008	Literatura infanto-juvenil, Contos africanos -- Literatura infanto-juvenil
Ombela: a origem das chuvas	Ondjaki	2014	Literatura infantil angolana, Cultura -- Angola, Mito - -- Angola
Contos africanos para crianças brasileiras	Rogério Andrade Barbosa	2004	Literatura infanto-juvenil
A mentira da verdade	Joaquim de Oliveira	2015	Literatura infantojuvenil africana
Lendas da África moderna	Heloísa Pires Lima	2010	Literatura infanto-juvenil, Lendas africanas
Duula: a mulher canibal	Rogério Andrade	2002	Literatura infanto-juvenil
Krokô e galinhola: um conto africano	Maté	2008	Literatura infanto-juvenil, Contos africanos
Seis contos africanos: sobre a criação do homem	Raul Lody	2007	Literatura infanto-juvenil, Contos africanos -- Literatura infanto-juvenil
Histórias para boi pensar: três lendas africanas em cordel	Arlene Holanda	2013	Cordel, Literatura infantojuvenil africana, Lendas -- África -- Literatura infantojuvenil
O casamento da princesa	Celso Sisto	2009	Literatura infanto-juvenil Contos africanos

Escola de chuva	James Rumford	2012	Contos africanos -- Literatura infanto-juvenil.
O baú das Histórias	Gail E. Haley	2005	Literatura infantojuvenil
Histórias africanas para contar e recontar	Rogério Andrade Barbosa	2001	Literatura infanto-juvenil
Tudo bem ser diferente	Todd Parr	2002	Literatura infantil, Respeito às diferenças
Batuque de cores	Caroline Desnoëttes, Isabelle Hartmann	2009	Literatura infanto-juvenil
Como as histórias se espalham pelo mundo	Rogério Andrade Barbosa	2013	Literatura infanto-juvenil
Canção dos povos africanos	Fernando Paixão	2010	Literatura infanto-juvenil
Eleguá e a sagrada semente de cola	Carolina Cunha	2007	Literatura infanto-juvenil
As panquecas de Mama Panya	Richard Chamberlin	2005	Literatura infanto-juvenil
Berimbaú	Raquel Coelho	1993	Literatura infantojuvenil brasileira.
Histórias de Ananse	Adwoa Badoe	2005	Literatura infanto-juvenil, Contos africanos , África -- Literatura infanto-juvenil
O espelho dourado	Heloisa Pires Lima	2003	Literatura infanto-juvenil Contos africanos
Histórias encantadas africanas	Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	2011	Literatura infanto-juvenil
Toím, cadê você?	Tamires Lima	2022	Literatura infantil, Literatura negra -- Brasil, Cabelo -- Mulheres negras
Bia na África	Ricardo Dreguer	2017	Literatura infantil Diversidade África
O presente de Ossanha	Joel Rufino dos Santos	2000	Literatura infanto-juvenil
O pequeno príncipe preto	Rodrigo França	2020	Literatura infantojuvenil brasileira, Negros -- Identidade racial
A pele que eu tenho	bell hooks	2022	Literatura infanto juvenil americana, Poesia, Antirracismo
Alariá, a princesa guerreira	Sinara Rúbia	2019	Literatura infantojuvenil Literatura afro-brasileira
Caderno sem rimas da Maria	Lázaro Ramos	2018	Literatura infantojuvenil. Empoderamento Representatividade
As tranças de Bintou	Sylviane A. Diouf	2004	Literatura infanto-juvenil
E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas	Emicida	2020	Literatura infanto-juvenil
A cor de Coraline	Alexandre Rampazo	2021	Literatura infantil , Diversidade étnica , Cor da pele
Caderno de rimas	Lázaro Ramos	2010	Literatura infantojuvenil

do João			
Kofi: e o menino de fogo	Nei Lopes	2008	Literatura infanto-juvenil
O filho do vento	Rogério Andrade Barbosa	2013	Literatura infanto-juvenil
Betina	Nilma Lino Gomes	2008	Literatura infanto-juvenil
Pretinho, meu boneco querido	Maria Cristina Furtado	2001	Literatura infanto-juvenil
Kriku e a feiticeira	Linda	2011	Contos africanos, Literatura infanto-juvenil
Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre	Janaína Amado	2012	Literatura infanto-juvenil
Histórias da Preta	Heloísa Pires Lima	2023	Literatura infanto-juvenil
Nina África: Contos de uma África Menina Para Ninar Gente de Todas as Idades	Lenice Gomes	2009	Literatura infanto-juvenil, Contos africanos
Bruna e a galinha d'Ângola	Gercilga De Almeida	2001	Literatura infanto-juvenil, Lenda africana, Literatura infanto-juvenil

ANEXO D - LITERATURA AFROCENTRADA NA BIBLIOTECA FLORESTA DE LIVROS - COLÉGIO PEDRO II

TÍTULO	AUTOR	ANO	ASSUNTO ENCONTRADO NO CATÁLOGO DO ACERVO CORRENTE
Brasil Africano	Marina de Mello e Souza	2007	Contos africanos, escravo, capoeira e jongo
Alafiá: a princesa guerreira	Sinara Rúbia	2019	Contos africanos, imaginário, escravo
As tranças de Bintou	Sylviane A. Diouf	2010	Contos Africanos
Bichos da África 1: Lendas e fábulas	Rogério Andrade Barbosa	2006	Contos Africanos
Bichos da África 2: Lendas e fábulas	Rogério Andrade Barbosa	2006	Contos Africanos
Bichos da África 3	Rogério Andrade Barbosa	2006	Contos Africanos
Bichos da África 4	Rogério Andrade Barbosa	2006	Contos Africanos
Bruna e a galinha d'Angola	Gercilga de Almeida	2012	Contos Africanos,
A chuva de manga	James Rumford	2005	Contos Africanos, meio ambiente, diversidade cultural, estação do ano, reciclagem
De grão em grão: o sucesso vem na mão	Katié Smith Milway	2008	Contos Africanos
Escola de chuva	James Rumford	2012	Contos Africanos, incentivo à leitura, suspense
Galinholas e o escambo	Maité	2010	Contos Africanos, animais, curiosidade, África, amizade
História da Preta	Heloísa Peres Lima	2005	Contos Africanos, diversidade cultural
Krokô e galinholas	Maité	2008	Contos Africanos, animais, África
Mestre Tamoda e outros contos	Xitu	2014	Literatura Africana, Postura Crítica, aprendizagem
Contos Africanos	Ernesto Rodríguez Abad	2012	Contos Africanos, Medo, rio, barco de papel, árvores, selva, negra, baobá
Delírios	J. D. Cordeiro da Malta	2013	Formação, literatura africana
Espontaneidade da minha alma	José da Silva, Maria Ferreira	2014	Literatura Africana, Poesia, Angola
Nga Mutúti	Alfredo Bromi	2013	Literatura Africana, memória, identidade
O amigo do Rei	Ruth Rocha	2008	Contos Africanos, Escravidão, Amizade, Quilombo
O cabelo de Cora	Ana Zarco câmara	2014	Contos, Cabelos, relações étnico-raciais
Obax	André Neves	2010	Contos Africanos, Cultura Africana, aventuras, tradição oral
Os tesouros de	Sonia Rosa	2009	Contos Africanos, cartas e bilhetes,

Moinfa			identidade, relação avé- neto, ancestralidade
Por que o elefante tem tromba	Claudia Lloyd	2012	Contos Africanos, animais
Quando as cores foram proibidas	Monika Feth	1998	Contos, autoritarismo, preconceito, ditadura, política, respeito às diferenças
Romeu e Julieta	Ruth Souza	2009	Amizade, diversidade, borboleta
Sagrada Esperança	Agostinho Neto	2013	Formação, Literatura africana, Poesia
Senegal: o caminho da escola	Anna Obiods	2011	Contos Africanos, Cotidiano, Cultura Africana, Cabelo
Sobreviver em Tanafal de Santiago	Antonio Jacinto	2013	Formação, Literatura africana, poesia
Sou Negro	Nildo Lage	2008	Contos Africanos, Escravidão, Negros
Um sonho: um desejo, a verdade	Zélia Mara Warderley Dantas	2010	Contos, Abolição, Negros
O cabelo de Lelê (CD audiolivro)	Valéria Belém	2019	Contos, Cabelos, Diversidade, relações étnico-raciais
O pequeno príncipe preto para pequenos	Rodrigo França	2020	Contos Africanos, Identidade, Personagens negros, baobá, ancestralidade
A mãe que voava	Caroline Carvalho	2018	Família, personagens negros, imaginário infantil, relação pais e filhos, mãe e filha
Mussá: um conto popular africano	Maria Clava Cavalcanti	2015	Contos Africanos, fábula, resiliência, animais
O jabuti e a onça	Augusto Pessôa	2019	Fábula, Contos Africanos, poder, inteligência
O bicho mais poderoso do mundo	José Bocca	2019	Contos Africanos, humor, animais, comportamento
Não derrame o leite	Stepham Davies	2015	Contos Africanos, valores, persistência, autonomia, amor
A menina que abraça o vento: a história de uma refugiada congoleza	Fernanda Paragecassu	2017	Contos Africanos, República Dominicana do Congo, Refugiados
A ovelha vai à escola todos os dias: provérbios africanos para ler e refletir	Rogério Andrade Barbosa	2019	Contos Africanos, Livro infantil
Tanto, tanto!	Trish Cooke	2008	Família, história, festa, surpresa, aniversário, personagens negros
Pandolfo ereba	Eva Furmari	2010	Príncipes e princesas, humor, aparência, respeito às diferenças, preconceito
Da minha janela	Otávio Jr	2019	Contos, favelas, Cotidiano, observação, paisagem , Rj
A guerra do pão com manteiga	Dr. Seuss	2018	Contos, disputa, respeito às diferenças, rimas
Ombela: a origem das chuvas	Rachel Caiano	2016	Contos Africanos, Lendas, Sentimentos, criacionismo
Cinderela e Chico	Adaptado por	2015	Personagens negros, escravidão

Rei	Cristina Agostinho Cristina Agostinho		
Gabriela: a princesa de Daompe	Martha Rodrigues	2013	Contos Africanos, personagens negros, memória, ancestralidade, diálogo
Leite como uma gordinha	Malu Jimenez, Claudia Reis, Rosane Gomes	2022	Contos, Preconceitos, respeito as diferenças, diversidade, personagens negros
Mizu e a estrela	Margarida Cristina Vasques	2012	Contos Africanos, Cultura Africana, amizade, lendas, povo Shon
Afra e os 3 lobos guarás	Adaptado por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões	2013	Versões clássicas, personagens negros, aventura, respeito, curiosidade
Chico Juba	Gustavo Gaivota	2011	Contos Africanos, Cabelo, autoestima, identidade, personagens negros
Cheirinho de neném	Patrícia Santana	2011	Família, personagens negros, irmãos, nascimento, bebê
A princesa e a ervilha	Rachel Isadora	2011	Contos Africanos, príncipes e princesas
Rapunzel e o Quibungo	Adaptado por Cristina Agostinho e Ronaldo Simões	2012	Versões Clássicas, personagens negros, aventura, príncipes e princesas
Poemas para ler com palmas	Edmilson de Almeida Pereira	2017	Coletâneas de poesias, capoeira, jongo, Congado, orixás
Entremeio sem babado	Patrícia Santana	2007	Contos Africanos, Personagens negros, curiosidade, nomes
Betina	Nilma Lino Gomes	2009	Contos Africanos, cabelo, autoestima, identidade, personagens negros
E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas	Emicida	2021	Contos, medo do escuro, coragem, personagens negros, rimas
A colecionador de pedras	Prisca Agustoni	2014	Contos, amizade, personagens negros, observação
Minha mãe é negra sim	Patrícia Santana	2008	Contos Africanos, Identidade, Personagens negros
Koumba e o tambor diambé	Madu Costa	2009	Contos Africanos, música, instrumentos, personagens negros, respeito as diferenças, identidade
Omo - oba: histórias de princesas	Kiusam de Oliveira	2009	Conto africano, ancestralidade, lendas, culturas populares
Que cor é a minha cor	Martha Rodrigues	2005	Contos Africanos, personagens negros, identidade
Meu crespo é de rainha	bell hooks	2018	Contos Africanos, Cabelo, autoestima, identidade, personagens negros,
Pretinho de neve e os sete gigantes	Rubem Filho	2013	Versões clássicas, aventura, personagens negros, tanzânia
O mundo começa na cabeça	Prisca Agustoni	2011	Contos Africanos, cabelo, autoestima, identidade, personagens negros
Wangari Maathai: a mulher que plantou	Franck Prévot	2013	Contos Africanos, biografia, Maathai, Wangari, preservação da natureza

milhões de árvores			
Orum Ayê: um mito da criação	Raimundo Matos de Leão	2014	Conto Africano, orixás, lendas, ancestralidade, religião
Dandara: seus cachos e caracóis	Maíra Suertegaray	2018	Contos Africanos, personagens negros, ancestralidade, identidade, cabelo, respeito as diferenças
Amoras	Emicida	2018	Artes, artista, música, personagens negros, autoestima, respeito as diferenças
Amor de cabelo	Matthew A. Cherry	2020	Conto africano, cabelo, identidade, autoestima, personagens negros
Sulwe	Lupita Nyong'o	2019	Contos Africanos, bullying, aparência, preconceito, personagens negros
Contos do babobá: 4 contos da África Ocidental	Adaptado por Maté	2017	Contos Africanos, tradição oral, griot, esperteza
O pequeno príncipe preto	Rodrigo França	2020	Contos Africanos, identidade, personagens negros, baboá, ancestralidade,
Alafá e a pantera que tinha olhos de rubi	Marcel Tenório, Theo de Oliveira	2015	Contos Africanos, Aventura, cotidiano, lendas, fogo
Sinto o que sinto	Lázaro Ramos	2019	Conto africano, sentimentos, ancestralidade
Kakopi, Kakopi: brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos	Rogério Andrade Barbosa	2019	Contos Africanos, Cultura Africana, Brincadeira
Caderno sem rimas da Maria	Lázaro Ramos	2018	Conto Africano, brincadeira com palavras, identidade, gênero, relacionamento familiar
A princesa e o sapo (DVD filme de animação)	Diretores John Musker, Ron Clements	2009	Versões clássicas, amizade, magia, personagens negros
Moan: DVD filme de ação	Diretores John Musker, Ron Clements	2016	Aventura, ancestralidade, lendas
Esperando a chuva	Véronique Vernet	2014	Contos, observação, natureza, esperança, personagens negros
Letras de Carvão	Irene Vasco	2016	Contos, incentivo á leitura, livros, personagens negros
Enquanto o almoço não fica pronto...	Sonia Rosa	2020	Poesia, Relacionamento familiar, comida, cotidiano, afeto, personagens negros
Mustafá	Marie Louse Gay	2019	Contos, amizade, recomeço, preconceito
O Chapeuzinho e o leão faminto	Alex T. Smith	2019	Versões clássicas, esperteza, humor, poesia, personagens negros, leão
Livros animados (DVD: episódios de animação)	Fundação Cultural Palmares		contos africanos, cultura africana, personagens negros
Heróis de todo	Fundação		Cultura africana, personagens negros

mundos (DVD: episódios)	Fundação Cultural Palmares		
Mojubá: (DVD: episódios)	Fundação Cultural Palmares		Cultura africana, relação étnico-racial, quilombo
Nota 10 (DVD: episódios)	Fundação Cultural Palmares		Cultura Africana, escola, currículo escolar
Ação (DVD: episódio)	Fundação Cultural Palmares	Cultura Africana, personagens negros, quilombo, relação étnico-racial, preconceito	

APÊNDICE - LISTA DE ASSUNTOS POR BIBLIOTECA

Biblioteca Flor de papel	Biblioteca Monteiro Lobato	Biblioteca Cap UFRJ	Biblioteca Colégio Pedro II
Abolição da escravidão, 1888	Abolição da Escravidão, 1888	África	Abolição
Afeto	Afeto	África -- Literatura infantojuvenil	Afeto
Africanismo	Africanismo	Antirracismo	África
Afro-americano	Afrodescendente	Ativistas pelos direitos humanos	Amizade
Afrodescendente	Ambiente escolar	Biografia	Amor
Alimento	Aniversário	Cabelo -- Mulheres negras	Ancestralidade
Amizade	Autoconhecimento	Contos africanos	Angola
Amor	Autoimagem	Contos africanos -- Literatura infantojuvenil	Animais
Amor ao próximo	Biografia	Cor de pele	Aniversário
Animal doméstico	Cabelo	Cordel	Aparência
Aniversário	Cantora	Cultura -- Angola	Aparência
Apartheid	Colonização brasileira	Diversidade	Aprendizagem
aspecto político	Conto	Empoderamento	Artes
Autoimagem	Conto africano	Ética	Artista
Autonomia (psicologia)	Criança	Fábulas africanas -- Literatura infantojuvenil	Árvores
Autoritarismo	Cultura africana	Lenda africana	Autoestima
Banho	Cultura Afro-brasileira	Lendas -- África -- Literatura infantojuvenil	Autonomia
Beleza física (estética)	Curupira	Lendas africanas	Autoritarismo
Biblioteca	Discriminação	Literatura afro-brasileira	Aventura
Biblioteca	Diversidade	Literatura infantil	Aventuras
Biografia	Elefante	Literatura infantil angolana	Baobá
Brincadeira	Escravidão	Literatura infanto juvenil americana	Barco de papel
Bullying	Escravo	Literatura infanto-juvenil	Bebê
Cabelo	Favela	Literatura infantojuvenil africana	Biografia
Cabelo Negro	Feminista	Literatura infantojuvenil brasileira	Borboleta
Capoeira	Ficção	Literatura negra -- Brasil	Brincadeira
Casal	Ficção brasileira	Mandela	Brincadeira com palavras
Casamento	Folclore	Mito -- Angola	Bullying
Catolicismo	História do Brasil	Negros -- Identidade racial	Cabelo
Choro	História em quadrinhos	Nelson, 1918-2013	Capoeira
Ciúme	identidade étnica	Poesia	cartas e bilhetes
Conduta	Iguadade perante a lei	Representatividade	Coletâneas de poesias
Conservação da natureza	Indígena	Respeito à diferença	Comida
Conto africano	Iorubá(Povo africano)		Comportamento
Conto maravilhoso	Literatura infantojuvenil		Congado
Cor	Literatura brasileira		Conto africano
Corpo humano	Literatura infantil		Contos
Costumes sociais	Literatura infantil angolana		Contos africanos
Cotidiano	Literatura infanto juvenil brasileira		Coragem
Criança	Literatura infantojuvenil		Cotidiano
Culto afro-brasileiro	Literatura infantojuvenil afrobrasileira		Criacionismo
Cultura Africana	Medo		Cultura africana
Cultura afro-brasileira	Mitologia		Culturas populares
Curiosidade	Mulher negra		Curiosidade
Dança	Negro		Currículo escolar
Desenho Infantil	Orixá		Diálogo
Diferença individual	Pobreza		Disputa
Direito constitucional	Poeta		Didatura
Direito do animal	Preconceito		Diversidade
Discriminação racial	Presente		Diversidade cultural
Diversão	Raça negra		Escola
Diversidade cultural	Racismo		Escravidão
Divórcio	Relações sociais		Escravo
Egoísmo	Saci - pererê (personagem lendário)		Esperança
elefante	Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade		Esperteza
Escravidão	Violência		Estação do ano
Escravidão -- aspecto histórico			Fábula
Escravidão na literatura			Família
Fala			Favelas
Família			Fogo
Família negra-- aspectos históricos			Formação
Favela			Gênero
Felicidade			Griot
Feminista			História
Filho			Humor
Folclore			Identidade
Futebol			Imaginário
Galo			Incentivo à leitura
Gênero			Instrumentos
Gravidez(aspecto social)			Inteligência
Habitat			Irmãos
Higiene pessoal			Jongo
História do Brasil			Leão
Homem			Lendas

Biblioteca Flor de papel	Biblioteca Monteiro Lobato	Biblioteca Cap UFRJ	Biblioteca Colégio Pedro II
Homossexualidade			Literatura Africana
Honestidade			Maathai
Identidade			mãe e filha
Identidade cultural			Magia
Identidade étnica			Imaginário infantil
Imaginação nas crianças			Medo
Infância			Medo do escuro
Inveja			Meio ambiente
Janela			Memória
Lactante			Música
Lactente			Nascimento
Lagoa			Natureza
Leitura			Negra
Leitura recreativa			Negros
Lenda			Nomes
Liberdade			Observação
Literatura africana			Orixás
Literatura infantil			Paisagem
Literatura infantil afro-brasileira			Persistência
Literatura infantil neozelandesa			Personagens negros
Literatura infanto juvenil			Poder
Literatura infanto-juvenil brasileira			Poesia
Literatura infantojuvenil afrobrasileira			Política
Literatura infantojuvenil americana			Postura Crítica
Literatura infantojuvenil angolana			Povo Shon
Literatura infantojuvenil inglesa			Preconceito
Literatura infantojuvenil irlandesa			Preservação da Natureza
Literatura infantil			Príncipes e princesas
Literatura infantil afrodescendente			Quilombo
Livro			Reciclagem
Lixo urbano			Recomeço
Locomoção			Refugiados
Mãe			Relação avô-neto
Marcha			Relação étnico-racial
Menino			relação pais e filhos
Mitologia africana			Relacionamento familiar
Moeda			Relações étnico-raciais
Montanha			Religião
Morte			República Dominicana do Congo
Movimento antiescravagista			Resiliência
mulher			Respeito
Mulher negra			Respeito às diferenças
Museu			Rimas
Música			Rio
Música Infantil			RJ
Natureza			Selva
Negritude (Movimento literário)			Sentimentos
Negro			Surpresa
Negro -- Brasil			Suspense
Nobreza			Tânzania
Nome próprio			Tradição oral
Orixá			Valores
Pai e Filho			Versões clássicas
Paisagem			Wangari
Palavra			
Papa			
Paternidade			
Petição			
Poder negro			
Poder negro -- aspecto histórico			
Poeia			
Poesia infantil			
Praia			
Preconceito			
Presente			
Quilombo			
Raça negra			
Racismo			
Relação étnico-racial			
Relação familiar			
Relação pai-filho			
Representação da mulher			
Representação social			
Resiliência (Traço da personalidade)			

Biblioteca Flor de papel	Biblioteca Monteiro Lobato	Biblioteca Cap UFRJ	Biblioteca Colégio Pedro II
Revelação			
Rock			
Saci-pererê (Personagem lendário)			
Samba			
Sapo			
Saúde			
Solidão			
Solidão			
Solidariedade			
Sonho			
Tecelagem			
Timidez			
Trabalho			
Transformação social			
Usuário de biblioteca			
Viagem			
Viagem ao redor do mundo			
Vida rural			